

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – MESTRADO

HELOISA HERINGER FREITAS

VIVÊNCIAS DE LAZER DAS JUVENTUDES UNIVERSITÁRIAS

Linha de Pesquisa: Estudos históricos e socioculturais da Educação Física,
esporte e lazer

VITÓRIA

2019

HELOISA HERINGER FREITAS

VIVÊNCIAS DE LAZER DAS JUVENTUDES UNIVERSITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liana Abrão Romera
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Henriques

VITÓRIA

2019

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos vão para todos aqueles que de alguma forma fizeram parte da conclusão de mais uma etapa importante da minha vida.

Primeiro agradeço imensamente a minha família por todo apoio e carinho incontestável nos momentos mais árduos desta etapa. Ao meu pai, Hermon e a minha mãe, Sabrina, que, através de suas histórias de vida e trabalho duro me deram a oportunidade de uma educação de qualidade. Ao Heitor, meu fiel irmão, agradeço pelas horas dedicadas aos conselhos e a paciência nestes últimos meses.

Agradeço as pessoas que orientaram essa dissertação. A Liana, pela confiança depositada ao longo destes anos de trajetória acadêmica, pelas orientações precisas e pelo carinho em todos os momentos que mais precisei. A Susana, pelos seus apontamentos e observações instigantes ao longo da pesquisa, pela troca de informações tão rica entre países e pela confiança ao assumir este desafio conosco.

Agradeço aos membros do grupo de estudos Andaluz pelo apoio e discussões tão ricas que auxiliaram e muito na concretização do trabalho. E aos meus amigos pela paciência nos momentos de minha ausência e pelos conselhos nos momentos mais difíceis ao longo desses dois anos.

Aos professores do curso de graduação e de pós-graduação em Educação Física do CEFD agradeço pelos ensinamentos e conhecimentos passados. A Vítor Vasquez e Raul Aragão Martins, por toda a ajuda na fase de análise de dados desta pesquisa. A Idurre e Aurora, investigadoras da Universidade de Deusto, por disponibilizarem o instrumento de coleta dos dados e ao ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa por disponibilizar os recursos estatísticos para o estudo.

Agradeço por fim à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

RESUMO

Em um cenário de valorização e de diversas possibilidades de vivências de lazer, investigar os modos com que as juventudes experienciam o lazer pode contribuir para compreender os sentidos dados as vivências, bem como as realidades heterogêneas das próprias juventudes. Por tanto, esta investigação objetivou conhecer as vivências de lazer do público jovem universitário do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Para tanto, a pesquisa se divide em três partes principais, a primeira que trata das práticas de lazer referentes às preferências, vontades e barreiras que impossibilitam a concretização das vivências de lazer do público; a segunda, que versa sobre o lazer noturno, as expectativas e os itinerários de lazer destes jovens na noite e a terceira, que observa os usos de drogas lícitas e ilícitas dos jovens no cenário do lazer noturno. Assim, trata esta investigação de uma pesquisa qualitativa descritiva com aplicação de questionário *online* em uma população de 217 graduandos (41,5% mulheres e 58,5% homens). Foram realizados intercruzamentos por meio do pacote estatístico *IBM SPSS* das preferências, vontades, tempos disponíveis e recursos de lazer dos jovens universitários, bem como as questões que envolvem o lazer noturno e consumo recreativo de drogas entre estas juventudes. As vivências de lazer desta população se apresentam a partir de um amplo repertório, o qual evidencia a procura por experiências de socialização, físico-esportivas e de descanso da rotina de vida. Identificamos que as vivências que compõe interesses turísticos, intelectuais e artísticos (com exceção do cinema) configuram os anseios de lazer entre estas jovens expressões principalmente pela falta de tempo ou de dinheiro para a realização. A pesquisa apontou também que os cenários de lazer noturno, em especial nos fins de semana, apresentam momento de ruptura com a vida corriqueira e de socialização através de uma diversidade de itinerários de lazer e que, para uma parcela da população pesquisa, são também contextos de usos de drogas. Entre os homens e mulheres investigados, 63,6% consomem bebidas alcóolicas na noite e 49% da população bebedora tem padrão de *binge drinking*, modalidade que aparece com porcentagens mais altas quando o uso é atribuído a espaços informais, como ruas e praças, potencialmente pelo menor controle regulatório do que bares e *pubs*. Quanto aos consumos ilícitos, 19,3% dos jovens estudados declaram o uso e a maconha aparece entre 95,3% destes consumos, dentre os quais 20% apresentam uso diário. Outros consumos relatados são de *ecstasy* (32,6%), solventes (14%), cocaína (9,3%). Sugerimos que estas juventudes apresentam amplo repertório de lazer com ênfase em práticas de socialização. O lazer noturno é caracterizado por diversos itinerários e pela ruptura com o cotidiano. Para uma parte dos universitários, os consumos de drogas estão intrinsecamente relacionados às pautas de lazer noturno e tangenciam questões como a expressão autônoma de suas identidades e de suas preferências, as quais, estão menos ligadas as ideias de desvio e muito mais às questões de estilo de vida e identidade nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: *lazer; juventudes universitárias; drogas.*

ABSTRACT

In a world scenario of increase and a range of possibilities of leisure experiences, to explore the way in which youths experience leisure can contribute to understanding the senses given the experiences, as well as the heterogeneous realities of the youths themselves. This research aimed to know the leisure experiences of young undergraduate students of Physical Education of the Universidade Federal do Espírito Santo. To do so, the research is divided into two parts, the first one explores leisure practices related to preferences, wishes and barriers that make it impossible for the public to experience leisure activities. The second one, which aim to know the nighttime leisure experiences and the third, which observes the use of licit and illicit drugs among the undergraduate students. This research is a descriptive qualitative investigation with application of an online survey in a population of 217 undergraduates (41.5% women and 58.5% men). The data analyze was performed through the IBM SPSS statistical package. We focused on the preferences, wishes, times available and recreational resources of young university students, as well as issues involving nighttime recreation and recreational drug use among these youths. The youth's leisure experiences have a broad repertoire, which evidences the pursuit for experiences of socialization, physical and sports practices and rest from the daily routine. We identify that the tourist, intellectual and artistic practices configure the leisure wishes among these young expressions mainly due to the lack of time or money for the realization. The research also pointed out that the nighttime leisure scenarios, especially at the weekends, show a moment of rupture with everyday life and socialization through a diversity of leisure itineraries, for a portion of the population, rare also contexts of drug use. Among the men and women investigated, 63.6% drink alcoholic beverages at night and 49% of the drinking population has a pattern of binge drinking, that appears with higher percentages when consumed in informal spaces such as streets and squares, potentially by less regulatory control than in bars and pubs. As for illicit consumption, 19.3% declare their use and marijuana appears among 95.3% of these consumptions, among which 20% have daily use. Other reported intakes are ecstasy (32.6%), solvents (14%), cocaine (9.3%). We suggest that these youths have a wide repertoire of leisure with an emphasis on socialization. The nighttime leisure is characterized by several itineraries and by rupture with everyday life To a part of the university students we suggest that drug consumption is intrinsically related to nighttime leisure patterns highlight issues such as autonomous expression of their identities and preferences, which are less connected deviant behavior, but to issues of identity and lifestyle in contemporary societies.

Keywords: *leisure; undergraduate; drugs.*

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Frequência de idade dos participantes | 63 |
| Figura 2. Significados atribuídos ao lazer noturno..... | 76 |
| Figura 3. Frequência de participante por hora que sai para o lazer noturno..... | 79 |
| Figura 4. Frequência de participante por hora que retorna do lazer noturno..... | 80 |
| Figura 5. Frequência de uso das drogas ilícitas | 90 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. Distribuição dos universitários (N=217) de acordo com a ocupação, estado civil, município que reside e com quem mora conforme sexo masculino (N=127) e feminino (N=90) | 64 |
| Tabela 2. Tempo disponível para o lazer em relação ao sexo | 66 |
| Tabela 3. Interesses de lazer preferidos em relação ao sexo | 69 |
| Tabela 4. Anseios de lazer da população em relação ao sexo | 72 |
| Tabela 5. Atividade praticadas durante o lazer noturno em relação ao sexo..... | 81 |
| Tabela 6. Frequência de consumo de álcool em relação ao sexo | 84 |
| Tabela 7. Informação sobre o consumo de álcool em relação ao sexo..... | 88 |
| Tabela 8. Frêquencia de uso de drogas ilícitas em relação ao sexo..... | 90 |
| Tabela A.1. Tempo disponível para o lazer em relação ao sexo..... | 106 |
| Tabela A.2. Interesses físicos-esportivos de lazer em relação ao sexo..... | 106 |
| Tabela A.3. Interesses sociais de lazer em relação ao sexo..... | 107 |
| Tabela A.4. Interesses intelectuais de lazer em relação ao sexo..... | 107 |
| Tabela A.5. Interesses artísticos/culturais de lazer em relação ao sexo..... | 108 |
| Tabela A.6. Interesses turísticos de lazer em relação ao sexo..... | 110 |
| Tabela A.7. Interesses virtuais de lazer em relação ao sexo..... | 110 |
| Tabela A.8. Itinerários noturnos de lazer em relação ao sexo..... | 111 |
| Tabela A.9. Interesses de descanso/fazer nada em relação ao sexo..... | 111 |
| Tabela A.10. Saídas dos fins de semana em relação ao sexo..... | 112 |
| Tabela A.11. Padrão de uso em binge drinking em relação aos espaços de lazer noturno..... | 112 |
| Tabela A.12. Policonsumo de drogas entre a população universitária..... | 113 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 LAZER NAS SOCIEDADES MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS | 13 |
| 2.1 As sociedades ocidentais modernas | 13 |
| 2.1.1 O lazer moderno | 16 |
| 2.2 As sociedades contemporâneas | 22 |
| 2.2.1 O lazer nas sociedades contemporâneas | 25 |
| 2.2.2 Descontentamento com as grandes narrativas | 27 |
| 2.3 Para sintetizar | 30 |
| 3 A AMBIVALÊNCIA DO LAZER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS | 32 |
| 3.1 Lazer e o desenvolvimento humano | 32 |
| 3.2 A sociedade de consumo e o lazer | 36 |
| 3.3 Identidades e estilos de vida | 39 |
| 3.4 Usos de drogas no lazer | 40 |
| 4 LAZER NOTURNO E O USO DE DROGAS: A JUVENTUDE ENTRE A SEDUÇÃO E A REDUÇÃO DOS CONSUMOS DE PSICOATIVOS | 46 |
| 4.1. Consumo recreativo de drogas: visões controversas | 47 |
| 4.1.1 Incentivo ao consumo no lazer noturno | 48 |
| 4.1.2 Redução do consumo de drogas | 50 |
| 4.2 Espaços e tempos de lazer e uso de drogas | 51 |
| 4.3 Lazer noturno, usos de drogas e riscos | 55 |
| 4.3.1 Riscos | 57 |
| 4.4 Em linhas gerais | 58 |
| 5 METODOLOGIA | 60 |
| 5.1 Técnica de investigação e variáveis do estudo | 60 |
| 5.2 Estudo piloto | 61 |
| 5.3 Trabalho de campo | 61 |
| 5.4 Apresentação dos respondentes | 63 |
| 5.5 Tratamento dos dados | 65 |
| 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 66 |
| 6.1 Introdução | 66 |
| 6.2 Tempo disponível para o lazer | 66 |
| 6.3 Interesses de lazer dos jovens universitários | 68 |
| 6.4 O que fazem os jovens universitários nos tempos-espaços de lazer | 68 |

| | |
|---|------------|
| 6.5 Desejos de lazer dos jovens universitários | 72 |
| 6.6 Lazer noturno dos jovens universitários..... | 75 |
| 6.6.2 Onde vão à noite..... | 81 |
| 6.7 Usos de drogas no lazer noturno | 82 |
| 6.7.1 O consumo de bebidas alcóolicas..... | 83 |
| 6.7.2 <i>Binge drinking</i> | 85 |
| 6.7.3 Local de consumo..... | 87 |
| 6.7.4 Informações sobre o uso de bebidas alcóolicas | 88 |
| 6.7.5 Uso de drogas ilícitas | 89 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| REFERÊNCIAS | 95 |
| APÊNDICE A – TABELAS ANEXAS DE ANÁLISE DOS DADOS..... | 106 |
| APÊNDICE B – ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS..... | 113 |
| ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO | 115 |
| ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 124 |

1 INTRODUÇÃO

Os estudos do lazer ao longo da história são marcados por diversos processos e dinâmicas que evidenciaram nas sociedades atuais a valorização de sua experiência. Quando olhamos para o mercado profissional em torno do fenômeno, os espaços específicos e tempos e outras formas de manifestação, além da ampla literatura que atravessa os mais diversos campos de estudos acadêmicos, é possível reconhecer que o lazer foi tomando preponderância como aspecto que se traduz em infinitudes de gostos e práticas entre as diversas populações.

As inquietações que motivaram esta pesquisa se iniciaram justamente destas constatações, as quais aqui, de maneira específica, abrangem o universo dos lazers das juventudes contemporâneas. À medida que as culturas juvenis ganham seu espaço na sociedade, vão trazendo consigo símbolos, atitudes e modos de vivências ligados aos momentos de lazer (MARGULLIS, 1994; MAGNANI, 2005). Estes contextos se convertem em espaços e tempos de protagonismo para os jovens por vezes distante do mundo dos adultos, mas que também podem aparecer no imaginário social sobre olhares simplistas que homogenizam diversas dinâmicas e representações com que os jovens percebem estas experiências

Na contramão das tendências reducionistas, reconhecemos o lazer como possibilidade de livre escolha, que, principalmente entre as juventudes, abre espaço para a possibilidade de exercício da personalidade e da autonomia, dos encontros sociais e das descobertas das potencialidades humanas em torno dos contextos de experimentação (BRENNER, CARRANO E DAYRELL, 2008). Portanto, esta pesquisa objetiva conhecer as vivências de lazer do público universitário do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, por entendermos que a investigação sobre o lazer dos jovens nos traz maiores possibilidades de compreensão do repertório de práticas de lazer, dos sentidos dados a estas, bem como as dinâmicas inerentes as realidades de lazer noturno destas populações.

Este trabalho busca também, como objetivo específico, conhecer os modos de uso recreativo de drogas do público jovem no lazer noturno, seguindo as evidências de altos índices de consumo de bebidas alcólicas e substâncias ilícitas entre os universitários brasileiro (ANDRADE et al., 2010; PORTUGAL et al., 2008; SANTOS, PEREIRA, SIQUEIRA, 2013; TEIXEIRA et al., 2010) e também as pesquisas que discutem a naturalização de alguns usos, ultrapassando as barreiras das classes socioeconômicas, faixas etárias e gênero, manifestando-se em diferentes modos de consumo entre estas populações (PARKER, 1998; DUFF, 2003;

MEASHAM E BRAIN, 2005).

Ao longo da parte teórica, apresentamos três capítulos (identificados como capítulo dois, três e quatro) buscando tratar das diversas formas de manifestação que acompanham a experiência do lazer. No segundo capítulo traçamos um panorama do lazer nas sociedades modernas na tentativa de entender as transformações e os moldes atribuídos ao fenômeno nos diferentes momentos históricos até a contemporaneidade. Ao fazermos esta trilha, reconhecemos mudanças na ordem social, econômica e cultural que influenciaram as concepções de lazer se configurando na complexidade de significados e práticas percebidas no mundo de hoje.

Uma vez exposta a polissemia com que o fenômeno aparece nas sociedades contemporâneas, no terceiro capítulo discutimos o lazer como uma experiência ambivalente. Enquanto alguns estudos tratam de questões subjetivas sobre o fenômeno integradas à vida social contemporânea como as potencialidades de divertimento, de socialização, de alívio de tensões, da construção da identidade e da gratificação pessoal. Discutimos também outras linhas de estudo que contemplam, dentro do repertório do lazer, vivências ligadas aos moldes das sociedades contemporâneas como condutas consumistas, a busca por estilos de vida e o uso recreativo de drogas (CALDWELL E SMITH, 2006; FREIRE, 2013).

Partindo deste entendimento, o capítulo quatro se aprofunda nos modos de ocupação contemporâneos de lazer das parcelas juvenis na noite, que nos são aqui relevantes pela possibilidade de discutir o consumo recreativo de álcool e outras drogas como uma dentre as várias possibilidades de vivências de lazer destas juventudes. Argumentamos, portanto, que as culturas juvenis apresentam tempos, espaços, ritos, símbolos que se traduzem em modos de vivência do lazer e contextos emergentes de convivência em que o uso de drogas compõem mais uma das opções de busca por prazer e construção da identidade entre essas populações.

Após a seção teórica, no capítulo cinco são apresentadas as questões metodológicas do estudo, como o instrumento de coleta de dados, a experiência no trabalho de campo, o processo de análise dos dados estatísticos e, por fim, apresentamos os dados sobre a população jovem universitária que integrou a investigação.

Em seguida, no capítulo seis, damos abertura à discussão dos resultados originais obtidos a partir da base de dados. São apresentados três blocos: no primeiro buscamos entender aspectos gerais sobre a realidade de lazer dos jovens universitários, como o tempo disponível, as práticas, os anseios e as barreiras de lazer desta população; no segundo bloco adentramos

nas experiências de lazer noturno, apontando suas expectativas e representações, os itinerários e movimentos dos universitários através da noite. Por fim, no terceiro bloco, focamos nas questões relativas ao uso de drogas no lazer noturno, buscando conhecer os padrões de consumo principalmente a partir de argumentos sociológicos que discutem estes usos de drogas nos contextos de lazer nas sociedades atuais.

Na última parte deste trabalho são apontadas as considerações finais, as limitações do estudo e as futuras perspectivas de investigação. Em seguida apresentamos o referencial teórico, bem como os instrumentos de pesquisa e outros recursos anexos que se relacionam aos argumentos apresentados na seção de resultados e discussões.

2 LAZER NAS SOCIEDADES MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Como se configura o lazer nas sociedades contemporâneas? Essa indagação é de tão ampla resposta que possibilita várias interpretações. Constatar que o lazer no século XXI ocupa espaço-tempo cada vez mais reconhecido, trazendo uma infinidade de modos de vivências, crescimento e fortalecimento das áreas profissionais, do turismo, de espaços urbanos específicos para práticas, do mercado de consumo e da indústria de entretenimento, pode nos dar pistas de como este fenômeno se faz presente nas sociedades atuais, e, por conseguinte, como se construiu.

Pensar no lazer como objeto de análise pode nos conduzir a formas distintas de investigar esta experiência dentro de uma pesquisa. Construir um panorama sobre o lazer na atualidade requer que consideremos diversas formas de olhar para o fenômeno ao longo da nossa história, olhares estes que foram impactados pelas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, dando ao lazer, por vezes, protagonismo, propósitos, (ir)relevâncias, restrições, aberturas e estigmas. No presente capítulo focaremos em um panorama do lazer até as sociedades contemporâneas, enfatizando muitos dos significados que lhe foram atribuídos na modernidade, os quais vão provocar continuidades e descontinuidades no que tange à diversidade de vivências experimentadas na atualidade.

2.1. As sociedades ocidentais modernas

Na árdua tarefa de mesclar as inúmeras concepções que existem sobre o lazer moderno, não pretendemos esgotar aqui todo o repertório já tratado por outros autores (BORSAY, 2006; MUNNÉ, 1980), mas investigar muitos dos aspectos que aparecem a partir das transformações sociais, culturais e econômicas que dão luz às discussões em torno do que nos propomos neste capítulo.

Para alguns autores, a construção do lazer moderno passa pelos diversos rompimentos com as tradições medievais advindas de movimentos como o Renascimento¹, Reforma

¹O Renascimento, movimento cultural que parte da Itália e se expande pela Europa no século XV e XVI, inaugura, entre outros aspectos, a transição intelectual entre a Idade Média e a Modernidade que resgata valores gregos humanistas, o gosto pela vida, o retorno do olhar sobre o corpo humano e sua beleza, que se manifestaram primeiramente pelas obras artísticas e mais tarde vão confluir nas obras filosóficas e na ciência.

Religiosa² e Iluminismo³ no século XVII e XVIII que provocam timidamente o aparecimento de novas estruturas marcadas por olhares diferentes sobre o mundo social, artístico, religioso, econômico e político e novas formas de organizações sociais, de costumes, de hábitos que vão se cristalizar na era industrial conduzindo a distintos ritmos de vida, de espaços, de tempos como o trabalho e o tempo livre (CLARKE E CRITCHER, 1985; BLACKSHAW, 2010). Por outro lado, argumenta-se a centralidade do lazer a partir da era industrial a qual mudaria drasticamente o cenário social com a estruturação mais rígida do trabalho (DUMAZEDIER, 1979; THOMPSON, 1967).

Contudo, independente da linha que se investiga, um ponto que se enfatiza nas mudanças que vão impactar nos moldes do lazer moderno é a relação do homem com o tempo e espaço à sua volta. A gestão de vida de sujeito moderno toma proporções distintas das civilizações agrárias, nas quais eram perpetuadas pela valorização da herança cultural passada através da experiência de vida das gerações e o convívio em comunidade. As divisões de tempo nestas sociedades não apresentavam a rigidez que percebemos em relação à delimitação dos tempos de vida inaugurada na modernidade, isto impõe, por exemplo, a impossibilidade de precisar a hora exata do dia sem referência de marcadores como “quando” percebidos por ciclos naturais como o nascer/pôr-do-sol, os quais regulavam boa parte da rotina de vida do homem pré-moderno (GIDDENS, 1991).

Harvey (1992, p.12) argumenta que as sociedades modernas trazem, no entanto, “um rompimento impiedoso com toda e qualquer tradição precedente”. A eclosão das cidades crescendo a partir dos pontos de comércio e manufatura se vê acompanhada da necessidade do fluxo de produção e de pessoas, características que fazem surgir novas funções e dinâmicas nas estruturas sociais, as quais a demarcação do tempo e do espaço passa a figurar papel essencial tanto na sua forma social como individual.

Neste contexto, a medição artificial do tempo a partir do advento do relógio e do calendário desenvolveu uma sucessão de relações reguladoras (horário, dias, semanas, meses, anos, eventos e acontecimentos históricos) que cristalizaram paulatinamente a percepção sobre

²Reforma Protestante iniciadas pelas proposições e questionamentos de Calvino e Martin Lutero às instituições eclesiais que trazem aspectos caros aos ideais burgueses: a liberação do lucro e a centralização do trabalho como edificante e moralizador do indivíduo.

³O iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico que se centrou na razão como principal fonte de legitimidade e defendia ideias como a liberdade individual, separação da Igreja do Estado e governo constitucional.

o tempo como algo contínuo e uniforme. Para o sociólogo Norbert Elias, a visão de tempo como algo linear e quantificável aparece a partir dos processos de industrialização.

Nas sociedades mais complexas, o conjunto desses símbolos do calendário torna-se indispensável à regulamentação das relações entre os homens, quer se trate da estipulação dos dias de férias ou da duração de um contrato. O conhecimento do calendário, tal como o do tempo dos relógios, é uma evidência tal que já não suscita interrogações. Já não nos perguntamos como puderam os homens coexistir, em épocas anteriores, sem a ajuda de um calendário ou de relógios, agora que esses meios se tornaram quase indispensáveis a qualquer forma de vida social (ELIAS, 1998, p. 10).

Na teoria elisiana, a delimitação do tempo tem relação fundamental com o processo de construção das sociedades modernas, pois advém de forma gradual e processual através do estabelecimento de novas formas de relacionamento que vão se expandindo e se cristalizando a ponto de compor uma cadeia de inter-relações entre indivíduos, ou seja, no processo de desenvolvimento das sociedades, à medida que se tornavam mais complexas, aumentavam as funções sociais e o grau de dependência e ordenação entre as pessoas. A relevância cronológica imposta pela modernidade cristaliza maior coordenação e interação nas atividades desempenhadas, maior disciplina nas atividades laborais do que aquelas vistas nas sociedades agrícolas e maior fragmentação dos tempos sociais.

O mesmo acontece com as relações de espaço na modernidade. Nas sociedades pré-industriais, as comunidades representavam uma pequena rede de relações entre um certo número de sujeitos, já que a locomoção de uma localidade para outra era mínima e geralmente realizada por comerciantes. A comunidade, neste contexto, contribuía para a socialização de rituais e crenças, os quais funcionavam tanto como aspecto de *segurança psicológica* no que concerne o compartilhar de tradições e práticas sociais rotinizadas, mas também como aspecto de *risco* a interpretação moral da comunidade sobre ações que não compõem a rede de práticas daquele pertinentes aquele espaço-tempo, essa última característica era principalmente acompanhada da submissão aos dogmas e tradições religiosas (GIDDENS, 1991).

A modernidade, no entanto, inaugura a separação entre o tempo e espaço, a partir das inovações como o trem a vapor, que vai possibilitar o deslocamento de indivíduos, por conseguinte, desconstruir as relações de distância e desatrelar vários dos laços das comunidades agrárias. Outro ponto que se modifica é a relação com as *inseguranças* que derivavam nas sociedades agrárias, sobretudo dos fenômenos do mundo físico, como as doenças que se alastravam entre a população e a mortalidade precoce de crianças e adultos, guerras e ataques de salteadores; riscos advindos da natureza, como enchentes, tempestades e outros fenômenos

naturais, além da coerção religiosa sobre as ações humanas, que influencia de forma mais incisiva nos padrões de comportamento das sociedades agrárias.

Na modernidade, estes riscos aparecem de forma minimizada a partir do desenvolvimento da medicina, o surgimento dos Estados-nação, que diminuem o nível de violência através dos dispositivos docilizadores e das tecnologias contra as inconstâncias climáticas, as quais passam a ocorrer agora principalmente pela ação degradante do homem sobre o ambiente natural. A era moderna se apresenta através de desenvolvimentos e planificações que centralizam no homem a possibilidade de modificar seu entorno. A diminuição do controle religioso traz responsabilidades sociais, econômicas e políticas às pessoas e aspectos como a ética aparecem menos pré-determinados pelos preceitos míticos. O homem moderno afrouxado dos laços coercitivos do mundo das tradições se vê como ente central na organização de seu meio social.

Sobretudo no século XIX, a confiança nos avanços científicos e na tecnologia que se consolida sobre a atividade humana traz as engrenagens do desenvolvimento para o que se chamava de uma nova sociedade. A utilização de métodos científicos para responder questões a sua volta denotava eficiência e passa a desenvolver a produção e a manufatura, a distribuição de mercadorias, a comunicação, o transporte, o campo da saúde e a arquitetura civil (SENNET, 2003). A confiança na modificação do entorno humano é transposta principalmente para os processos de produção fabril na Revolução Industrial e a relação com tempo se torna mais rígida, mais artificial. A modernidade inaugura a demarcação dos tempos sociais e tempos livres, não mais pautados nos fenômenos naturais, mas na disciplinalização através do relógio e do calendário.

As relações de trabalho passam a ser mais cronometradas e ocupam eixo central na organização da vida do proletariado. É, nesta fase que a gestão da rotina do trabalhador fabril passa por jornadas de trabalho que variam de 12 até 16 horas diárias, fato que confere também o aparecimento da noção de tempo livre (BLACKSHAW, 2010; PRONOVOST, 2011). A valorização das demandas modernas de tempo promove a disciplina, a superação, a competitividade como características importantes para o novo indivíduo moderno, que cristaliza aos poucos as dinâmicas da nova ordem social.

2.1.1 O lazer moderno

O lazer moderno traz consigo traços das transformações econômicas, sociais, políticas e da personalidade dos indivíduos da modernidade. A racionalização da sociedade alcança a esfera temporal, converte o tempo em categoria social que se estrutura em torno da eficiência e do cálculo. O tempo de trabalho é estruturante na vida moderna e a disciplina deste promove o aparecimento dos espaços-tempos para o lazer.

Neste sentido, podemos argumentar que as transformações dos valores sociais que caracterizam as sociedades modernas refletem uma descontinuidade do lazer das sociedades tradicionais para as modernas. Em outras palavras, aparece um processo de diferenciação ou uma especificação progressiva gerada pelos tempos demarcados e motivados fora dos momentos de trabalho que refletem na emergência de atividade dentro do tempo livre, não mais dissolvido nos tempos de vida como se via nas sociedades pré-industriais (PRONOVOST, 2011).

De forma mais clara, a gestão de vida do homem moderno sofre influência direta a partir das novas experiências em sociedade. As atividades de lazer são reflexos destas mudanças e passam a figurar modos particulares de vivência ao invés dos coletivos vistos nas sociedades pré-modernas. O caráter da participação de familiares e das comunidades em momentos de tempo livre como festivais religiosos, danças, cantorias ou manifestações pagãs encontrava-se ligado firmemente ao mundo das tradições e rituais. Mas, a partir do fortalecimento do sistema fabril e centralidade do trabalho na vida da população, muitas pessoas migraram do campo para as cidades, absorviam a cultura e os valores modernos de divisão do tempo e de disciplina laborativa, transformando os momentos vividos em comunidade em tempos sociais (de trabalho e não-trabalho) compartilhados, muitas vezes, com pessoas desconhecidas (BLACKSHAW, 2010; LE BRETON, 2011).

Interpretando este cenário a partir da cadeia de inter-relações sociais proposta por Elias (1993), o predomínio da organização social aliada à rigidez advinda da rotina laboral e a especialização das funções sociais geram no indivíduo moderno um imperativo de retidão das condutas impulsivas e o controle das excitações individuais em vista da coordenação exigida na modernidade. A rotinização da vida moderna restringe as situações em que ocorrem euforia excessiva e excitações descontroladas, que agora passam a ser vistas como constrangimentos, o que implica na noção de autodomínio dos desejos como uma virtude do indivíduo moderno.

Neste sentido, as decisões que os indivíduos tomam na modernidade são estruturadas considerando primeiramente o olhar dos outros indivíduos sobre si próprio. Mas, quando se

trata das decisões pertinentes ao lazer, o caráter de escolha passa, em primeira instância, para o “eu”, gerando neste campo uma espécie de permissividade delimitada por espaço-tempo para atividades autotélicas que geram satisfação para o indivíduo (ELIAS E DUNNING, 1992).

De forma sistematizada, os autores descrevem que o lazer gera excitações a partir de três esferas: no grau de compulsão social; nas questões relativas à personalidade e pelos elementos do lazer. A primeira diz respeito às restrições sociais que imperam sobre as vivências de emoções na vida rotineira, que na esfera do lazer são mais permitidas experimentar em público de forma menos controlada que as relações sufocantes da vida diária, entretanto em locais e situações apropriados. O segundo ponto é a questão da *personalidade* que as práticas de lazer trariam ao indivíduo. As atividades de lazer são agradáveis para si próprio e fogem aos interesses dos “outros”, mesmo dentro dos limites socialmente estabelecidos. Por fim, os *elementos do lazer* proporcionam sociabilidade e mimetização, isso é, a oportunidade de estar em companhia de outras pessoas “sem qualquer obrigação ou dever para com elas”, simplesmente pela integração e vivências de emoções reprimidas no seio social (ELIAS e DUNNING, 1992, p.179).

Outra proposta para se pensar o lazer moderno parte do autor francês Joffre Dumazedier que influenciou diversos estudos da área no Brasil. O autor entende, assim como Elias e Dunning, que o caráter de liberdade de escolha está intrinsecamente presente nas ideias do lazer na medida em que se trata de uma experiência individual, por isso postula que o fenômeno surgiu na modernidade, fomentado pela ideia da individualidade como valor social (DUMAZEDIER, 1973; 1976). Dumazedier percebe algumas transformações que estruturam a sociedade moderna, como a secularização das práticas políticas e sociais e a delimitação dos tempos sociais a partir do trabalho como estruturantes de um novo cenário. O lazer é assim visto pelo autor, como um espaço-tempo que pode proporcionar a dedicação exclusiva a atividades que trazem satisfação ao indivíduo (uma dedicação a si mesmo) e uma nova forma de sociabilidade que pode criar novos cenários e organizações para a relação social:

[...] o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34, *grifo nosso*).

O lazer aparece como oposição às obrigações da vida, sobretudo ao mundo do trabalho na modernidade e é composto por quatro características: *hedonística*, marcado pela busca da felicidade e prazer; *formado por atividades desinteressadas com o fim não utilitário*; *pessoal*,

que responde às necessidades do indivíduo (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) e de *caráter liberatório* a partir da livre escolha de atividades (DUMAZEDIER, 1979).

Aqui, podemos sugerir que o autor interpreta o lazer como parte dos direitos democráticos do cidadão moderno e não somente como tempo livre ou atividade neste espaço-tempo. O lazer apresenta caráter de desenvolvimento do indivíduo fora da ambiência rígida que a modernidade desenha a partir da revolução industrial. Sobretudo após as intensas revoltas operárias⁴ conferidas através de constantes lutas políticas e sociais através das quais os trabalhadores conseguem, entre outros direitos, a diminuição da jornada de trabalho e reconhecimento de um período de férias, seria possível pensar que o lazer poderia tomar rumos mais democráticos como pensado por Dumazedier, no entanto, tal ideal sofre inúmeras influências e proposições.

O lazer aparece como “problema social” no tempo livre do proletariado. Especialmente no início do século XX havia a preocupação por parte dos empresários sobre as práticas de tempo livre que poderiam ser desviantes⁵ aos moldes sociais da época. Gomes (2003, p.8) indica que neste momento histórico foram impulsionados estudos sobre a “necessidade de se conhecer e promover o controle social do tempo livre dos trabalhadores nos países industrializados”. Se rememorarmos que os pilares para criar a modernidade reforçavam a disciplinalização do tempo e, por consequência, do tempo de não-trabalho, este fator expõe à marginalização atividades consideradas desviantes das condutas e valores da organização moderna. O excesso de dedicação ao tempo livre é recriminado e combatido, as diversões e aos prazeres são consideradas atividades contra produtivas que se desencaixam do plano de eficiência moderna (ROJEK, 1995).

Gera-se, a partir do aparecimento de atividades desviantes, a estigmatização, o constrangimento social daqueles que se desviam da ordem. Surge a figura daquele que não se adapta aos moldes sociais e morais. As repressões das autoridades aos episódios de embriaguez popular, o controle sobre o consumo de ópio entre os trabalhadores industriais, as proibições das lutas corporais e a restrição aos jogos de azar no século XIX e XX evidenciam estes “desencaixes” que são, por conseguinte, marginalizados e punidos como condutas

⁴Reivindicações dos trabalhadores por direitos trabalhistas no começo do século XX (MELO e ALVES JUNIOR, 2003).

⁵Comportamentos ou atos que iriam contra às normas morais da sociedade (ROJEK, 1999).

inadmissíveis ao homem moderno (BAUMAN, 1998; BERGERON, 2012; MARTINIC e MEASHAM, 2008).

Mais especificamente, este processo se manifesta no lazer, segundo Rojek (1995), a partir de aspectos que se entrelaçam: o lazer como ferramenta para manutenção da ordem social necessária para a eficácia e bom funcionamento das estruturas capitalistas, o qual cria e delimita espaços-tempos específicos para tomar lugar como parques, clubes, teatros que expõem à marginalização práticas que não se adequam aos valores modernos.

Com isso, a modernidade realça uma ambiguidade: o indivíduo deseja preservar sua individualidade, mas é sujeito às forças sociais, as heranças históricas e outros elementos que tornam difícil a expressão e satisfação de si (SIMMEL, 1987). O fenômeno do lazer poderia se tornar espaço para estas expressões, mas faz parte de um emaranhado de práticas que ordenam a vida social civilizada que permite em poucos momentos a liberdade esperada para o indivíduo, forja e reforça certos tipos de personalidade e criam lugares para que o lazer aconteça.

Nesta mesma linha, o lazer se configura no final do século XIX e XX como um fenômeno social. Este fato se deve a organização de um campo acadêmico, profissional e também econômico em seu entorno. Torna-se pauta importante nas pesquisas e discursos higienistas responsáveis pela reforma social para o futuro da pátria. Há o incentivo às práticas sadias e lícitas direcionadas aos populares para ocupar as horas livres, que acarretaria na preparação do corpo do indivíduo para as atividades laborais. As ginásticas e os esportes aparecem nesse momento como possibilidades educativas e salutaras, passando a compor também parte do currículo pedagógico da educação física nas primeiras décadas do século XX (WERNECK, 2003; PEIXOTO, 2007).

No entanto, é ainda no século XX que sugerimos haver uma inflexão nos modos como o lazer é percebido. Os avanços tecnológicos na área do entretenimento e da comunicação com os rádios, as televisões e os cinemas, no desenvolvimento do mercado turístico, dos pacotes de férias, dos grandes parques temático de diversão e *resorts*, da diversidade de esportes transmitidas à distância impulsionam o lazer. Através destas tecnologias, a transmissão de valores sociais é mais rapidamente disseminada nas cadeias de inter-relações dos indivíduos. Aliando a isso, o sistema econômico capitalista apresenta sua expansão e a conseqüente mercantilização dos produtos se materializa para muitas pessoas em necessidades de consumo vinculadas principalmente aos momentos de lazer (GOMES e REJOWSKI, 2006).

Frederic Munnè (1980), outro teórico da área, discute que o lazer moderno pode ser observado a partir de duas tendências: lazer como *fenômeno burguês* e através da *concepção marxista*. A primeira compreende a trajetória do capitalismo e versa sobre o lazer através de uma controvérsia, primeiramente visto através das lentes moralistas puritanas e, posteriormente, transitando para uma visão liberal de mercado. O lazer pode ser visto nesta concepção como 1) potencial para o desenvolvimento e adaptação do homem ao meio social em constante transformação; 2) como realização pessoal e gratificação principalmente através da sociedade de consumo (*fun morality*) e 3) reconhecimento social através do consumo conspícuo de bens e signos de status social. O lazer, a priori, aparece, na modernidade marginalizado, visto como ociosidade a partir do apelo produtivo do mundo do trabalho, entretanto, ganha notoriedade quando é alinhado aos interesses econômicos burgueses como potencial de expressar signos de status e fomentar o consumo de produtos pelas massas populares.

Com a concepção marxista, Munnè (1980) escreve, como linha central, que o lazer é marcado pela alienação das massas na sociedade capitalista com o intuito de encobrir os problemas gerados por esse modelo e auxiliar na manutenção do mesmo. O tempo livre, na concepção marxista, visa o desenvolvimento da liberdade, capacidades físicas e intelectuais do indivíduo, mas que é impedido pela impossibilidade de desvincular os momentos de lazer dos momentos de trabalho e dos condicionamentos sociais. Neste cenário, a esfera do trabalho é percebida como desumanizante e as atividades de lazer se constituem somente de momentos evasivos, de distração ou fomentam o consumismo regulado pela economia.

A partir desta apresentação sobre o lazer moderno, podemos traçar algumas das transformações através dos olhares (divergentes) de alguns autores. O lazer no começo da modernidade aparece dentro da nova ordem social, fundamentalmente voltada para a esfera planificada do trabalho. Como efeito, 1) para uma parte da população, dedicar-se ao lazer é moralmente reprimido e visto como contraproducente a partir da lógica de produção industrial 2) há a necessidade de atividades de recuperação, compensatórias e de descanso, o lazer aparece com um caráter residual ao trabalho. Posteriormente, 3) há a reivindicação do tempo livre das populações operárias que inaugura direitos que dão abertura para novos espaços-tempos de lazer, entretanto pressupondo práticas higienistas. E mais tarde, o lazer se massifica, criam-se organizações para sua gestão alinhando-o ao sistema econômico como bem de consumo, indústria de entretenimento e espaços e tempos para o praticar de vivências.

2.2 As sociedades contemporâneas

Apresentado o panorama pelas sociedades modernas, adentramos no final do século XX em mundo globalizado, interconectado e dinâmico. Assistimos à aceleração dos ritmos de vida. Somos reféns do culto à velocidade, da otimização do mundo. Das primeiras horas do dia até as últimas somos bombardeados com uma sucessão de vivências e notícias que se dissolvem nos dias, nas semanas, nos meses, nos anos. Aprendemos que podemos ser eficazes, velozes, podemos ir de um ponto A a um ponto B cada vez mais rápido ou até sem sair do lugar que estamos.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001) discute que a relação que temos com os tempos e espaços nas sociedades contemporâneas foi construída ainda nos moldes da modernidade. A sociedade atual traz a herança da racionalidade científica, fomos ensinados a medir a velocidade de corpos celestes, a medir a temperatura, a inflação na economia, a produtividade, a contar as horas de trabalho, o tempo de deslocamento até um determinado local. Construímos veículos que nos movem mais rápido e atravessamos distâncias cada vez maiores em menos tempo. Comprimos os espaços através dos tempos e as redes de deslocamento entre eles.

Bauman (2001) sugere que estes, entre outros aspectos, caracterizam a primeira versão da sociedade, à qual vai chamar de *modernidade sólida*. A construção da modernidade se baseou em cálculos e métodos que visavam um afastamento da desordem do mundo medieval que transportou para todas as esferas da vida humana novos significados. Para destituir as heranças de um mundo inseguro e ameaçador veio a modelação, a ordenação, a codificação que dariam o tom a toda harmonia que se esperava da reconstrução racional de uma civilização destinada (sem dúvidas) ao progresso e a suplantar as barreiras e inconsistências que a natureza trazia. Entretanto, como discutimos, seguir o método exigia que o sujeito moderno cristalizasse valores de abnegação e de sacrifício de seus desejos mais íntimos em prol da ordem, em prol de uma tarefa coletiva de reconstrução de sociedade que com o passar do tempo se tornaria sólida e feliz.

Contudo, as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais no mundo globalizado modificaram a sociedade do final do século XX, nos afastam a cada dia de alguns alicerces que sedimentaram a modernidade sólida. A segunda versão da modernidade surge da liquefação e fragmentação de muitas das propostas primárias. Ingressamos em uma sociedade moderna de modo diferente da anterior, permanecemos com a vontade de mudança, com a

necessidade de redesenhar o nosso entorno de modo mais eficaz, mais agradável, mais tecnológico, mas a crença na chegada a um estágio próspero final se perdeu. O adiamento da satisfação e da felicidade se tornou insuportável. O trem da modernidade que rumava a todo vapor para seu ponto final sólido e feliz começou a descarrilhar seus vagões no meio do caminho.

Segundo Bauman (2001), vivemos na *modernidade líquida*. Questões relativas à organização social, a racionalidade instrumental, a fé na cooperação coletiva para o progresso com a renúncia da satisfação individual, agora dão lugar a gratificações instantâneas, às vivências privadas, livres, autotélicas, com forte vinculação com o mercado de consumo. Lemas como *Ordem e Progresso* e *Trabalha e Confia*⁶, estampados nas nossas bandeiras federais e estaduais já não nos trazem mais confiança na estação final. Modificam-se os traços antes vistos nas sociedades modernas centrando as experiências humanas não mais no trabalho para o futuro, mas em experiências para o agora. A atividade laboral continua, de fato, representando um alicerce na sociedade atual, entretanto, aparece hoje muito mais como um mecanismo ou forma para se obter as experiências satisfatórias individuais.

Diferente das modernidades sólidas, cuja tarefa era colocar ordem naquilo que causava mal-estar buscando uma harmonia duradoura, as modernidades líquidas globalizadas e interconectadas desfazem as montagens sólidas. Tudo agora é rápido e global, o fluxo de informações e mercadorias é rápido, a moda é rapidamente mutável, nada tem tempo suficiente de se fixar. Há um pluralismo de discursos, de crenças, de estilos de vida, de convicções, e estes cenários geram um estado de permanente mudança sem tempo de solidificação de costumes, de hábitos. Na vida atual predomina uma condição humana de versatilidade em meio a incerteza e a vanguarda constante de um eterno recomeço.

Essa ideia de mundo mutável, que se traduz no termo *contingência*, nos auxilia a observar que nas modernidades atuais há várias formas de estar no mundo, não há, para muitas pessoas, uma grande narrativa guia, mas diversas formas de experienciar ser humano. Amigo (2008) discute que a modernidade atual traz o *paradigma da experiência*. Os pontos fundamentais sobre os quais as modernidades líquidas se baseiam são 1) a transmutação da cooperação coletiva para a esfera do consumo. As experiências de consumo são essencialmente individuais, sacia-se e se desperta os desejos privados. Concentra-se na experiência do eu. Os

⁶ Lema da bandeira do Estado do Espírito Santo – Brasil.

esforços humanos coletivos dão lugar ao individual e o exercício da satisfação privada. 2) O adiamento das satisfações pessoais em vista do coletivo não é mais postergado, em seu lugar, preza-se pelas experiências satisfatórias momentâneas, escolhas que trazem satisfação imediata. 3) A coordenação metodológica exigida na modernidade sólida limitava a liberdade de escolha permitindo somente o que estava dentro das normas. No entanto, as sociedades atuais rechaçam as supressões da escolha e fomentam a livre eleição, por vezes, guiada pela mídia publicitária.

No plano econômico, podemos argumentar que o estado de constante procura pela segurança coletiva das modernidades sólidas sedimentava, por exemplo, a compra de produtos duráveis prezando pela segurança a longo prazo e não pelo prazer imediato da compra. Entretanto, nas modernidades líquidas, agora uma sociedade de consumidores, fundamentam-se na busca da felicidade individual, postergar o prazer se tornou insuportável com a grande oferta de experiências nas vitrines físicas e virtuais do mercado. O consumo para a durabilidade é posto de lado pela capacidade de alcançar vontades que podem mudar o tempo todo. O novo indivíduo moderno assume os aspectos do mundo líquido. A transição dessas sociedades representa o emancipar-se da supressão, das escolhas limitadas para posteriormente a liberdade de escolher o que atende às nossas necessidades individuais. Com isso a liberdade individual deixa de representar uma dura batalha travada na solidez e passa a ser agora uma tarefa individual, uma imposição do mundo líquido.

A mudança de paradigma na modernidade líquida se traduz em individualização. Perdemos a fé de que deixar de lado nossas vontades nos levariam a uma configuração futura definitiva de bem-estar. Em seu lugar, as identidades individuais são agora mais importantes que o aprimoramento coletivo, devemos usar nossos próprios recursos para chegarmos em uma condição satisfatória para nós mesmos (BAUMAN, 2001). Se antes o paradigma laboral sustentava os valores e normas da vida coletiva moderna, hoje nos concentramos em uma vida voltada para o indivíduo. “Ser um homem ou uma mulher moderna é ser um indivíduo de fato, o que significa ser livre, mas com toda a solidão da individualidade, as responsabilidades, a angústia existencial, os desejos incontroláveis, etc.” (BLACKSHAW, 2010, p.88, *tradução nossa*). Hoje somos compelidos a fazer alguma coisa das nossas vidas que seja significativa, nossa tarefa é assegurar que nossa existência não passe sem um propósito, que não passemos em branco. O sujeito moderno se caracteriza pela sua interação com os outros e com o ambiente a seu redor. Assim, é imprescindível que seja reconhecido como parte integrante desta sociedade.

2.2.1 O lazer nas sociedades contemporâneas

As mudanças nos ritmos de vida nas sociedades são ponto-chave para investigar as experiências de lazer atuais. O desenvolvimento das tecnologias deu a possibilidade de suplantarmos as longas distâncias, de realizar inúmeras tarefas em menor tempo, mas esta velocidade e procura por eficiência não nos deu maior percepção de *tempo disponível*. Boa parte da vida do ser humano é organizada em padrões temporais determinados pela dualidade do dia e da noite, das horas contadas pelo relógio e dos dias do calendário. Esta configuração marca ritmos de vida plurais, flexibilizados pelos avanços tecnológicos, como a *internet* e *smartphones*, os quais nos deixam conectados, mas impõem a velocidade e a urgência das ações, assim como a sobreposição das esferas da vida, como trabalho, estudos, família, afazeres pessoais. Se estamos trabalhando podemos estar conectados com o mundo exterior, com a família distante, combinando momentos de lazer com os amigos depois do expediente ou no fim de semana, checando as últimas notícias sobre as questões econômicas e políticas do país (SAN SALVADOR, 2009).

Cada pessoa utiliza o tempo de uma maneira distinta e esta relação também vale para os tempos destinados ao lazer através das diversas experiências, atividades, horários, espaços e intencionalidades. Esta relação se torna mais relevante principalmente sobre os tempos de lazer durante os dias da semana e os modos de lazer do fim de semana. A percepção do tempo durante a semana e o fim de semana é possivelmente distinta para aqueles que se engajam nas ocupações de vida como trabalho formal e estudo, por exemplo. A segunda-feira, para muitos, marca o início dos ritmos de obrigações e rotina de vida e enquanto a sexta-feira à noite, o sábado e o domingo podem apresentar outros significados, como a libertação da vida corriqueira.

A invasão da noite dos dias da semana e dos fins de semana passa a ser possível pela criação de cenários de lazer noturno. Aparece como tempo preponderante de lazer que se contrapõe as obrigações da vida diária e vão dando lugar à novas experiências. Há, para muitos, dualidade entre os tempos de obrigações de vida diurnos e os momentos de lazer na noite e nos fins de semana, os quais ganha notoriedade aliada principalmente ao ímpeto de busca por prazer e divertimento poucas vezes vivenciados nas ocupações rotineiras (ROOM, MÄKELÄ ET AL. 2012).

De certo há exceções quanto a estes ritmos e tempos de lazer, especialmente quando se refere aos trabalhos agrícolas e a diversificação/flexibilização dos turnos laborais nas cidades

(jornadas noturnas e sazonais), além disso, também se incluem aspectos socioeconômicos desiguais que interferem nesta dinâmica, como pessoas que fazem jornadas duplas e até triplas de trabalhos e/ou estudo, as quais lhes sobram poucas horas disponíveis para o lazer e ainda algumas questões estruturais que recaem, por exemplo, no papel mulher nos cuidados domésticos e familiares, limitando os tempos de lazer e até a percepção de liberdade das atividades corriqueiras. Contudo, apesar dos cenários desiguais, o que queremos evidenciar é que cada forma de gestão dos tempos de vida pode alterar as formas com que se manifesta os tempos disponíveis para o lazer, mesmo que tenhamos uma gama de possibilidades experiências a serem vividas (SAN SALVADOR, 2009; CUENCA AMIGO, 2010).

Assim como as transformações na categoria de tempo sofrem impacto com as mudanças na sociedade, a categoria de *espaço* também se modifica. Dizemos que comprimimos os espaços em virtude da facilidade de estar em outros locais da cidade e do mundo, além do acesso a informações de forma quase instantânea sobre os locais mais distantes do ponto em que estamos. De igual modo, estas facilidades trazidas pela tecnologia nos deixaram mais próximos de catástrofes pelo país e pelo mundo, nos transportando para guerras, massacres que parecem se materializar nas proximidades de nossas casas.

Apesar dos aspectos negativos que vivenciamos diariamente, notamos que o espaço faz parte de uma construção cultural, isto é, torna-se parte de uma diversidade de símbolos que dão ordem à vida. A mobilidade das pessoas através dos espaços e dos tempos de vida de estudo, trabalho, obrigações domésticas e de lazer se traduzem em deslocamentos pelas zonas das cidades, seja para trabalhar, estudar e para se divertir. A investigação destes movimentos gera itinerários e rotas diversificados entre o dia e à noite, entre os dias da semana e os fins de semana e feriados. Os espaços se diversificam para cada função, corporativos, domésticos e de entendimento e lazer (SAN SALVADOR, 2009).

Quando tratamos das experiências de lazer, a dimensão do espaço nos parece essencial, pois há nos cenários urbanos uma variedade de vivências, sejam esportivas, culturais e gastronômicas, artísticas, sociais. Esta dinamização dos espaços nas cidades também produz itinerários de lazer entre as populações, ou seja, o deslocamento dos grupos populacionais para acessar determinadas zonas de lazer das cidades, itinerários que podem se diferenciar pela faixa-etária, fatores socioeconômicos e gênero (SAN SALVADOR, 2009).

A apropriação do espaço urbano para vivências de lazer tem relação direta com as mudanças nas sociedades. Vão se criando infraestruturas como parques, complexos esportivos,

cinemas, teatros, *shopping centers*, bares e *pubs* e além disso, há a potencial vivência de práticas de lazer em ambientes naturais da cidade como praias e montanhas. Entendemos que na medida que aumentam as possibilidades de lazer urbano, são criados também cenários facilitadores de novos estilos de vida, assim como o inverso também pode acontecer, pois a própria criação de estilos de vida pode fomentar a abertura de novos espaços e estruturas, além da ocupação de espaços já existentes nas cidades, como os parques, praças e praias (CUENCA AMIGO, 2010).

2.2.2 Descontentamento com as grandes narrativas

O século XX desperta mudanças no que concerne o grau de importância das vivências de lazer na vida humana, assinala transformações sociais, econômicas, políticas e modifica seus significados. Encontramo-nos hoje dentro de uma nova era, uma sociedade mais tecnológica e mercantilizada que, como argumentamos acima, aponta cada vez mais para a busca da satisfação individual. Este aspecto reflete na maneira com que as pessoas experienciam o lazer atualmente. Nas sociedades atuais, o lazer apresenta uma infinidade de variáveis, tempos e espaços, mas é representado a partir da experiência individual. Uma esfera de exercício da individualidade num mundo público. Uma possibilidade de expressão de si e dos próprios estilos de vida (FEATHERSTONE, 1995).

Ao analisarmos sociologicamente o lazer nas sociedades contemporâneas, podemos sugerir três fatores que caracterizam o sistema cultural e que vão impactar diretamente no cenário do lazer. Com a modernidade, em sua fase inicial, construída de narrativas sólidas em torno das transformações necessárias para seu progresso da humanidade, uma sociedade ordenada, em todas as suas esferas, levaria a emancipação e a libertação do indivíduo; garantiria a paz, a igualdade e o bem-estar social, a segurança dos empregos, de moradia, o acesso universal à saúde e a educação. Entretanto, ao passo que estes projetos não se concretizam e dão lugar às guerras territoriais e civis, a governos totalitários, a massacres de populações, altas taxas de desemprego, dificuldades de acesso as instituições educativas e principalmente a um abismo econômico entre os ricos e os pobres, temos a tarefa de lidar com as inseguranças inerentes a estas falências e nos assegurar de trilhar nossos próprios caminhos para o nosso bem-estar (BECK, 2010).

A partir deste cenário, o próprio lazer pode se caracterizar como uma esfera de *evasão* da dura realidade que cada ser humano tem que lidar. Os momentos de lazer se tornam paralelos

as grandes preocupações, a construção simbólica de um mundo distante da realidade do dia-a-dia. Pronovost, ao discutir sobre este valor do lazer argumenta que:

Trata-se, de algum modo, da construção de um universo simbólico, relativamente distante da realidade cotidiana rotineira, universo que possui suas regras próprias e que introduz, no espaço de um instante, uma ruptura no desenrolar das atividades. O protótipo de tal universo é a festa (PRONOVOST, 2011, p.33).

O lazer se volta para a necessidade de se desligar dos pensamentos ou sensações que o indivíduo considera negativos ou desagradáveis. Trata-se de uma esfera que pode se traduzir em hedonismo, ou seja, na perseguição de momentos aprazíveis, pois se volta para o que é gratificante e prazeroso para o indivíduo. Contudo, como discutiremos posteriormente, pode haver também, a partir do caráter evasivo do lazer, pelo sensorial e emocional promovidos pelos os meios midiáticos que transmitem o consumo como uma forma de evasão e de busca pelo prazer, deturpando por muitas vezes a liberdade de escolha do indivíduo moderno (CANCLINI, 2005).

O lazer como evasão e caráter de liberdade expõe também a problematização das vivências e condutas consideradas desviantes como o uso de drogas e outras atividades (BECKER, 2008; LE BRETON, 2009; ROJEK, 1995, MARTINIC E MEASHAM, 2008; MEASHAM E BRAIN, 2005), muito embora, a atualidade venha imprimindo menor estigma aos usos e usuários, especialmente por ocasião da categoria “uso recreativo de drogas”. Os autores discutem que, sobretudo para as parcelas juvenis, o lazer representa uma oportunidade de se libertar “ao extremo” do cotidiano, de ruptura, de busca por sensações de prazer, de desinibição, de gratificação, oportunidade de socialização, de criação e legitimação da própria identidade. Os consumos e condutas de riscos se enquadram nas possibilidades de experiências de lazer como busca pelo hedonismo.

Como segundo fator de transformação da sociedade atual, Águila (2003) discute a perda de confiança e credibilidade da razão. A modernidade líquida traz consigo o pluralismo⁷ de discursos e crenças. Se as grandes narrativas do progresso humano contribuíram para a criação do imaginário de um futuro próspero e igualitário, muitas destas, no entanto, fracassaram e a confiança em seguir uma planificação racional não evitou o aumento das desigualdades socioeconômicas, das injustiças culturais e sociais e das guerras. A hegemonia que a racionalidade trouxe através das “verdades científicas” e seus modelos de se chegar ao

⁷ Coabitação de diversas e até contraditórias visões do mundo e de forma os membros de uma sociedade imaginam se inserir. (PEREZ DE GUZMAN, 1994 apud ÁQUILA, 2005, *tradução nossa*).

progresso entraram em crise, dando lugar ao pluralismo de pensamento, a diversidade de opiniões (BECK, 2010). Para Águila:

É dizer que, se não existe uma ideologia unitária, se os grandes relatos legitimadores de uma cultura comum se diluíram, não podemos esperar mais que um pluralismo de valores, de expressões culturais, de estilos de vida e, enfim, da própria identidade pessoal (ÁGUILA, 2005, p. 137).

Tendo isto em vista, o cenário do lazer representa uma pluralidade de manifestações, funções e significados sociais. Há uma grande variedade de vivências de lazer e muitas delas são desenhadas dentro do universo do consumo como formas de desfrute momentâneo. Esta tendência se manifesta através de um sistema de “bricolagem” de várias formas que se convertem na diversidade de estilos de música, programas de televisão, de filmes, na moda. Os esportes tradicionais, por exemplo, dão origem às novas modalidades desenhadas para gratificação instantânea (passeios de aventura, escaladas, *rafting*, trilhas). As atividades clássicas de academia abrem espaço para o *spinning*, aulas de lutas, *fitdance*, *crossfit*, *bodypump* etc. Os espaços de lazer noturno demarcam físico, sensorio e simbolicamente os locais das cidades pós-industriais com uma diversidade temática (*Punk*, *Geek*, mexicano, restaurantes *Argentinos*, *italianos*, *japoneses*; bares irlandeses, *lounges* de estilo americano) que trazem à experiência distintas e instantâneas a gosto do cliente.

O terceiro ponto, *a fragmentação moral*, aparece do alicerce lógico da modernidade que se inicia no processo de secularização das práticas políticas a partir do distanciamento dos valores religiosos para então se centrarem na autoridade racional-legal. Se na modernidade sólida a derrubada dos mitos divinos revelou um indivíduo capaz de ordenar seu entorno social e criar ferramentas para planificar o progresso, nas modernidades líquidas, a consequência deste processo levaria muitas pessoas a desconfiarem de muitas práticas doutrinárias da própria modernidade. Águila (2005) argumenta que este cenário move o indivíduo atual para o presentismo⁸ e para a prática de atividades que trazem prazer ao indivíduo.

O lazer, nesta perspectiva passa a ser representado em seu sentido pessoal e instantâneo. Cada experiência é diferente da vivência do outro, expressa-se a autonomia de escolhas, entretanto permeada por um sistema econômico que enfatiza as experiências através da personalização e da efemeridade e da obsolescência dos produtos.

⁸Relação com a carência de horizontes, com a falta de referentes estáveis com que podemos caminhar, com a ruptura da linearidade viral que caracterizava as sociedades modernas (ÁGUILA, 2005, p. 139).

Pronovost (2011) identifica esse lazer como uma oportunidade de expressão da identidade social e discute que esta perspectiva se vê atrelada ao:

[...]caráter de desejabilidade na medida em que ele representa uma ocasião de definir e de exprimir uma imagem simbólica coerente e gratificante de si mesmo, à qual respondem ordinariamente os atores por mecanismos de reforço ou aceitação. Nos termos da linguagem cotidiana, encontra-se a ideia de ser a si mesmo, de ser mais natural ou mais verdadeiro, mais espontâneo (PRONOVOST, 2011, p.33-34).

Hoje podemos construir nosso lazer como bem entendemos, de forma pessoal e diferenciada, através do amplo espectro cultural que é plural e mestiço, que deixa à disposição do indivíduo uma diversidade de experiências *à la carte* que fomentam ao mesmo tempo a busca por prazer e a necessidade da expressão da identidade com forte vinculação ao mercado de consumo atual.

2.3 Para sintetizar

Temos evidenciado neste capítulo, ideias sobre alguns significados e sentidos que o fenômeno do lazer traz na modernidade que acompanha o processo de construção da sociedade. Se, a partir da planificação inicial da modernidade, o lazer adquiriu valor compensatório vinculado ao descanso das atividades de labor, foi outras vezes moralmente repudiado ou relacionado ao tempo de ociosidade que fomentava hábitos improdutivos e desviantes, como adição alcoólica, brigas corpo-a-corpo e jogatinas e ainda integrou às políticas higienistas no início do século XX. No decorrer do século XX e XXI, a partir das contingências na própria esfera social, o lazer passa a se apresentar também como espaço-tempo de experiências, através de uma diversidade de manifestações, vivências e práticas, diferencia-se a partir de cada indivíduo, representando uma esfera íntima praticada dentro de mundo cultural público marcado pelo fortalecimento do mercado de consumo e da globalização, pela liberdade de escolha individual, criação de espaços, tempos e estilos de vida (BLACKSHAW, 2010).

O lazer, agora menos gerido pelas regras sociais modernas tradicionais, assume, mais do que qualquer outra atividade, a tarefa de dar sentido à vida humana, como busca de propósito existencial frente às inconstâncias da dura vida cotidiana. Contudo, toda esta liberdade de escolha *à la carte* da sociedade contemporânea esconde suas contradições: ao mesmo tempo que em que impera a busca por prazer através do lazer, marginalizam-se manifestações e vivências consideradas desviantes da norma, criando sentido de ambivalência sobre o

fenômeno, ou seja, uma dificuldade de representar toda a complexidade de manifestações que o campo do lazer alcança e esta é a temática que iremos discutir no capítulo seguinte.

3 A AMBIVALÊNCIA DO LAZER NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

As ideias desenvolvidas neste capítulo têm seu ponto de partida na exposição sobre o lazer que foram tratadas no capítulo anterior. Se, na modernidade sólida, o princípio de liberdade individual aparece como um marco social, contrariamente, os modos de lazer categorizados fora do controle e da ordem moderna são marginalizados e reprimido (ROJEK, 1995; WILLIAMS, 2009). A modernidade atual tem o seu epicentro nas questões individuais e em aspectos como a satisfação pessoal através de experiências dando abertura para a vivências de diversas formas de lazer, mas ainda refletindo características da modernidade sólida (BAUMAN, 2001; BLACKSHAW, 2010).

Investigaremos neste capítulo o lazer em sua forma paradoxal a partir de um exercício reflexivo acerca das possibilidades do fenômeno para o desenvolvimento humano, mas também sobre questões ligadas à indústria do consumo e aos usos recreativos de drogas. Portanto, propomo-nos dirigir o olhar sobre o lazer na vida humana, por vezes representando tempos-espacos potencializadores de experiências de crescimento identitário, satisfação pessoal, sociabilidade e pertencimento, e também como contexto que possibilita facetas ligadas ao uso recreativo de drogas e condutas consumistas que aparecem cada vez mais como característica das sociedades contemporâneas, sobretudo quando falamos nas culturas juvenis (FREIRE, 2013; GÓMEZ, s/d, ROMERA, 2008).

3.1 Lazer e o desenvolvimento humano

O lazer se constitui como um fenômeno polissêmico, isto é, tem em torno de si vários sentidos dependendo de cada indivíduo. No entanto, a partir do imaginário social, atribui-se comumente ao lazer a oportunidade de contato com vivências que trariam benefícios aos participantes, como as atividades físicas, que repercutem, por exemplo, através de campanhas de saúde pública governamentais (SHINEW E PARRY, 2005) e também tempo de descanso, férias, desocupação, diversão e entretenimento (GOMES, 2007). Além desses aspectos, o lazer traz em seu repertório uma gama de questões subjetivas que podem ser potenciadoras não só para a saúde física, mas também em aspectos inerentes à vida do próprio sujeito, como motivações, valores, interesses (CUENCA, 2000).

A ideia do lazer como um fenômeno multidimensional representa muito mais do que entendê-lo como a mera possibilidade de usufruir do tempo disponível através de uma atividade, já que nem todo tempo disponível ou atividade é suscetível à definição de lazer. Contudo, objetivamos argumentar acerca de como o fenômeno contribui para as esferas de desenvolvimento pessoal.

Manuel Cuenca, estudioso do lazer, propõe que pensemos o fenômeno a partir da experiência que é gerada e não através de uma atividade. Isto é, o autor argumenta que apesar do lazer, no imaginário coletivo, ser comumente relacionado ao descanso, as férias, ao espetáculo e à diversão, o fenômeno não deveria ser classificado como uma atividade ou um espaço-tempo, mas uma experiência que teria como sentido o desenvolvimento humano no que concerne o autoconhecimento, a busca de sentido da vida, da felicidade e da satisfação pessoal (CUENCA, 2014).

Este argumento sobre a experiência tem relação direta com o grau de pessoalidade que apontamos através das ideias de Elias e Dunning (1992, p.179) no capítulo anterior. O lazer seria a única esfera da vida em que o indivíduo pode decidir sobre sua própria satisfação sem levar em consideração a decisão dos outros sobre o que se propõe a fazer. A partir daí, Cuenca propõe que, para que se entenda o significado de uma experiência de lazer, deve-se direcionar o olhar para o praticante e não para a prática. Assim, o marco de referência é sempre centrado no sujeito, pois a experiência seria intransferível, mesmo que se compartilhe com outras pessoas.

De forma mais detalhada, o predomínio emocional da experiência de lazer para o indivíduo tem relação direta com a ideia proposta por Jorge Larrosa Bondía quando destaca que “a experiência é o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. O que o Manuel Cuenca elucida então é que a experiência de lazer não é algo que parte da razão, mas sim se origina das emoções e sensações que fomenta, fator que reforça a descentralidade da atividade e localiza o indivíduo como protagonista deste lazer. Este ponto é central para entender a diversidade que há nas vivências de lazer, já que o que “toca” (como experiência) determinada pessoa no lazer pode ser distinto para outra, assim como contextos e tempos dedicados ao lazer são também distintos entre a população.

Outro aspecto apontado por Cuenca é o caráter de *livre satisfação* que o lazer pode proporcionar por se tratar de uma esfera livre de obrigações da vida cotidiana, em que o indivíduo opera como principal agente e pode fazer o que lhe dá prazer. Tendo como pano de

fundo as sociedades atuais, as quais a vida cotidiana é cada vez mais apressada, rígida e massacrante, as vivências de lazer operam fora dos compromissos obrigatórios, ou seja, o caráter hedônico desafia a regularidade, a constância e o controle que a rotina na vida contemporânea obrigaria. Esta faceta do lazer se liga também aos aspectos evidenciados por Cziksentmihalyi (1990), autor que, apesar de não pertencer diretamente aos estudos do lazer, se faz bastante presente na produção científica da área, através de investigações que ilustram o lazer como uma ação individual de livre escolha.

Cziksentmihalyi desenvolve a teoria do *flow*, que consiste no entendimento de uma experiência de lazer autotélica, a qual se torna tão gratificante a ponto de absorver o indivíduo de tal maneira que o seu entorno não é tão mais importante, ou seja, o indivíduo se percebe em um estado mental de profunda satisfação, gratificação que acarreta em crescimento pessoal. O *flow* é entendido como um estado experiencial atrelado a práticas escolhidas pelo indivíduo que geram sentimento de euforia, uma *experiência ideal* de completo envolvimento intrínseco em uma atividade que não se tem acesso no dia-a-dia conturbado. O autor descreve que se pode experienciar o *flow* a partir de práticas que 1) são desafiantes e requerem habilidades e empenho para realizá-las (aspecto também importante para Cuenca), 2) que necessitam de atenção para transpor o desafio apresentado, ou seja, o indivíduo é completamente protagonista da cena que se encontra e não um participante-passivo; 3) este estado de atenção move as outras questões da vida para a margem do pensamento; 4) um estado de controle se protagoniza no indivíduo que, como consequência, 5) produz-se a perda da autoconsciência ou uma evasão do mundo real 6) e modifica a percepção do tempo-espaço ao seu redor.

As ideias de Cziksentmihalyi (1990) apresentam relevante impacto quando se contrasta as situações ordinárias da vida que pressupõe conflitos, pressões, preocupações externas, ansiedades quanto as expectativas geradas pela vida corriqueira, as quais podem evidenciar a falta de controle sobre os eventos que nos impactam diariamente. As experiências de lazer nesta teoria apresentam um cenário que deslocaria os aspectos conflitantes do mundo real para um lugar secundário dando enfoque total no indivíduo realizante da prática livremente escolhida e propiciaria crescimento pessoal através do desempenhar de tarefas complexas que exercitem a criatividade.

No entanto, algumas ponderações devem ser feitas quanto ao acesso à experiência do *flow*. Podemos argumentar que entre os gêneros podem haver diferentes percepções da experiência de lazer. Os contextos culturais de vida influenciam em experiências distintas que impactam na motivação intrínseca para a realização de práticas de lazer. Isto é, se a jornada

diária da mulher em relação ao trabalho, as obrigações familiares e domésticas preencherem mais seu tempo disponível quando comparamos aos homens (ROSA e SILVA, 2017), podem existir barreiras quanto à disponibilidade de tempo, maiores preocupações, situações estressantes, que concomitam em empecilhos para realizar atividades que poderiam dar abertura para o estado de *flow*. Apesar de entendermos que os contextos de lazer representam mais para o público feminino mais do que nunca a oportunidade de satisfação pessoal e de resistência a alguns papéis impostos tradicionalmente à mulher (GREEN, 1998), podem existir nas oportunidades de lazer. Cabe salientar, como outro ponto, que a necessidade de se adquirir habilidades para vivências dos estados de *flow* se apresenta como outra barreira, pois algumas pessoas podem não querer escolher atividades com grande requerimento de esforço físico e mental por não se sentirem capazes de realizadas.

A algumas características comuns entre Cuenca (2014), Cziksentmihalyi (1990) devem ser ponderadas. Quanto às vivências de experiências de contemplação e satisfação, o grau de instrução e desenvolvimento pessoal deve ser levado em conta. A experiência de satisfação duradoura ocorreria quando os conhecimentos e habilidades do indivíduo equiparam à experiência de lazer a ser realizada, do contrário a prática pode dar desfeixo ao tédio. Esta perspectiva demarca, no entanto, uma possível dificuldade ou intangibilidade de realização destas experiências de lazer enquadradas nas teorias discutidas, pois denotam a necessidade de uma construção de conhecimento ou repertório de habilidades do sujeito praticante para acessar estas experiências. Esta constatação, principalmente no contexto brasileiro, em que muitas vezes os direitos básicos, principalmente ao lazer, não são cumpridos e que grande parte da população declara não ter tempo para as práticas de lazer, podem ser barreiras para esta concretização (BAHIA e BRITO, 2017).

As habilidades para a prática são essenciais também na teoria de outro pesquisador da área, Robert Stebbins, que nos traz a categoria de *Lazer Sério* (1982). Para o autor, quando se realiza uma atividade que se torna tão substancial e satisfatória, o participante desenvolve uma “carreira” em torno desta, buscando adquirir habilidades, conhecimento e experiência. Esta investigação surge com sujeitos que percebiam “se dedicar a algo com seriedade e com empenho” nos momentos de lazer. O *Lazer Sério* apresenta ao participante um compromisso com a atividade e um modo de vivê-la de forma intensa a partir da dedicação do indivíduo para ver seu esforço materializado em um estágio final.

Apesar de demarcar em seu discurso lógicas mercadológicas, contrárias aos pressupostos de Cuenca, como a relação de “custo-benefício”, “carreira”, “esforço”,

“recompensa” para a obtenção da gratificação pessoal, os autores concordam que o grau de conhecimento e a construção de habilidades são formas de obter um lazer satisfatório. Stebbins aponta que, diferente de outros tipos, este lazer é o que proporcionaria ao indivíduo uma satisfação duradoura ou um “prêmio” pelo dispêndio de recursos, energia física, intelectual. A teoria de Stebbins é bastante difundida na comunidade científica do lazer, principalmente pela sistematização das formas com que se desenvolvem as práticas no universo do lazer. Para o autor, o lazer constitui-se através de formas de entretenimento como 1) atividades amadoras que combinam autointeresse e interesse público como apreciação pelas artes, ciência e esportes; 2) a prática de *hobbies* e 3) atividades de voluntariado motivadas pela ajuda ao próximo.

Contudo, algumas críticas são feitas à teoria do lazer sério, o dispor de habilidades para o estado prolongados de satisfação é, como mencionamos, uma destas, e também a classificação de outras atividades como menos importantes, pois não se enquadrariam no repertório de experiências duradouras (MUNNÉ e CODINA, 1996). O próprio autor reorganiza sua teoria e estabelece como resposta a esta questão a ideia do Lazer *Casual*, o qual englobaria as atividades que proporcionariam gratificação instantânea sem a necessidade de esforço ou treinamento para usufruir deste. São citados como exemplos o entretenimento (ver televisão, ler, escutar música); entretenimento ativo (jogos de azar); conversação social (atividades sociais) e estimulação social (atividade sexual, comer, usos de drogas).

De todo modo, outro ponto de tensão que argumentamos sobre o *Lazer sério* refere-se a classificar práticas dentro de certas categorias, apesar de auxiliar nos moldes de investigação científica sobre o fenômeno, torna-se um tanto quanto simplista partindo do fato que o lazer é polissêmico e apresenta sentidos distintos para cada participante. Desta forma, as ideias de Cuenca (2014) nos são caras neste argumento, por compreender que descentralizar o olhar da atividade em si dá foco para as motivações individuais para a realização desta, principalmente quando se considera o universo de possibilidades que o lazer nas sociedades contemporâneas apresenta.

3.2 A sociedade de consumo e o lazer

Especialmente no que concerne as transformações que nos direcionaram aos moldes das sociedades atuais, argumentamos a partir daqui alguns contrastes com as questões que apresentamos sobre o lazer como desenvolvimento humano na seção anterior, que vão

tangenciar nossa argumentação sobre a ideia deste como um fenômeno ambivalente na sociedade atual.

Voltando um pouco na ordem cronológica moderna que temos seguido, no final do século XIX, o economista e sociólogo americano Thorstein Veblen (1988), desenvolveu *A teoria da classe ociosa*. O autor descreve a sociedade moderna daquela época através de uma constante busca por reconhecimento social, status e poder, em uma sociedade em que, para a população rica, há uma relação próxima entre o lazer e o consumo como elementos fundamentais para a *distinção social*. O lazer representa, por muitas vezes, uma atividade “não-produtiva de consumo do tempo” que aparece como um sinal subjetivo de riqueza, sobretudo para a classe burguesa detentora do capital.

Ter tempo disponível significava abstenção do mundo do trabalho que, segundo o autor, oportunizava assinalar um repertório de comportamentos sociais em torno do consumo conspícuo⁹ do tempo como as práticas de esportes de elite e os encontros e eventos entre a burguesia no findar do século XIX, os quais são oportunidade de socializar de signos sociais como os modos de vestimenta e linguajar, os gostos culinários, musicais, arquitetônicos e a noção do que é belo, que se tornam marcas de distinção dos signos populares.

Passado pouco mais de um século, Lipovetsky (2007), ao discorrer sobre o consumo nas sociedades, ilustra também as transformações sociais modernas através do consumo em três grandes fases. O primeiro cenário, estende-se do final do século XIX até a II Guerra Mundial descrita pelo autor como a *construção cultural sobre o consumo*, na qual a cadeia produtiva e o marketing em massa passam a impactar a sociedade desta época. Esta fase se caracteriza por uma amplitude de acesso a mercadorias e uma “educação das classes” para os bens de consumo.

Para o autor:

[...] até a década de 1880, os produtos eram anônimos, vendiam-se a granel e as marcas nacionais eram pouco numerosas. A fim de controlar os fluxos de produção e de rentabilizar sua equipe, as novas indústrias colocaram em condições seus próprios produtos fazendo publicidade de sua marca em escala nacional (LIPOVETSKY, 2007 p. 25, *tradução nossa*).

Notamos nesta passagem que o contexto econômico da época exigia a expansão do mercado por várias vias, tendo em vista as possibilidades de infraestrutura moderna, como as linhas ferroviárias e de telecomunicações. A expansão da produção se dá pela coordenação

⁹ Para Veblen (1988), o consumo conspícuo é uma forma de consumo ostentatório que tem por propósito não apenas satisfazer as necessidades, mas uma demonstração de status social.

metodológica do trabalho, como se exemplifica através da linha de produção fordista e também na incorporação da publicidade com lançamento do modelo T da montadora *Ford* e as propagandas da marca de bebidas *Coca-Cola*. Os produtos passam a estar ao “alcance de todos” dentro do mercado de massa em que o consumidor passa, vagarosamente, a ter uma relação direta com as marcas.

A segunda fase do consumo, de acordo com o autor, inicia-se ao final da II Guerra Mundial e finda na década de 1980. A partir deste ponto a sociedade passa a valorizar outro aspecto do consumo, a *faceta emocional*, em vista da diferenciação social que a aquisição de um produto poderia representar. Aquilo que Veblen (1988) apontou sobre o prestígio social através do consumo conspícuo na burguesia no século XIX, Lipovetsky vai argumentar que na década de 1980, com a prosperidade de produção e o *boom* econômico nos países mais ricos, o consumo torna acessível uma forma de afirmar-se, distinguir-se, integrar-se na hierarquia de signos sociais. Assim, os bens de consumo não só representavam funcionalidade, mas devem despertar os sentidos daqueles que os utilizam, devem contemplar a faceta emocional do indivíduo.

Confluente a este processo, o consumo passa a representar uma esfera de construção da identidade do indivíduo frente ao que vai se tornar o mundo líquido, instável e competitivo. As identidades, antes moldadas pelas estruturas sociais tradicionais como a família, as instituições religiosas e o trabalho, agora se tornam aspecto de angústia e desconforto na sociedade de espetáculo e a partir das exigências massificadas de procura pela felicidade e prazer prometidos pela modernidade. O consumo se materializa como uma esfera de orientação e estabilidade ao fluxo disforme das incertezas e da volatilidade do mundo atual (BAUMAN, 2001; DEBOUD, 1997).

Para Lipovetsky (2007, p.20, *tradução nossa*), “depois de ter dado ênfase ao bem-estar material, ao dinheiro e à segurança física, a nossa época dá prioridade à qualidade de vida, à expressão individual, a preocupações relativas ao sentido da vida”. Assim, a terceira fase do consumo emerge no contexto de desregulação de mercado e angústia pessoal, na qual a competitividade e as transformações econômicas geram um cenário de amplo estresse social. Em meio a este contexto, o mercado de consumo caracteriza-se por democratizar o acesso às novidades e se organizar em torno de uma esfera individual, intimista. Esta fase é determinada como *hiperconsumo*, na qual as necessidades são produtos emocionalmente comercializáveis.

Podemos argumentar que, para Lipovetsky (2007), o consumo dá passagem para o privado, íntimo, o indivíduo consumidor já não almeja somente o bem-estar material, mas sim uma harmonia interna, estética e conforto trazido pelas sensações do consumo, almeja amenizar os anseios proporcionados pela vida moderna, pelas incertezas. A busca pelo equilíbrio e pela autoestima culmina nas ofertas de produtos e farmacopeias do prazer e da felicidade.

3.3 Identidades e estilos de vida

Como proposta de explorar as ambivalências do lazer nas sociedades atuais globalizadas, apressuradas e mercantilizadas, outro ponto a ser considerado para o entendimento dessas experiências de lazer refere-se à criação das identidades e os estilos de vida no mundo de hoje. Nas modernidades líquidas, a criação identitária é inflexionada através do processo de ruptura dos alicerces tradicionais que suprimiam as escolhas individuais, e que, agora convergem na possibilidade de muitos indivíduos poderem fazer escolhas ao *nível do eu* e menos partindo de uma tradição.

Certamente as possibilidades de escolha no mundo marcado por uma série de desigualdades socioeconômicas, de gênero, étnicas são distintas e as vezes limitadas, mas o que Giddens (2002) nos aponta é que há agora a inevitabilidade de fazer escolhas, ou seja, não só temos a liberdade de escolher estilos de vida como forma de preencher nossas necessidades pessoais, mas esses estilos traduzem aquilo que buscamos como uma narrativa individual sobre nós mesmos, aquilo que nos define como pessoa em relação ao mundo.

Desta forma, os estilos de vida abrangem uma pluralidade de escolhas com motivações individuais, isto é, são muito mais opções a serem adotadas do que outorgadas. Eles se traduzem em ações corriqueiras como modos de vestimenta, o corpo, as preferências de comida, de bebidas, de espaços e vivências de lazes que aparecem no amplo repertório de experiências das sociedades atuais. A construção do eu passa a ser uma tarefa individual (GOLDENBERG E RAMOS, 2002; PROST, 1987) que por vezes pode passar pelos signos da cultura de consumo através da vasta possibilidade de imagens e símbolos que podem confluir em modos de orientação da vida cotidiana como os pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Quando confrontamos as ideias sobre as identidades e estilos de vida, as dinâmicas de vida atual, percebemos que o mundo de hoje exige do indivíduo diferentes formas de relacionamento entre os tempos e espaços de vida. Se nos ambientes formais é esperado do

indivíduo certas restrições de conduta e adaptação de comportamento, os espaços-tempos de lazer podem abrigar o exercício das identidades e dos estilos de vida, ou seja, a oportunidade de estar em ambientes que não sejam normatizados pelas regras da rotina, como, para alguns, são as noites durante a semana e os fins de semana, os quais oferecem contraste com outras partes mais rígidas da vida.

Entretanto, podemos pensar também na aproximação do consumo na construção de vida de uma parte dos sujeitos contemporâneos. As vivências do lazer podem vir carregadas com as dinâmicas mercadológicas atuais, que marcam a busca por situações e sentimento aprazíveis capitados pela indústria do consumo como possibilidade de experimentações momentâneas. As culturas juvenis se veem em constante mudança dentro da sociedade contemporânea, e, tais mudanças cruciais para explorar a relação entre as identidades, estilos de vida, consumo e o lazer. A criação de identidades e estilos de vida perpassam menos pelos pensamentos tradicionais e são reforçados pela globalização e as inovações tecnológicas iniciado um processo de declínio nas formas sólidas de ser jovem (DUFF, 2003; GIDDENS, 2002). A cultura juvenil de hoje é significativamente diferente das formas observadas nas gerações passadas e isso demanda dizer que ocorreram mudanças compreensivas nessa cultura, dentro da qual o consumo é visto como um (re)criador de novas identidades.

3.4 Usos de drogas no lazer

Uma forma frequente de iniciar as discussões sobre o consumo de drogas é remeter este fenômeno a ideia de práticas milenares percebidas entre inúmeras civilizações com cunho terapêuticos, ritualísticos, lúdico, religiosos (CARNEIRO, 2009). Esta argumentação é bastante relevante por estar ligada a ideia de que os usos de drogas sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade, mas que passaram e passam por uma complexidade de fatores no decorrer da transformação das sociedades que se traduzem nas inúmeras formas de enxergar o fenômeno hoje.

O crescimento do consumo de psicoativos pode ser identificado principalmente a partir do século XIX quando há o desenvolvimento da química, a constituição da indústria farmacêutica e a consolidação do capitalismo como sistema mundial de mercado. Esses fatores impactam na produção, na circulação e no consumo dos psicoativos, alterando, por vezes, o sistema de necessidades socialmente produzidos. Algumas populações passaram a usar

substâncias psicoativas de modo intenso, o que repercute na regulação e classificação das drogas a partir da lógica médica, considerando algumas formas de uso como profilaxia, por exemplo, o uso de medicamentos, e outras como problema social, a partir do pânico da evolução para uma epidemia (BERGERON, 2012).

Tendo isto em vista, algumas drogas como o café e o tabaco são mais identificadas entre os consumos no século XIX, substâncias as quais são compatíveis com o ideal de eficácia do capitalismo emergente por apresentarem efeitos passageiros que não atrapalhariam a rotina laboral e, de forma concomitante, eram de comercialização lucrativa entre a população, enquanto o ópio era banido por diminuir a produtividade e incitar comportamentos antissociais. Essa relação é, no entanto, inflexionada posteriormente no século seguinte a partir da década de 1960 e 1970, sobretudo quando pensamos nas transformações que caracterizam o mundo moderno. Nessa época, os próprios consumos de drogas vão conhecendo formas distintas, especialmente quando são massificados e banalizados. No período posterior à segunda guerra mundial, houve uma explosão no consumo a partir da inscrição dos psicoativos na lógica mercantilista, tanto das drogas lícitas, quanto das substâncias ilícitas (no mercado ilegal) que democratizam o acesso para as distintas categorias sociais, sobretudo os jovens.

Desta forma, a droga passa a incorporar nos modos de vida das juventudes, por exemplo, nos Estados Unidos no movimento *Hippie* com o uso de LSD e heroína como busca pelo contato com o eu interno e da criatividade, aspectos relatados também por Aldous Huxley em *As portas da percepção* (2005). Posteriormente, o uso de *crack* e de cocaína é amplamente associado aos movimentos de contracultura dos anos 1980, para, nos anos 1990 assegurar presença nos cenários dos clubes e boates britânicos através das chamadas *dance drugs*, o *ecstasy* e as anfetaminas.

Contudo, algo que não podemos perder de vista é que a massificação do uso também veio carregada de regulações e estigmas sobre as populações usuárias, em especial as juventudes. A expansão do consumo de psicoativos carrega um cenário ambíguo e ténue de discussão, já que, por ora, o uso pode estar ligado aos momentos de relaxamento, diversão e festa e outras vezes à compulsividade, sendo por vezes entendida como abertura para a dependência, criminalidade e a marginalidade.

Este paradoxo nos remete a dois argumentos de autores da sociologia, a classificação das drogas discutida por Bergeron (2012) e, de forma concomitante, a ideia de usos desviantes problematizada por Becker (2008). A classificação das drogas, segundo Bergeron, recai sobre

aspectos jurídicos especialmente pautados nos conceitos afirmados pelas áreas biológicas que definem licitudes, como as bebidas alcóolicas, tabaco e medicamentos; e ilicitudes, sobre a maconha, cocaína, anfetaminas e outras. Contudo, ainda de acordo Bergeron:

[...] Essa constatação bastante banal nos convida a reconhecer que a categorização social de uma substância como “droga” e sua classificação jurídica como “entorpecente” dependem muito mais de uma convenção social e cultural. Isso quer dizer que o conceito “droga” e a diversidade de substâncias que ele compreende em seu perímetro devem ser considerados o produto, por natureza provisório, de lutas simbólicas e científicas, tanto quanto políticas e sociais: a fronteira que separa a classe das drogas ilícitas e a classe dos produtos psicoativos lícitos é basicamente permeável, como nos ensina a história” (BERGERON, 2012, p. 8 – 9).

O que o autor discute é que esta classificação médico-legal se torna inapropriada em relação aos efeitos psicoativos e danosos provocados no indivíduo, principalmente se tomarmos como exemplo as bebidas alcóolicas e alguns remédios, estando ambos relacionados e interdependentes dos aspectos culturais de cada sociedade. Todos os grupos sociais estabelecem regras que pautam o convívio comum em sociedade, os quais se traduzem em modelos de comportamentos do que é ou não aceitável. Tais regras não aparecem necessariamente em formato de lei, mas são adotadas por grupos dentro da cadeia de inter-relações entre indivíduos (ELIAS, 1994), categorizando aqueles que não operam na norma como indivíduos desviantes, que necessitam de um reenquadramento.

De forma complementar, Howard Becker (2008) sugere que análise sobre o consumo se apresenta de duas maneiras, a qual por vezes busca entender os usos principalmente de substâncias ilícitas entre alguns grupos, ou seja, porque os indivíduos consomem aquela(s) substância(s) e ainda questiona o olhar que recai sobre o usuário, apresentado como desviante. Para o autor, a construção do desvio parte da percepção negativa e amedrontada que a sociedade tem sobre algumas substâncias e formas de uso, as quais, nos cenários atuais, são também reforçadas pelos diversos dispositivos de comunicação que auxiliam a criar narrativas simplistas sobre os usos.

Há um rechaço em relação a certas drogas e seus consumidores que advêm de uma fobia social que é reforçada pelo contexto sociocultural, “[...] as qualidades farmacológicas das drogas são virtualmente insignificantes fora de seus contextos político-econômico e sociocultural” (BOURGOIS, 2005, p. 95, *tradução nossa*). As contradições das sociedades modernas deixam expostas a fragilidade dos discursos morais em torno do rótulo que o uso de drogas traz.

Em relação ao consumo pelo usuário, Becker (2008) aponta que o hábito de uso de uma droga opera a partir de atribuição de significados da própria experiência de usar e os efeitos proporcionados pela droga. O consumo aparece dentro de um processo de aprendizado em que os indivíduos compartilham códigos e ritos sobre as sensações proporcionadas pela droga com outros indivíduos e aprende a reconhecer os efeitos. Os argumentos de Bergeron e Becker se tornam essenciais no debate sobre os consumos de drogas por trazer à tona questões sociológicas que, por muito tempo, foram deixadas à margem em vista da preponderância científica das áreas da saúde, disciplinas que tradicionalmente dão enfoque nas questões epidemiológicas e bioquímicas dos usos. A entrada da sociologia nos debates sobre o uso de drogas oportuniza o olhar não para a substância, mas para o sujeito praticante, isto é, dá foco aos modos de consumo, bem como os espaços tempos de uso dentro do plano sociocultural.

Sugerimos a partir deste apanhado teórico que o consumo de psicoativos representa uma prática social que responde às necessidades sociais, portanto históricas, e isto requer que tratemos a temática a partir de uma abordagem histórica e de totalidade, ao invés de ideias recortadas do plano social (COMAS, 2009). Sabemos que o uso de drogas é uma prática associada a diversas motivações que se vinculam aos usos terapêuticos, ritualísticos, de interação social, recreativo e de alteração na apreensão da realidade, portanto, podemos argumentar que se ligam a uma série de necessidades sociais modernas como alívio de sofrimento, medidas profiláticas, busca de prazer, alteração da consciência e da percepção da realidade, desinibição dos sentimentos e sentidos e melhoria no desempenho de inúmeras atividades que comportam expectativas sociais, como atividades profissionais, sexuais, de aprendizagem, esportivas e artísticas (BERGERON, 2012; CARNEIRO, 2014).

É a partir deste panorama que nossa intenção aqui é discutir os usos que se vinculam a perspectiva recreativa, por entendermos que muitos destes consumos acontecem nos cenários de lazer, objeto desta investigação. Partindo disto, assumimos a tarefa proposta por Rojek (1999), de que o campo do lazer deve incorporar as experiências consideradas socialmente desviantes como uma categoria central de pesquisa e discussão. Sabemos que ligar duas áreas acadêmicas como os estudos do lazer e os usos de drogas através da sociologia, representa aqui, muito mais do que apontar dados que já aparecem consolidados sobre as frequências e prevalência do uso recreativo de drogas, mas levantar questões sobre a relevância de compreender (e não recortar) a centralidade do uso nos cenários de lazer, sobretudo entre as culturas juvenis contemporâneas que são a população de investigação deste estudo.

No que concerne ao uso recreativo, os tempos e espaços que vão surgindo em torno do lazer na vida humana vão trazendo aberturas de valores sociais muito menos ditados pelas instituições tradicionais e mais pela procura de momentos aprazíveis. As próprias transformações da sociedade, a possibilidade de fazer escolhas somada ao ambiente de indefinição dos papéis sociais fora dos moldes tradicionais, apresentam ao cenário do lazer um setor de pluralidade de escolhas, dentre os quais se integram o consumo de drogas, principalmente impulsionado pelas relações com o mercado de consumo (MEASHAM e BRAIN, 2005; ROMERA, 2014) que trataremos posteriormente de forma mais detalhada. O uso de drogas é cada vez mais democrático, verificando-se em diferentes camadas socioeconômicas, localidades, faixas-etárias e sexo.

Cabe ressaltar aqui argumentos sobre esta expansão do uso a partir das ideias que fomos expondo ao longo dos capítulos. Sobretudo partindo da ruptura com as formas tradicionais de pensamento que trazem uma pluralidade de discursos e identidades acerca das culturas juvenis contemporâneas, o uso de drogas deixa de ser enxergado, pelo menos para uma parcela destes jovens, através das lentes do desvio e delinquência e passa a fazer parte da esfera do entretenimento no lazer compondo parte dos estilos de vida (DUFF, 2003). Desta forma, o aumento do consumo de substâncias psicoativas pode ser mais uma consequência do mundo líquido, o qual exige do indivíduo uma forma de produção social do eu nos holofotes da individualidade e que prioriza a procura e consumo de sensações aprazíveis a todo instante, como o fio condutor da existência (LE BRETON, 2009; MARTINIC E MEASHAM, 2008).

Nas perspectivas de olhares sociológicos sobre o uso que aparece a partir das evidências apontadas outrora por Howard Becker, alguns estudos mais recentes investigam os usos de drogas entre as populações jovens e enfocam nas mudanças nos valores simbólicos de consumo, as formas com que o uso é construído, como é percebido e por vezes tolerado (pelo público abstêmio) como uma prática social entre as juventudes na sociedade contemporânea (DUFF, 2003; MEASHAM e BRAIN, 2005).

A partir das rupturas com as tradições e formas fixas de identidade, o próprio processo desviante de consumir drogas deixa de estar relacionado a uma atitude ou comportamento de subcultura juvenil, quando passa a se apresentar também entre a cultura dominante, isto é, há o descolamento de um comportamento alocado nas margens da esfera social para o centro da cultura contemporânea de determinados coletivos jovens. O fato de parcelas das juventudes terem maior acesso às substâncias lícitas e ilícitas, apresentarem idades de primeiro uso cada vez mais precoces e altas taxas de uso recreativo, pode ter provocado mudanças de atitude sobre

o uso de drogas, a qual, para os autores, são indícios de uma acomodação social sobre o uso recreativo entre os jovens, apresentando-se cada vez mais entre estes e em diversas localidades (PARKER ET AL., 1998).

Tendo estes cenários em vista, podemos argumentar que os indivíduos que se engajam nos consumos recreativos de drogas não procuram somente as propriedades farmacológicas das substâncias, mas as formas simbólicas de consumo que estão por trás do estilo de vida e identidade. O processo decisório de consumo passa tanto pela agência do indivíduo, no que concerne suas percepções sobre o mundo e sobre si, quanto pelas pressões sociais dos contextos que vivem. Portanto, torna-se simplista reduzir usos de drogas desta população somente às vias tradicionais do risco e do desvio que discute realidades recortadas que homogenizam as leituras sobre as juventudes e os usos de drogas sem problematizar as questões sociais.

Como forma de sintetizar este capítulo, sugerimos que o lazer se apresenta de forma polissêmica na sociedade atual, através de um amplo repertório de vivências que se traduzem em questões subjetivas e motivações sociais, que podem abrir espaço para o desfrute individual destas experiências, mas evidenciam uma série de discussões sobre práticas de lazer que giram em torno do consumo ou, de forma muitas vezes estigmatizada, o uso de drogas, as quais correspondem a práticas sociais de uma parte dos indivíduos da população, principalmente os jovens.

Assim, de forma mais específica, voltamos nosso olhar no capítulo seguinte para as experiências de lazer noturno das populações juvenis, evidenciando estas no cenário pós-industrial de consumo que impulsionam a busca pelo prazer, na qual o uso de drogas representa uma dentre as várias possibilidades de alcance de satisfação pessoal.

4 LAZER NOTURNO E O USO DE DROGAS: A JUVENTUDE ENTRE A SEDUÇÃO E A REDUÇÃO DOS CONSUMOS DE PSICOATIVOS

A partir de 1970, a sociedade ocidental mergulhou num processo de transformações econômicas e políticas, especialmente marcada pelas mudanças do modelo industrial para o pós-industrial. Tal processo passa a favorecer, em muitas localidades, sobretudo nos países europeus e nos Estados Unidos, o crescimento econômico a partir do maior incentivo governamental aos novos empreendimentos no setor privado. Este fator tem íntima relação com a reestruturação do lazer noturno e com a emergência de uma economia de consumo voltada para os complexos de entretenimento e de diversão. Estes aspectos estimularam a cultura do consumo e os valores nas sociedades ocidentais que passam, gradativamente, a refletir no lazer da noite, uma organização em torno da exploração do prazer em suas diversas facetas, a mercantilizar as necessidades no mundo globalizado e a reforçar o *ethos* da alegria em torno das vivências de experiências hedônicas e dos estilos de vida (HOBBS et al., 2000).

Na sociedade de consumo, os tempos se aceleraram, expandiram-se as necessidades, modificaram-se os valores e as atitudes, a qualidade de vida e expressão de si se tornaram essenciais e as vivências de lazer aparecem como uma marca fundamental dessa sociedade. A noite, como espaço-tempo, ganhou um novo significado, apresentando mais notoriedade e passando a representar contexto de diversão mais democrático. O lazer noturno assume a função de romper com a rotina do dia, transbordando símbolos de diversão, diversidade, prazer, autogratisação e socialização. A vida noturna é um cenário povoado por uma diversidade de culturas juvenis de diferentes idades, etnias e gêneros aglomerados em espaços formais e informais urbanos (MARGULLIS, 1994).

Dentro destes diversos cenários noturnos, o consumo de drogas, como viemos discutindo, representa uma dentre inúmeras possibilidades de experimentação deste lazer e pode ser entendido, a partir das discussões apresentadas, como um ato social que requer compreensão através de um universo cultural de valores, normas e atitudes de cada sociedade. Trataremos, no decorrer deste capítulo, da criação de contextos recreativos de consumos de drogas na modernidade atual, as quais impõem estratégias vinculadas aos usos de drogas como estilo de vida, prazer e socialização, mas que também evidencia suas raízes na solidez através de uma série de restrições e contradições sobre os usos.

Por tanto, trata o presente capítulo da relação do lazer noturno de parcelas das juventudes e os consumos de drogas. Esta aproximação tem por objetivo investigar a literatura pertinente ao lazer noturno, os aspectos que concernem este espaço e tempo e as vivências dos jovens, que compõem ainda um cenário pouco explorado pelos estudos nacionais. Investigar esta temática nos tempos atuais convida, no entanto, a debates sobre aspectos delicados da própria sociedade, na qual o lazer se integra, pois tratamos de um fenômeno que traz consigo linhas de pensamento distintas e às vezes conflitantes. Assim, não tratamos aqui de fazer apologia ou de naturalizar os usos, tampouco de ser moralistas acerca dos mesmos.

4.1. Consumo recreativo de drogas: visões controversas

O crescimento da categoria “uso recreativo de drogas”, quer seja de substâncias lícitas ou ilícitas, evidencia-se cada vez mais presente, configurando-se como um contexto de uso que exige investigação das distintas áreas do conhecimento, enfatizando mudanças econômicas e políticas nas sociedades pós-industriais, as quais possibilitaram o incentivo ao lazer noturno e, por conseguinte, um impulso ao mercado de consumo de drogas. (MEASHAM, ØSTERGAARD, 2009; MEASHAM, MOORE, 2009). Dentre este incentivo, a produção de novas percepções das experiências hedônicas de consumo noturno de lazer faz emergir, conseqüentemente, uma série de questões (como o uso excessivo de substâncias lícitas e ilícitas e danos que surgem em torno destes consumos), as quais denotam novos desafios para a elaboração de propostas que visem a prevenção, quer seja universal, seletiva ou indicada¹⁰, e a redução de danos nestes contextos.

A literatura sobre o uso recreativo de drogas destaca diversas medidas voltadas à regulação do consumo e também de redução dos danos e expõe, especialmente, a dissonância entre as políticas de fomento à indústria do consumo de drogas no lazer noturno e as ações de prevenção/redução de danos do uso, conferindo a este campo disputas e tensionamentos, uma espécie de jogo de “cabo de guerra”, no qual a corda representa a tensão entre as forças de sedução para o uso e as medidas de redução dos riscos estes consumos.

¹⁰ A prevenção universal é dirigida para uma população geral, a prevenção seletiva se foca em subgrupos e segmentos da população geral e a indicada se dirige a indivíduos que apresentam comportamento de risco comportamento de risco (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIMES, 2014)

4.1.1 Incentivo ao consumo no lazer noturno

Evidenciando um pouco do cenário de consumo no lazer noturno, importa-nos, nesta seção, discutir algumas ações que se entrelaçam com o mercado noturno a partir de uma série de relações sociais e econômicas, que constroem e reconstroem interesses e conflitos entre os agentes e forças neste campo. Das ações relacionadas ao lazer noturno, damos destaque àquelas pertinentes à indústria das bebidas alcólicas por apresentarem aspectos que, visivelmente, inflexionam o campo econômico do lazer com resultados positivos e negativos (ROMERA, 2014).

Measham e Brain (2005) destacam que iniciativas governamentais sobre a liberação de venda, publicidade e do consumo de bebidas alcólicas surgidas na Inglaterra nos anos de 1990, representaram, por um lado, um grande impulso econômico e social ao lazer noturno, o qual beneficiou e reurbanizou áreas destinadas a concentração de estabelecimento como bares, pubs, casas de show e boates ao longo das cidades inglesas. E, por outro lado, estas liberações representaram também impactos que confluíram no aparecimento de uma nova cultura do beber, o *binge drinking*, que corresponde a beber grandes quantidades de álcool em um curto espaço de tempo, prática que representa altos índices entre os jovens britânicos (MEASHAM, 2008; MEASHAM, ØSTERGAARD, 2009).

O apelo recreativo que o consumo de bebidas alcólicas ganhou, aliado à publicidade dos produtos, refletiu numa nova forma de experimentação de uma determinada modalidade de lazer. Measham e Brain (2005) afirmam que o consumo de bebidas alcólicas emergiu na vida noturna como parte de uma cultura hedônica, que é definida aqui pela busca da sociedade de sentir mais, pela sede de se divertir, de ter sensações imediatas gratificantes, de exacerbar o prazer (LIPOVETSKY, 2005) principalmente nos fins de semana, e este fator aparece atrelado a transformações e medidas direcionadas para uma era pós-industrial de consumo.

Para os autores, o primeiro aspecto que favorece esta lógica é a reconfiguração dos produtos alcoólicos já existentes (cervejas, vinhos, *vodkas*, etc.) e a emergência de novas bebidas. Surgem também novos produtos como *mixers* (bebidas com energético, com cafeína, com sucos) e os *shots* de ingestão rápida. O segundo fator é um aumento progressivo da publicidade em torno destes produtos veiculados como marcadores de diferentes estilos de vida, caracterizando ações de direcionamento do mercado para nichos populacionais específicos e, especialmente voltado para as juventudes. O último fator é o aparecimento de estabelecimentos

temáticos (bares, *pubs*, café-bar) que promovem o estilo de vida *cool* em torno do consumo de bebidas alcólicas e vão contribuir para a apropriação de ruas e avenidas como espaços formais de concentração jovem para a socialização e usos. Estas medidas colaboraram para a atração de novos consumidores para os estabelecimentos, para o fomento do lazer noturno nas áreas em que se concentram empreendimentos para esta finalidade e também para uma progressiva acomodação do uso de álcool como estilo de vida naturalizado, especialmente, entre determinados grupos jovens nos fins de semana.

De modo similar, McEwan, Campbell, Swain (2010) investigam a cultura de intoxicação na Nova Zelândia e expõem que as leis de liberação das bebidas alcólicas, das propagandas publicitárias nas mídias sociais e os novos produtos, especialmente desenhados para atender não só os mercados nacionais mas também uma rede internacional no mundo globalizado, criam uma atmosfera cultural de normalização do consumo de bebidas alcólicas como estilo de vida. Os autores chamam atenção para outro aspecto, a integração da indústria de bebidas alcólicas como patrocinadora de eventos esportivos que associam o espetáculo ao consumo nos principais torneios televisionados do país, como os campeonatos de *Rugby*, proporcionando um ambiente de hospitalidade em bares em torno do consumo de bebidas e a socialização através do esporte.

Nota-se, a partir destes exemplos, que o campo das ações econômicas inflexiona o cenário do lazer noturno. A regulamentação da indústria de bebidas alcólicas perpassa por interesses de corporações monopolistas que se organizam em torno de *lobbies* e tem influência nas decisões, tanto estatais, quanto da política sobre a indústria e a economia (BABOR; CAETANO; CASSWELL, 2003).

Outro aspecto destacado pelos autores se refere à fluidez de interesses e representações que permeiam as discussões sobre drogas ilícitas. As discussões midiáticas acerca das substâncias ilegais, por vezes, representam uma forma de desviar a atenção das consequências geradas pelo consumo abusivo de álcool ou tabaco, moralizando/reprimindo estes usos. Estas visões podem influenciar o imaginário social sobre o consumo de drogas ilícitas gerando pânico social e estigma sobre usuários e também a maior naturalização da presença das bebidas alcólicas na vida cotidiana.

De forma similar, o incentivo que se dá à indústria do entretenimento noturno em torno do consumo de bebidas alcólicas, reforça a cultura do *binge drinking* contribuindo para a tolerância aos usos excessivos. Por outro lado, como discutimos no capítulo anterior, a

responsabilidade sobre a gestão do próprio uso, como uma herança moderna, é deslocada para o indivíduo. Para Bergeron,

Embora o consumo recreativo de drogas, ligado à diversão e à festa, forme cada vez mais um dos aspectos mais significativos do quadro que descreve o uso de drogas no início do século XXI, o imaginário social habitualmente associado à droga e à toxicomania é sombrio: o fato de experimentar esses produtos, ou pelo menos alguns deles, é com muita frequência concebido como a mãe potencial do vício, do crime, da morbidez e da marginalidade (BERGERON, 2012, p.8).

Há socialmente uma “fronteira simbólica” entre as diversas drogas. O álcool e o tabaco não são considerados, pela opinião pública, como “verdadeiramente drogas”, possivelmente devido ao fato de estarem classificadas como drogas lícitas e de fácil comercialização. E como anteriormente discutido, esta classificação de licito/ilícito promove, via de regra, interpretações equivocadas acerca dos prejuízos causados pelas diferentes substâncias, pois, o fato de caracterizar-se no grupo das substâncias lícitas não significa dizer ausência de impactos negativos relativos aos usos e, especialmente, no que tange aos usos intensos (BERGERON, 2012, p. 17).

4.1.2 Redução do consumo de drogas

A cultura de intoxicação que citamos anteriormente traz à tona discursos midiáticos e políticos relativos à redução destes usos. Na mídia televisiva, por exemplo, os usos entre jovens são frequentemente noticiados como “descontrolados”, “irresponsáveis”, além disso, alguns episódios de intoxicação geram pânico moral sobre a violência, assédio e o sexo desprotegido e uma pressão para as governanças locais em criar medidas protetivas.

Moore (2010) enfatiza que as políticas de redução do consumo de drogas e de danos por muito tempo privilegiaram ações de cunho repressivo, tangenciadas por propagandas proibicionistas e intervenções/orientações de forças militares, com o objetivo de repreender e amedrontar a população sobre os usos de drogas, principalmente das ilícitas. Deste modo, se apoiaram na criação de medidas para priorizar a diminuição dos riscos e consequências adversas através da redução ou eliminação do uso dando ênfase às questões de saúde.

Outras ações têm focado de forma pragmática e não moralista na redução de danos que visam a mudança de comportamento de consumo individual para a moderação e não somente rumo à abstinência. Estas medidas mostram uma preocupação com o indivíduo como gestor de

seu próprio consumo que deve balancear as vantagens e desvantagens do uso. No entanto, quando relacionamos principalmente o mercado de drogas legais, estas ações de educação para o consumo devem medir forças diretas com uma economia voltada para o consumismo, que oferece uma gama enorme de produtos e promove o uso por toda parte com orçamentos milionários para as campanhas publicitárias, enquanto as ações preventivas não operam em condições igualitárias (MEASHAM, 2006).

Temos que pontuar também que a gestão do jovem sobre seu próprio consumo não passa somente por aspectos racionais como cálculo entre as “vantagens e desvantagens” de usar, mas é circundado pela dimensão da construção e apresentação do “eu” social. Tal construção encontra-se balizada na identidade que, de forma controversa, é utilizada também como estratégia de marketing das marcas nas peças publicitárias de bebidas alcólicas que fomentam a construção de estilos de vida dos usuários (MEASHAM, 2006; MCEWAN, CAMPBELL, SWAIN, 2010).

Podemos discutir que as ações que pressupõem a auto-gestão para o controle do uso colidem diretamente com a imensa força do mercado do lazer noturno que promove subliminarmente a cultura de intoxicação como estilo de vida, enquanto estampa mensagens tímidas e pequenas de “beba com moderação”¹¹ em seus anúncios.

Mais recentemente, em nível internacional, outras políticas de redução de danos vêm investindo em ações que se inserem nos ambientes em que o consumo se materializa (*Safer bar*) e incluem avisos nas embalagens das bebidas alcólicas; instruções para os estabelecimentos (bares, pubs e boates) indicarem transportes particulares, como táxis, para os clientes; água gratuita e dicas sobre o consumo seguro de bebidas alcólicas estampadas nas paredes dos estabelecimentos. Mas, dependendo do contexto social, essas medidas são dificilmente cumpridas por falta de fiscalização e/ou financiamento (MEASHAM, 2006). Para a autora, é nítido que os governos encontram amplas dificuldades quanto à implantação de políticas de redução de danos.

4.2 Espaços e tempos de lazer e uso de drogas

¹¹Frase de advertência prevista pelo Código Brasileiro de Autorregulamentação Publicitária de 18/02/08 do Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária a ser veiculada obrigatoriamente peças publicitárias em meios de comunicação.

As transformações dos espaços de lazer noturno nas cidades acompanham a atribuição de novos significados econômicos à noite. A visão do período noturno como espaço e tempo econômico passa de atividades moralizadas e associadas à obscuridade e a pessoas dúbias no século XVIII para espaços de lazer voltados para consumo nas cidades no século XX e XXI.

Com a emergência e fortalecimento da indústria de entretenimento, atividades de consumo ganharam força nas cidades e com elas os serviços de lazer noturno passam de atividades menos procuradas ou moralizadas para experiências e vivências centrais na vida urbana a partir da metade do século XX. Há a criação de “cenários de consumo” como os shopping centers, cafés, restaurantes, cinemas e arenas esportivas, que provocam uma grande atenção para a vida noturna como oportunidade de lazer. A globalização da cultura e corporativização da indústria do lazer noturno em torno de marcas, experiências individuais e locais tematizados fomentam um consumo vistas à procura de gratificação e prazer nos momentos de lazer (CHATTERTON, HOLLANDS, 2003; JAYNE, HOLLOWAY, VALENTINE, 2006).

A marca do desenvolvimento do lazer noturno passa por uma série de leis e incentivos que visam flexibilizar e fomentar o mercado na noite com medidas sobre funcionamento de estabelecimentos (boates, clubes, bares e *pubs*) sem horas fixas para o fechamento e o licenciamento da venda de bebidas alcólicas. Para os governos locais, a expansão do lazer noturno geraria empregos, novas edificações e estabelecimentos, regeneraria e reabilitaria espaços urbanos esquecidos nas cidades, fomentaria o turismo e acompanharia também o aumento da procura por lazer noturno principalmente para uma parcela do público jovem (JONES et al., 2003).

Martinic e Measham (2008), assim como Gómez (2004), discutem outros aspectos relativos ao lazer da juventude que são fundamentais para entender a expansão dos espaços de lazer noturno. Os autores apontam que as mudanças sociais verificadas a partir da metade do século XX vão refletir, para uma parcela da população, na expansão do tempo de juventude e o consequente atraso do ingresso nas instituições que normalmente marcam o início da vida adulta (casamento, ter filhos, etc). Estes fatores, aliados à maior disponibilidade de tempo livre e de recursos financeiros no *boom* econômico pós-guerra possibilitam, para alguns jovens, maiores oportunidades de vivências de lazer separadas do público adulto que traz a diversificação de espaços de lazer, fazendo emergir cenários desenhados para a excitação e prazer dos jovens que também se relacionam ao consumo de bebidas alcólicas e drogas ilícitas (MEASHAM, BRAIN, 2005).

Evidenciamos uma dupla relação que inflexiona o campo do lazer atual. Demant e Landolt (2014) sugerem que os estilos de consumo de drogas são fatores essenciais para a integração social na cena da noite que enfatiza um consumo ligado ao bem-estar e prazer e cria espaços formais e informais (às vezes temporários) moralmente flexíveis para usos de drogas, como o *binge drinking* e o policonsumo¹² nas ruas. Ao mesmo tempo, em determinados espaços-tempos de lazer noturno, como boates, festivais de música, resorts turísticos (*paraísos artificiais*) como Ibiza, Mallorca e Goa, o padrão de uso é transformado em torno de uma adaptação ao tipo de experiência e ao apelo estimulado pelo espaço-tempo. Os aspectos físicos, sensoriais e simbólicos dos locais em torno do consumo de experiências dão forma a muitos itinerários de uso e também a uma maior sensibilização e normalização das substâncias lícitas e ilícitas nestes espaços relacionados ao lazer de uma parcela da juventude (DILKES-FRAYNE, 2016; HESSE, TUTENGES, 2012; TURNER, 2018; SANDERS, 2005; VAN HAVERE et al., 2011).

Na pesquisa de Duff (2005a) com jovens consumidores de drogas ilícitas, a “cena”, ou seja, os espaços/contextos em que ocorrem a festa e os arredores são identificados como parte importante dos itinerários de uso recreativo de drogas. O pesquisador enfatiza que a ingestão de drogas estimulantes dentro dos espaços formais (nas boates, principalmente) é muitas vezes vigiada e reprimida, ocasionando a saída temporária destes locais e a procura por espaços próximos para o consumo (como estacionamentos ou carros próprios). Além disso, os espaços formais e informais também apresentam relação direta com o significado que esta parcela de jovens dá sobre o consumo, evidenciando que o mesmo uso pode se materializar em dois lugares, a *cena de dança* que é o ponto alto da noite, o qual tem o propósito da perda de inibição, mas também nos *espaços privados*, como as residências após o regresso para casa quando se percebe um consumo mais íntimo que visa socializar, conversar e relaxar com os amigos.

No entanto, alguns dos autores problematizam que estes mesmos espaços-tempos de consumo noturno são contextos que expõem uma série de contradições (regulações e desregulações), pois dão foco na promoção de atmosferas que incitam o hedonismo da sociedade de consumo através da diversão e experiências gratificantes, mas que se convertem também em cenários de preocupação pública, restrições e exclusões (JAYNE, HOLLOWAY, VALENTINE, 2006; MEASHAM, 2004a; DEMANT, LANDOLT, 2014; 2008).

¹²Consumo de mais de uma droga ou de mais de um tipo de droga uma pessoa, normalmente ao mesmo tempo ou consecutivo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1994).

Principalmente durante as noites dos finais de semana, um grande número (representativo de uma parcela) de jovens se reúne em torno do consumo de drogas lícitas e ilícitas em espaços formais destinados ao entretenimento, à sociabilidade e ao fomento ao consumo. Entretanto, todo o estímulo de imagens e promoção da perseguição por experiências de lazer, suscita regulações e controles relacionados à saúde e segurança que, na visão destes autores acima citados, são contraditórias à atmosfera que estimula “descontrole” e permissividade. Se, por um lado, ocorre o incentivo à liberação, a oportunidade de divertimento, excitação, alteração do estado de consciência, socialização, liberação sexual, por outro, o lazer é circundado por mecanismos docilizadores modernos como o policiamento e vigilância urbana que enfatizam a “cultura do auto-controle” e restrição, mediado por limitações estruturais como a faixa-etária de entrada nos estabelecimentos, gênero, etnia e nível socioeconômico, que se relacionam aos preços dos produtos, do padrão de vestimenta, do comportamento social esperado e das zonas onde se instalam os estabelecimentos que traduzem o distanciamento ou proibição de acesso a estes espaços-tempos (MEASHAM, 2004a).

Estas restrições podem provocar, por conseguinte, o surgimento de novas manifestações e apropriação de espaços informais para o consumo de bebidas e drogas ilícitas por aqueles que tem seu acesso limitado a estas formas de lazer/consumo nos espaços formais. Treno, Alaniz, Gruenewald (2000) apresentam dados dos jovens americanos e destacam que, em relação à faixa-etária, muitos menores de idade bebem em espaços particulares, por exemplo em casas, festas privadas ou em repúblicas de estudantes. Na Espanha, Berthet et al.(2016) destacam o fenômeno do *botellón*, no qual grupos de adolescentes e jovens se reúnem em locais públicos (praças, ruas, parques) no período da noite para beber e consumir drogas ilícitas. Os autores destacam que a restrição de acesso aos locais formais ou pelos altos preços das bebidas nos mesmos aparecem como causas do fenômeno. De forma similar, Demant e Landolt (2014) apontam que na Suíça, muitos jovens se reúnem em praças que são rodeadas por comércios de bebidas alcólicas longe das zonas formais de entretenimento das cidades nos fins de semana.

Esta apropriação de locais não-formais de consumo de bebidas faz emergir espaços-tempos relacionais, de lazer e de consumo que ganham novos significados e características de acordo com os estilos de vida dos grupos. Entretanto, provocam também olhares e discursos moralizadores dos residentes das áreas relatadas em relação a apropriação dos espaços, episódios de violências e intoxicação por abuso no consumo de bebidas alcólicas e drogas ilícitas (DEMANT, LANDOLT, 2014).

4.3 Lazer noturno, usos de drogas e riscos

Como enfatizamos na categoria anterior, dos espaços de lazer podem surgir cenários que fomentam o consumo (de drogas) como estilo de vida entre os jovens, que enfatizam a sensação de liberdade, a oportunidade de expressar a própria identidade entre os pares. Dentre os fenômenos de ocupação do espaço no lazer noturno, merece destaque o “salir de marcha” modalidade que se refere ao espaço-tempo socialmente construído por uma parcela da juventude e que marca, dentre outras questões, a busca pela autonomia e a independência, o compartilhamento de momentos de diversão e prazer e a quebra com o que é corriqueiro. (RODRÍGUEZ SUÁREZ, AGULLÓ TOMÁS, AGULLÓ TOMÁS, 2003; SZMIGIN et al., 2008b).

Diferentes áreas do conhecimento, como a criminologia e sociologia têm investigado o uso recreativo de drogas nas últimas décadas e muitas delas se propuseram a pesquisar o aumento progressivo e os altos índices de uso de drogas entre as juventudes. Parker et al. (1998) argumentam que as juventudes contemporâneas apresentam novos estilos de vida em que os consumo recreativos de drogas ganharam notoriedade, se afastando da noção clássica de desvio e delinquência propostas pelas áreas biológicas. Tais estilos de vida que estão em construção na atualidade precisam ser compreendidos a partir também da consideração dos impactos promovidos pelas mudanças políticas, econômicas e sociais que afetaram e afetam as culturas juvenis em torno de uma maior sensibilização e acomodação dos consumos de drogas no lazer.

Sobre o consumo de álcool, diversos autores se debruçam sobre o fenômeno do *binge drinking*, reconhecendo-o por seu caráter de consumo excessivo cada vez mais comum entre os jovens nas vivências de lazer noturno. (FOLGAR et al., 2015; PÉREZ-MILENA et al., 2017; MEASHAM, 2008; MEASHAM, 2004b; BEERLI-PALACIO et al.). Para Szmigin et al., (2008b), o estímulo ao estilo de vida em torno do consumo de bebidas aparece a partir de aspectos como a disponibilidade de novos produtos no mercado, promoções nos preços (em supermercados, lojas e *happy hours* de bares e pubs) e o patrocínio de eventos musicais pela indústria de bebidas alcólicas. Do mesmo modo, Brunelli, Romera, Marcellino (2013) analisam recursos midiáticos (imagens e *folders* de festas) direcionado ao público jovem e expõem o apelo ao consumo de bebidas através de signos que exploram a diversão, entretenimento e a liberação sexual.

A indústria das bebidas alcóolicas contribui para uma mudança de atitude e de comportamento que incentiva a experimentação e a busca por novos estados de alteração da consciência nos momentos de lazer, entretanto, como evidenciamos no decorrer de estudo, a partir dos aspectos políticos e de espaço-tempo do lazer noturno, este impulso para o uso de drogas revela dissensos, como os discursos midiáticos que problematizam as consequências e os danos do uso criando, muitas vezes, um estado de pânico social e fortalecimento do moralismo, ao mesmo tempo que promovem e veiculam peças publicitárias marcadas pela apologia em torno das experiências de consumo (MEASHAM E BRAIN, 2005).

Ao passo que a sociedade de consumo promove estilos de vida a partir dos usos de drogas, fenômenos como o *botellón* também se fortalecem neste impulso de se engajar nas experiências de uso e de lazer mesmo com recursos financeiros baixos. Gómez (2015) e Pérez et al. (2008) evidenciam que os estudantes que integram o fenômeno *botellón* apresentam uma prevalência no uso de álcool e outras drogas em relação aos estudantes que não participam do mesmo. Este cenário, segundo Pérez-Milena et al.(2017), dá-se principalmente pela pressão social imposta pelos demais integrantes do grupo sobre aqueles que não fazem uso dessas substâncias. Outro importante fator é a maior acessibilidade ao álcool e outras drogas nesses espaços do que em outros locais de lazer formais, pela facilitação de sua compra em supermercados ou com *drug dealers* e ainda por serem cenários de menor controle formal de adultos, os quais se convertem em cenas de *binge drinking* (RODRÍGUEZ SUÁREZ, AGULLÓ TOMÁS, AGULLÓ TOMÁS, 2003).

Com relação ao uso de drogas ilícitas, Measham e Brain(2005) discutem que o lazer noturno e a cena das boates no início dos anos 1990 criaram uma plataforma de acessibilidade para a experimentação de drogas ilícitas diretamente relacionada com o mercado do entretenimento. Cañedo e Moral (2017), Henriques (2002), Joe-Laidler, Hunt, Moloney (2014) e van Havere et al.,(2011) argumentam que certos tipos de drogas são percebidas com maior “normalização” entre os jovens, principalmente aquelas que se integram a algumas cenas específicas como *raves* e festas do que em outros espaços formais. Os consumos nestes contextos podem se caracterizar pela perseguição de um estado de alteração “controladamente descontrolados” em que se sabe os riscos do consumo e até onde se pode estendê-lo para não se expor a certas consequências. Os episódios de “perda de controle descontrolado” evidenciam a perseguição de *um ponto ótimo* de intoxicação através do uso de drogas que contribui para a experiência física na cena.

4.3.1 Riscos

À medida que os estudos sobre o lazer e sua relação com o consumo recreativo de drogas são aprofundados, vem-se analisando também a ligação deste fenômeno aos riscos do uso abusivo de bebidas alcólicas e outras drogas e os danos decorrentes (CALAFAT et al, 2007). O consumo alcoólico de risco, segundo Pérez et al. (2016), define-se como aquele padrão de beber que eleva o risco de sofrer consequências nocivas, tanto físicas como psicossociais. Os autores destacam algumas consequências impulsionadas pelo uso excessivo de drogas a curto prazo, como as intoxicações agudas, acidentes de trânsito, fracasso escolar, problemas com a lei e associação ao consumo de outras drogas.

Calafat et al. (2009) realizaram estudo com 440 jovens espanhóis com idade entre 14 e 25 anos e concluíram que a maioria deles são conscientes de que o consumo de drogas pode ocasionar consequências negativas. Mas, contrariamente, Pérez-Milena et al.(2017) evidenciam que os jovens não percebem, em geral, o risco deste tipo de consumo e não acreditam que podem desenvolver qualquer tipo de dependência, podendo, portanto, cessar o uso a qualquer momento. Além disso, declaram que podem se recuperar fisiologicamente melhor ao consumir somente durante o fim de semana do que aqueles usuários diários (identificados como adultos).

A relação de gênero também é apontada nas questões que conferem ao risco nesta pesquisa. Quanto a episódios de violência, Graham (2003) discute que o consumo de bebidas alcólicas pode contribuir para o aumento das situações de conflito quando combinados com as características do usuário, do ambiente ao redor e os fatores culturais de determinada localidade. Em estudo com homens jovens que participam da subcultura de violência desenhada em torno do futebol inglês, a combinação entre álcool e cocaína tem sido investigada como potencial risco para contextos de violências física. A combinação destas substâncias psicoativas (por seus fatores farmacológicos) aumentam os níveis de euforia e têm sido historicamente atribuídas como potencializadoras de atos violentos entre sujeitos do sexo masculino provocados por rivalidade ou competição sexual (AYRES E TREADWELL, 2012).

Também no contexto inglês, Lightowlers, Elliot, Tranmer(2014) discutem a variação no comportamento violento motivado pelos padrões de consumo entre jovens e apontam que o consumo pesado de bebidas alcólicas pode ocasionar maiores oportunidades de comportamento agressivo. Em estudo que relaciona o gênero, homens jovens heterossexuais que bebem tem significativamente maior propensão a se envolverem em brigas do que jovens com outras orientações sexuais que bebem. Além disso, o uso de cocaína é maior facilitador de

violência entre os homens do que entre as mulheres, possivelmente pelo fato de serem, os homens, mais violentos ou com traços de violência mais latentes que as mulheres. Outro dado apontado é que no consumo de bebidas alcóolicas se apresenta um fator de risco mais representativo para comportamento agressivo entre mulheres homossexuais que entre mulheres heterossexuais (SCHNITZER et al.,2010).

Ainda sobre as mulheres, o consumo de drogas, a quantidade de álcool e outras drogas ingeridas, de acordo com Hutton, Wright, Saunders (2013) é estritamente ligada ao objetivo que cada consumidora pretende atingir em determinados espaços-tempos de lazer (bares, boates, etc.). Entretanto, as mulheres se percebem mais em risco sobre o episódio de assédio, violência e abuso sexual ao frequentarem espaços para beber no lazer noturno e acrescentam que muitas campanhas que tem como foco estratégias de redução de danos destinadas às mulheres, como andar em grupos e estar sempre com a atenção voltada para seu copo de bebida, refletem mensagens de senso comum ou que não condizem com a realidade de consumo contemporânea e ainda apontam que algumas campanhas que deveriam alertar e desnaturalizar os comportamentos invasivos e abusivos dos homens nos contextos de lazer, acabam responsabilizando as mulheres para os cuidados com a própria segurança (BROOKS, 2011).

4.4 Em linhas gerais

Evidenciamos neste capítulo, a partir dos subtópicos “consumos recreativos de drogas: visões controversas”; “espaços e tempos de lazer e uso de drogas” e “lazer noturno, usos de drogas e e riscos”, a notoriedade que o lazer noturno ganha a partir do incentivo econômico e político nas cidades no final do século XX e início século XXI colaborando com o surgimento de um forte mercado voltado ao lazer às vivências hedônicas de consumo privado que oportunizam os usos de drogas.

No entanto, percebemos que há muitas contradições e disputas de forças inseridas neste lazer. Se, por um lado, a indústria do lazer noturno explora e estimula a busca pelo prazer, socialização, diversão e criação de identidade através do uso de álcool e drogas ilícitas junto ao universo jovem, mercantilizando os cenários noturnos. Por outro, espera-se (magicamente) que os jovens se engajem em consumos responsáveis nestes contextos através de um incentivo ao uso autorregulado que prioriza a redução, mas apresenta uma série de dificuldades na

estruturação de programas que promovam um olhar para os contextos de vida e de lazer dos sujeitos jovens.

Esta dissonância de postura demonstra também o olhar ainda distante das políticas públicas em relação aos contextos marcados pelas juventudes quando promovem ações distante dos cenários de lazer juvenis, pouco fiscalizam os estabelecimentos que recebem estes usuários, pouco promovem serviços públicos (linhas de ônibus e metrô) que atendam os itinerários juvenis, mas que contrariamente, materializa ações repressivas e moralizantes a partir de campanhas de guerra às drogas, estigmas sobre populações de usuários e mecanismos docilizantes que desconsideram todo o universo de incentivo e sedução que há sobre a indústria do lazer noturno.

No lazer noturno evidencia-se também a exclusão de uma parcela da juventude que no cenário de vivência do hedonismo por toda parte, faz emergir novas formas de lazer, como o *botellón* em locais públicos, em paralelo aos locais formais de entretenimento, que escancaram a inacessibilidade, a marginalização e estigmatização de sujeitos por nível socioeconômico, gênero e idade.

As políticas de álcool produzem e reproduzem interesses e valores, por vezes, antagônicos, como o prazer em torno do beber, mas “com moderação”. O consumo de álcool torna-se peça principal da economia do lazer noturno, mas requer maior atenção e subsequentes pesquisas quanto às políticas de regulação, fiscalização e, sobretudo, a criação de políticas públicas efetivas de prevenção, citando o contexto da educação escolar como um possível local para a aplicabilidade dessas ações.

Após a revisão teórica apresentada nos capítulos 2, 3 e 4, exploraremos a metodologia adotada no trabalho, bem como questões sobre a fase de pesquisa de campo e apresentamos também dados sobre população de investigação deste estudo.

5 METODOLOGIA

5.1 Técnica de investigação e variáveis do estudo

Esta investigação se caracteriza por uma pesquisa quantitativa descritiva (TRIVINOS, 1987), na qual foi utilizado questionário *online* como técnica de investigação para recolher os dados sobre as vivências de lazer de uma parcela jovem da população universitária na Universidade do Espírito Santo. O instrumento utilizado no presente estudo foi originalmente produzido para investigações realizadas pelo *Centro de estudios de Ocio* da Universidade de Deusto com objetivo de estudar as vivências de lazer das juventudes das regiões da cidade de Bilbao na Espanha.

Para garantir que o questionário abrangesse questões que cumprissem os objetivos do nosso estudo, foi feita a tradução completa do instrumento, bem como modificações de estrutura linguística para a o idioma português. Dado o *locus* distinto de estudo em relação ao contexto de Bilbao, foram realizadas, com autorização dos elaboradores do instrumento, modificações nas questões que pretendiam versar sobre as categorias de respostas das ocupações e vivências das juventudes da amostra, assim como sobre os espaços-tempos de lazer na região metropolitana de Vitória no Espírito Santo.

As variáveis de investigação foram distribuídas no questionário¹³ através da ferramenta *online formulários google*¹⁴ ao longo de 48 questões (objetivas e discursivas) no decorrer de sete blocos temáticos, são eles:

1. *Dados gerais sobre o participante*: sexo, idade, cidade e com quem reside, estado civil, relação com a esfera acadêmica e laboral e a disponibilidade de recursos financeiros para o lazer.
2. *Informações sobre os tempos disponíveis para o lazer*: quantidade e suficiência de tempo para o lazer.
3. *Interesses culturais de lazer*: a relação do participante com as atividades de lazer sugeridas, atividade que mais pratica e que gosta, com quem compartilha estes momentos e os anseios e barreiras para a prática destas atividades.

¹³Questionário completo no anexo 1

¹⁴ <https://goo.gl/forms/WHGV08QkggyTA5Yf1>

4. *Espaços de lazer*: acesso/ocupação de espaços ao ar livre, públicos e privados.
5. *Lazer noturno*: expectativa sobre o lazer noturno, frequência que vivência o lazer noturno, itinerários de lazer, atividades de lazer à noite.
6. *Usos recreativo de drogas na noite*: padrões, locais de uso e informações sobre bebidas alcóolicas e drogas ilícitas.
7. *Alternativas ao lazer noturno*: possíveis atividades desempenhadas pelo participante que poderiam encurtar o lazer noturno e as opiniões dos participantes sobre o lazer noturno juvenil.

5.2 Estudo piloto

Com o intuito de garantir a qualidade dos dados que foram obtidos nesta investigação, realizamos estudo piloto para avaliar alguns aspectos do instrumento de pesquisa que listaremos a seguir:

- As instruções gerais para a realização do estudo, se as perguntas e as categorias de respostas do questionário eram compreendidas pelas juventudes integrantes do estudo;
- A sequência e encadeamento das questões em relação às variáveis que desejávamos analisar;
- O tempo médio de resposta completa do questionário.

O estudo piloto foi realizado durante uma semana do mês de junho de 2018, aplicando o questionário a um grupo de 15 estudantes que correspondiam ao contexto etário e escolar do nosso estudo. Após o preenchimento completo do questionário, foi medido o tempo gasto por cada participante e conversamos com os mesmos para identificar os pontos que poderiam passar por revisões.

Após o estudo piloto pudemos constatar algumas dificuldades na compreensão de questões no sentido da adequação da linguagem, de forma a tornar a leitura e compreensão mais clara. Entretanto, de uma maneira geral, o instrumento de coleta foi adequado para responder os objetivos do trabalho em questão.

5.3 Trabalho de campo

A fase de coleta dos dados se iniciou em agosto de 2018 e se estendeu até o fim do mês de outubro do mesmo ano. Utilizamos os espaços das aulas, gentilmente cedidos pelos docentes do curso de Educação Física, para a aplicação do questionário virtual administrado de forma coletiva pela pesquisadora responsável que esteve presente em toda a fase de coleta com o intuito de responder qualquer pergunta e dúvida quanto ao conteúdo do questionário.

O desenvolvimento desta fase fluiu com alguns contratempos que tornaram a fase da coleta mais extensa que o planejamento inicial, além do número de alunos reduzido em algumas turmas devido aos dias de chuva e indisponibilidade por parte de alguns professores em ceder parte da aula para a aplicação do questionário.

A entrada em cada sala de aula se deu com breve apresentação do projeto de pesquisa com ênfase nos objetivos e nas questões éticas envolvidas no estudo e do instrumento de análise, este recebido por vezes com curiosidade pelos estudantes. Um *link* era disponibilizado via *smartfone* da pesquisadora e este dava acesso à plataforma *online* na qual se alocava o questionário, ação que apresentava a necessidade de conexão com alguma rede de *internet*, disponibilizada pelo Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) ou pela própria pesquisadora quando necessário.

Ao iniciar a fase de respostas, notamos que alguns alunos optaram por não preencher o questionário ou não estavam presentes na sala de aula, visto que fazíamos uma contagem aproximada do número de discentes presentes e também indagávamos o professor responsável pela disciplina sobre o número de alunos matriculadas regularmente. As coletas ocorreram dentro da estimativa de tempo planejada (de vinte a trinta minutos). Alguns estudantes apresentaram dúvidas sobre a seção de interesses culturais de lazer, as quais não foram apontadas previamente no estudo piloto, e sobre como medir a quantidade de bebida alcóolica consumida, questão ligada à seção sobre vivências de lazer noturno. Além disso, alguns estudantes demonstraram interesse sobre os estudos da temática do uso de drogas dentro campo do lazer e expuseram nunca ter relacionado academicamente as suas áreas de estudo.

Sobre os procedimentos éticos da pesquisa, foram entregues duas vias do *Termo de consentimento livre e esclarecido* (TCLE), as quais foram assinadas pelos participantes. Uma permaneceu com o discente e a outra foi recolhida pela pesquisadora. Cabe salientar ainda que

o estudo passou pela apreciação¹⁵ e aprovação do Conselho de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Espírito.

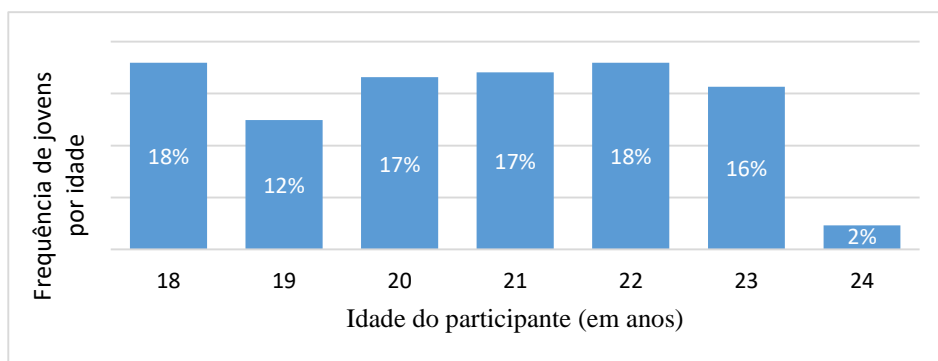
5.4 Apresentação dos respondentes

Foi estudada a população universitária de 18 a 24 anos matriculada no curso de graduação em licenciatura e bacharelado em Educação Física na Universidade Federal do Espírito Santo na cidade de Vitória, no segundo semestre do ano letivo de 2018. Segundo informações oferecidas pelo colegiado dos dois cursos, 626 alunos estavam matriculados regularmente e 217 aceitaram participar do estudo, com frequência de participação entre os dois cursos de 60,4% de alunos do bacharelado e 39,6% dos alunos da licenciatura. Em relação ao sexo, os participantes se dividem em 58,5% de homens (N=127) e 41,5% de mulheres (N=90).

A escolha desta faixa-etária se deu a partir da constatação de que esta parcela da população de jovens apresentaria maior frequência de consumo de substâncias psicoativas, segundo levantamentos nacionais (CARLINI E GARDUROZ, 2007; LARANJEIRA et al., 2007), o que desperta o interesse em estudos que sejam destinados à compreensão específica da realidade das escolhas e vivências de lazer entre grupos universitários.

Dentre os estudantes que aceitaram participar da pesquisa, a idade média correspondeu a 20.6 anos sem grandes picos em relação a distribuição da frequência de idade entre os participantes (Conforme figura 1).

Figura 1. Frequência de idade dos participantes



Fonte: Autoria própria

¹⁵CAAE: 87656418.9.0000.5542

Do total dos jovens, 97,3% se declaram solteiros, 1,4% morando com companheiro(a), 0,9% casados(as), 0,5% viúvos. 42,4% residem em Vitória, mesmo local do campus da universidade na qual se deu a pesquisa. De acordo com as informações levantadas, todos os sujeitos da amostra vivem em cidades demarcadas pela região metropolitana de Vitória¹⁶, conhecida como *Grande Vitória*. Menos de 1% deixou de responder sobre seu local de residência. A maior parte dos participantes do estudo vive com os pais (69,6%), entretanto há um percentual de jovens que mora sozinho (6%) ou divide residência com outras pessoas (16,6%) (Ver tabela 1).

Quando questionados sobre a relação com os estudos acadêmicos e a inserção no mercado de trabalho, 45,2% dos entrevistados responderam somente estudar, enquanto 54,4% deles se dividem entre as responsabilidades da vida acadêmica e laboral. Os indivíduos que não responderam a esta questão totalizaram 0,5% da amostra (Ver tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos universitários (N=217) de acordo com a ocupação, estado civil, município que reside e com quem mora conforme sexo masculino (N=127) e feminino (N=90)

| Variáveis | | Masculino | | Feminino | | total | |
|----------------------|-------------------------|-----------|-----|----------|-----|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Ocupação | Estudando | 62 | 48% | 36 | 40% | 98 | 45,2% |
| | Estudando e trabalhando | 65 | 51% | 53 | 59% | 118 | 54,3% |
| | Não respondeu | - | 0% | 1 | 1% | 1 | 0,5% |
| Estado civil | Solteiro(a) | 80 | 63% | 53 | 59% | 133 | 61,3% |
| | Namorando | 43 | 34% | 35 | 39% | 78 | 36,0% |
| | Casado | 2 | 2% | - | 0% | 2 | 0,9% |
| | Vivendo com parceiro(a) | 1 | 1% | 2 | 2% | 3 | 1,4% |
| | Viúvo(a) | 1 | 1% | - | 0% | 1 | 0,5% |
| | Divorciado(a) | - | 0% | - | 0% | - | 0,0% |
| Município que reside | Cariacica | 18 | 14% | 15 | 17% | 33 | 15,2% |
| | Vitória | 51 | 40% | 41 | 46% | 92 | 42,4% |
| | Vila Velha | 31 | 24% | 13 | 14% | 44 | 20,3% |
| | Serra | 20 | 16% | 19 | 21% | 39 | 18,0% |
| | Viana | 4 | 3% | 1 | 1% | 5 | 2,3% |

¹⁶ Região Metropolitana da Grande Vitória, é formada pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória (IBGE, 2017).

| | | | | | | | |
|----------------|--------------------------------|----|-----|----|-----|-----|-------|
| | Guarapari | 3 | 2% | - | 0% | 3 | 1,3% |
| | Não Respondeu | - | 0% | 1 | 1% | 1 | 0,5% |
| Com quem mora? | Com os pais | 93 | 73% | 58 | 64% | 151 | 69,6% |
| | Compartilho com outras pessoas | 18 | 14% | 18 | 20% | 36 | 16,6% |
| | Sozinho(a) | 7 | 6% | 6 | 7% | 13 | 6,0% |
| | Outros | 8 | 6% | 8 | 9% | 16 | 7,4% |
| | Não Respondeu | 1 | 1% | - | 0% | 1 | 0,5% |

5.5 Tratamento dos dados

Para a análise das informações levantadas neste estudo, realizamos a construção do banco de dados¹⁷ com os valores referentes às variáveis e também das respostas das perguntas abertas. Os dados do estudo foram tabulados no banco de dados em tabela de no programa *Microsoft Excel 2013* para as análises descritivas de todas as variáveis. Posteriormente, a partir das questões e sugestões apontadas na banca de qualificação quanto à associações e relações entre as variáveis do estudo, foram feitas as análises inferenciais com auxílio do pacote estatístico *IBM SPSS Statistics 25*.

A análise dos dados relacionou, além dos testes de frequência, os percentuais de variáveis como interesses culturais de lazer, vivências de lazer noturno e consumo de drogas em intercruzamento com outras variáveis que apareceram como marcadores na seção teórica (sexo, tempo disponível para o lazer e recursos financeiros destinados ao lazer). A partir dos testes de Qui-quadrado, com intenção de comparar possíveis diferenças entre as frequências esperadas para um certo evento, apresentamos os resultados juntamente com a discussão dos mesmos no capítulo a seguir.

¹⁷ Ver informações complementares no apêndice B

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Introdução

Este capítulo apresenta os principais resultados e discussões desta investigação. Com o objetivo de conhecer os modos de vivência de lazer dos jovens universitários, optamos por apresentar os resultados obtidos através de análises estatísticas descritivas e inferenciais, evidenciando algumas das variáveis que consideramos relevantes para o debate e também contrastando com outros estudos e argumentos de diversos autores.

Sendo assim, este capítulo é constituído de três partes principais divididas em subseções que têm como fio condutor as discussões sobre os lazers deste coletivo jovem, enfatizando diferenças em relação às variáveis da amostra. Centramo-nos, na primeira parte, nas questões sobre o tempo disponível para o lazer. No segundo momento, adentramos nas discussões que abrangem os repertórios de lazer e lazer noturno, salvaguardando as discussões que giram em torno do uso de drogas para a terceira parte, na qual investigamos os aspectos inerentes aos estudos deste campo juntamente com argumentos do campo de estudos do lazer.

6.2 Tempo disponível para o lazer

Nas primeiras questões dirigidas aos participantes nossa intenção foi entender a gestão do tempo de lazer (em horas) dos dias da semana (segunda a sexta-feira) e nos finais de semana. A comparação dos resultados entre os homens e mulheres resultou em diferenças significativas (ver tabela 2).

Tabela 2. Tempo disponível para o lazer em relação ao sexo

| Variável | Média | Este tempo é suficiente? | | | | |
|------------------------|--------|--------------------------|------|--------|------|--------|
| | | Sim | % | Não | % | |
| Horas durante a semana | Homem | 10,5 | n=45 | 35,50% | n=82 | 64,50% |
| | Mulher | 6,67 | n=20 | 22,20% | n=70 | 77,80% |

| | | | | | | |
|------------------------|--------|------|-------|--------|-------|--------|
| | Total | 8,9 | n=65 | 29,95% | n=152 | 70,50% |
| | Homem | 20,5 | n=78 | 61,50% | n=48 | 38,50% |
| Horas no fim de semana | Mulher | 19,8 | n=42 | 46,60% | n=48 | 53,40% |
| | Total | 20,2 | n=120 | 55,30% | n=96 | 44,70% |

*p<0,05

Observamos que as mulheres declaram ter menos tempo disponível para o lazer que os homens durante a semana. Sobre a suficiência do tempo de lazer neste período, tanto as mulheres quanto os homens reconhecem não ter o bastante, porém essa relação aparece maior estatisticamente entre as mulheres. Tal percepção também é apontada na investigação de Barbosa (2018) que atribuiu a diferença dos tempos disponível entre homens e mulheres ao maior acúmulo de ocupações do público feminino nas diversas esferas da vida como o trabalho, cuidados domésticos e com a família. No que concerne ao tempo no fim de semana da nossa população, os resultados sobre o tempo livre para o lazer não apresentam diferença estatística em relação ao gênero e notamos um crescimento relevante do tempo disponível de quase o dobro entre os homens e o triplo entre as mulheres.

Para compreender melhor a insuficiência de tempo do público jovem durante os dias da semana, realizamos o intercruzamento destas informações¹⁸ com a ocupação acadêmica e laboral deste público por meio de teste Qui-quadrado. Observamos diferença significativa¹⁹, entre os homens que só estudam sendo que 50% declaram que seu tempo de lazer durante a semana não é suficiente, enquanto 78,5% dos que exercem atividades acadêmicas e laborais também apontam esta insuficiência. Já entre as mulheres²⁰, estes dados se apresentam ainda mais relevantes, 44% das mulheres que só estudam declaram não ter tempo suficiente para o lazer, enquanto, dentre aquelas que exercem as duas atividades, 92,5% afirmam pouco tempo para o lazer.

¹⁸ Tabela A.1 no apêndice A

¹⁹ p<0,005

²⁰ p<0,005

Estes dados podem ter relação direta com as dinâmicas nas sociedades atuais, discutidas nos capítulos teóricos, as quais se atribuem grande valor a gestão do tempo pessoal para as facetas produtivas e evidenciam um acúmulo de atividades, resultando na insuficiência de tempo disponível (SAN SALVADOR, 2009). A constatação desta escassez de tempo por alguns grupos, sobretudo os jovens estudantes que trabalham, pode sugerir barreiras para os tempos dedicados ao lazer, principalmente entre as mulheres participantes do estudo. Esta realidade pode ser agravada a partir da construção cultural do papel da mulher na sociedade em relação ao trabalho doméstico e cuidados com os familiares, somados aqui também às questões acadêmicas e também do exercício profissional. Apesar de alguns dados nacionais evidenciarem ganhos em relação ao crescimento do tempo disponível para o lazer entre as mulheres com o passar dos anos (BARBOSA, 2018), ainda são percebidas barreiras que refletem na desigualdade em relação ao uso do tempo disponível entre os sexos (LÓPEZ BARAJAS et al, 2016).

6.3 Interesses de lazer dos jovens universitários

Uma vez apresentadas as questões relativas aos tempos de lazer dos participantes, trataremos nesta seção dos lazers destas juventudes apresentando e analisando os dados separados por gênero e outras variáveis. O campo do lazer tem diversos modos de taxonomia das atividades, para tanto, optamos por utilizar a divisão proposta por Dumazedier (1975), que classifica os interesses culturais do lazer²¹ em: físico-esportivos; sociais; intelectuais; artísticos e manuais. Utilizamos também a classificação de interesses turísticos de Camargo (2003) e virtuais de Schwartz (2003). Além disso, incluímos mais uma categoria que denominamos de atividades de descanso. Sendo assim, as 22 atividades de lazer relacionadas no questionário aplicado à população jovem foram agrupadas nestes interesses.

6.4 O que fazem os jovens universitários nos tempos-espços de lazer

Passamos agora a analisar as práticas de lazer dos jovens estudantes. Para tanto, dividimos em blocos que mostram as atividades mais praticadas, seguidas daquelas menos

²¹Entendemos que todos estes campos estão intimamente ligados demonstrando a infinidade cultural que concerne ao lazer. Esta diferenciação apresentada se manifesta somente para melhor compreensão das realidades de lazer desta população. Ver tabelas no Apêndice A.

praticadas e o motivo pelo qual este público não as pratica. Analisamos as frequências das respostas dos participantes quanto as suas preferências de lazer com o objetivo de entender quais interesses são predominantes. A tabela 3 mostra os principais resultados e, a partir desta, podemos perceber que as atividades mais praticadas entre os jovens são representadas primeiramente pelos interesses sociais (36,4%), seguidas dos interesses físico-esportivos (31,3%) e, por fim, pelo descansar/não fazer nada (9,2%).

Tabela 3. Interesses de lazer preferidos em relação ao sexo

| Interesses de lazer | Homens | | Mulheres | | Total | |
|------------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | n | % | n | % | n | % |
| Interesses artísticos | 6 | 4,7% | 13 | 14,4% | 19 | 8,8% |
| Interesses físico-esportivos | 49 | 38,6% | 19 | 21,1% | 68 | 31,3% |
| Interesses intelectuais | 1 | 0,8% | 1 | 1,1% | 2 | 0,9% |
| Interesses sociais | 47 | 37,0% | 32 | 35,6% | 79 | 36,4% |
| Interesses virtuais | 11 | 8,7% | 3 | 3,3% | 14 | 6,5% |
| Interesses turísticos | 4 | 3,1% | 7 | 7,8% | 11 | 5,1% |
| Descansar/Não fazer nada | 9 | 7,1% | 11 | 12,2% | 20 | 9,2% |
| Não respondeu | - | - | 1 | 1,1% | 11 | 0,5% |

De acordo com os resultados apresentados, observamos que há uma prática real de todas as dimensões do lazer, embora percebamos maiores convergências em uma ou outra categoria.

Os **interesses sociais**²² são os favoritos entre os jovens (36,4%), que se especificam, conforme a classificação, em sair e/ou ir à casa de amigos, frequentar locais como repúblicas de estudantes, bares, pubs e boates. O elemento condutor que pode ser discutido abrange a esfera da sociabilidade por promover a conversação social através das interações/relações nos espaços físicos de lazer. Freire (2000) argumenta que o lazer, em sua função social, permite a integração, a comparação e a construção de relações sociais e, por consequência, a construção de estilos de vida dos jovens. De forma complementar, Magnani (1984; 2005) dá ênfase aos aspectos sociais do lazer construídos a partir da relação com o lugar/espaço, que se traduz como *locus* de sociabilidade, tornando-se cenários centrais na rede de interação e pertencimento dos indivíduos e apresentando relação intrínseca às culturas juvenis quando se investiga suas vivências de lazer.

Neste estudo, “estar com os amigos” aparece como a principal escolha de companhia para as práticas sociais de lazer, que para Moreno (2003), são companhias essenciais para a socialização e para o protagonismo dos jovens. Entre as principais funções do grupo de amigos aparece o pertencimento através de fatores como a companhia e a diversão; a validação do eu e afirmação da identidade por se sentirem compreendidos e por poderem ser quem realmente são; segurança emocional, em situações de estresses, dúvida e confidências íntimas.

Há a possibilidade de promover também o desenvolvimento das habilidades sociais e da comparação de ideias e pensamentos, que por sua vez são elementos-chave para a formação social e afirmação da identidade (BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2008; FREIRE, 2000). A sociabilidade promovida pelo lazer contribui para a construção da identidade dos jovens.

O segundo interesse de lazer mais citado e apontado pelos participantes envolve as práticas **físico-esportivas**²³, como esportes e assistir competições esportivas. Observamos que, apesar desta categoria se apresentar entre os principais interesses citados no estudo, o gosto pelos esportes não aparece dentre as atividades de lazer favoritas desta população (16,5% dos homens e 11,1% das mulheres gostam de praticar). Estas informações contrariam as hipóteses iniciais levantadas pelos pesquisadores em relação ao campo de formação profissional (Educação física) dos participantes e também de estudo já feito com universitários da mesma área (SOUSA et al., 2014). Constatamos que mais da metade (55,9%) do público masculino da

²² Tabela A.3 no apêndice A

²³ Tabela A.2 no apêndice A

pesquisa declara não gostar de esportes, o que contrasta também com os dados estatísticos apresentados por (STOPPA, ISAYAMA, 2017) sobre o público universitário ou graduados no Brasil.

Quando comparamos novamente as frequências entre os gêneros através do teste Qui-Quadrado, apresentamos outras diferenças estatísticas, desta vez sobre a prática de esporte²⁴. Assim, 20% das mulheres declararam praticar algum esporte, enquanto 14,2% dos homens exercem esta atividade. Estes dados refletem novamente uma realidade contrária às estatísticas encontradas no levantamento nacional sobre lazer no Brasil (STOPPA, ISAYAMA, 2017) que apresenta o público masculino com percentuais maiores do que as mulheres. A falta de tempo é apontada por 66,7% dos jovens como a principal barreira para a prática de atividades físico-esportivas e esta porcentagem se acentua principalmente entre aqueles que estudam e trabalham (88,9%).

Em relação a assistir a competições esportivas, encontramos também diferença significativa quanto a comparação entre gêneros. As mulheres declararam gostar mais desta atividade que os homens (30% e 17,3%, respectivamente), entretanto estes dados se apresentam novamente inversos quando tratamos de sua prática. 15,7% dos homens assistem competições esportivas enquanto 7,8% das mulheres o fazem. Estes resultados corroboram com o Diagnóstico Nacional do Esporte produzido pelo Ministério do Esporte em 2016, o qual aponta maior percentual de homens-espectadores tanto para competições de esporte televisionadas quanto para a presença de público nos contextos em que acontecem. Esta diferença pode surgir da insuficiência de tempo para o lazer apontada pelas mulheres no nosso estudo, mas também do imaginário social que traz a representação de alguns espaços-tempos como predominantemente masculinos como trata Garcia (2008).

Como terceiro maior interesse de lazer entre os jovens estudados está a categoria “**descansar/não fazer nada**”. Este dado nos chama a atenção, pois, apesar de se destacar entre os principais interesses de lazer desta população ao observarmos a tabela 3., apresenta porcentagens mais baixas em relação aos primeiros (9,2%). Podemos argumentar duas possibilidades de análise deste cenário: 1) os valores de produtividade enraizados na sociedade contemporânea que, muitas vezes, diminuem os tempos destinados ao descanso e a importância

²⁴p<0,005

dada a estes 2) a possibilidade destes jovens não compreenderem o tempo de lazer como uma oportunidade de descanso e de não-realização de qualquer prática.

Sobre o primeiro apontamento, a relação do lazer com a constante imposição de ocupação do tempo com alguma atividade é argumentada por San Salvador (2009) como característica da aceleração dos ritmos de vida da sociedade atual, como se o não aproveitamento destes tempos representasse um desperdício, a ponto de termos sempre que preenchê-lo. Aliado a isto, como segunda forma de análise, destacamos que, no âmbito do lazer, existe um repertório vasto de formas e espaços de vivência identificadas como possibilidades de experiências, fatores que podem influenciar os significados do tempo de descanso não sendo tratado como lazer por estas culturas juvenis por talvez entenderem, pelo menos para uma parcela destes jovens, que a prática de alguma atividade é elemento necessário para a constituição do lazer.

6.5 Desejos de lazer dos jovens universitários

Para entender os interesses de lazer é essencial comparar o que os jovens fazem em seu tempo disponível com as aspirações de lazer. A partir deste panorama, podemos problematizar o que realmente se aproxima das realidades destas populações. Notamos nas respostas dos jovens universitários, que há uma distância em relação ao anseio pela prática e a realização das atividades de lazer. Dessa forma, as atividades menos praticadas aparecem como os principais anseios de lazer dos jovens, uma vez que as respostas dos participantes se apresentam maiores entre os interesses turísticos (32,7%), artísticos (21,7%) e intelectuais (9,2%) (Ver tabela 4).

Tabela 4. Anseios de lazer da população em relação ao sexo

| Interesses de lazer | Homens | | Mulheres | | Total | |
|------------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | n | % | n | % | n | % |
| Interesses artísticos | 27 | 21,3% | 20 | 22,2% | 47 | 21,7% |
| Interesses físico-esportivos | 6 | 4,7% | 9 | 10,0% | 15 | 6,9% |
| Interesses intelectuais | 11 | 8,7% | 9 | 10,0% | 20 | 9,2% |

| | | | | | | |
|--------------------------|----|-------|----|-------|----|-------|
| Interesses sociais | 7 | 5,5% | 2 | 2,2% | 9 | 4,1% |
| Interesses virtuais | 3 | 2,4% | - | 0,0% | 3 | 1,4% |
| Interesses turísticos | 34 | 26,8% | 37 | 41,1% | 71 | 32,7% |
| Descansar/Não fazer nada | 8 | 6,3% | 2 | 2,2% | 10 | 4,6% |
| Não respondeu | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |

Os interesses turísticos aparecem como os principais anseios de lazer entre os jovens pesquisados. Como discutimos no capítulo 1, as transformações do mundo globalizado alteraram as noções de espaço-tempo, isto é, as novas tecnologias de transporte, o fortalecimento econômico e das possibilidades de turismo entre diversas localidades influenciam na mobilidade geográfica estabelecendo intercâmbio cultural entre diferentes espaços (GIDDENS, 1991). De forma gradual, os interesses por conhecer novas localidades aparecem como prática cultural popular e seu significado se vê aumentado a partir do maior aporte tecnológico tanto em relação a evolução dos meios de transporte que diminuem o tempo de deslocamento estes espaços quanto a disseminação das imagens das diversas localidades do globo terrestre através da indústria cultural.

Entretanto, este interesse de lazer guarda uma estreita relação com as exigências de investimento financeiro e temporal para sua realização (MAYOR E ISAYAMA, 2017). Entre os jovens investigados, 76,1% apontam a falta de recursos financeiros como uma barreira para a realização do turismo e 9,9% destacam a falta de tempo como motivo para a não prática. Esta relação se mostra mais relevante quando separamos estes dados por gênero e por ocupação. O inter cruzamento das frequências desta população indica que 78,4% das mulheres não possuem recursos financeiros suficientes para esta prática e 13% argumenta sobre a falta de tempo, enquanto para os homens 73,5% não dispõem de recursos financeiros e 5,9% declaram não ter tempo para viajar. Quanto a relação da ocupação do tempo com atividades acadêmicas e de trabalho, daqueles que trabalham e estudam, 72,5% apontam a falta de dinheiro e 12,5% argumentam a gestão do tempo como uma barreira para as práticas turísticas. Já aqueles que somente estudam apresentam mais dificuldades financeiras (80,6%) e menos impedimento quanto ao tempo (6,5%).

Tanto os interesses turísticos, como primeiro anseio de lazer, quanto os artísticos, em segundo, aparecem como os principais desejos de lazer dos jovens investigados por Brenner, Dayrell e Carrano (2008). Quanto ao segundo, verificamos que os estudantes na nossa investigação têm as idas ao cinema como principal atividade artística de lazer, concordando também com o levantamento sobre o acesso à cultura do público universitário (LEIVA E MEIRELLES, 2018). No entanto, percebemos diferenças estatísticas evidenciadas no teste Qui-quadrado. Constatamos novamente que a falta de dinheiro (50%) e de tempo (20%) são os principais motivos para o baixo acesso das mulheres a estas atividades, enquanto para o público masculino as barreiras são o tempo (29,6%) e a preguiça/falta de decisão (29,6%) para realizar estas práticas.

Acerca das atividades intelectuais²⁵, as porcentagens de resposta sugerem que os jovens demonstram maior desejo por atividades de leitura de livros (21,3% entre os homens e 22,2% entre as mulheres). Apesar destes dados se apresentarem maiores em relação ao *desejo* do que da *prática em si* (13,4% e 13,3%, respectivamente), ainda assim a leitura de livros é a atividade intelectual mais praticada entre os jovens da pesquisa. Tal aspecto vai ao encontro dos dados encontrados pelo levantamento nacional sobre o acesso a cultura dos universitários (LEIVA E MEIRELLES, 2018), o qual mostra a leitura de livros como a atividade cultural mais predominante entre esta população. Entre as barreiras para a prática de atividades intelectuais, os jovens elencam ter preguiça/falta de decisão (75%) além de lhes faltar tempo (20%).

Outros dados devem ser apontados e correspondem aos anseios relacionados às práticas esportivas por gênero. Entre os homens esta realidade é pouco distante, dado que 16,5% gostam de praticar e 14% praticam. Quanto as mulheres, esta distância se apresenta maior e inversa àqueles apontados pelo público masculino. 11,1% declaram gostar e 20% praticam. Consideramos este cenário um importante aspecto para pesquisas subsequentes, ainda que os limites desta investigação não nos permitam explorar mais detalhadamente estas questões, estes dados nos chamam atenção para a problematização do motivo para a prática de esporte, visto que, para a população nacional, as motivações das mulheres giram em torno da “qualidade de vida e bem-estar”, “melhora da harmonia corporal (corpo/mente)”, enquanto dos homens relaciona-se à diversão e “relaxar no tempo livre” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016).

²⁵Tabela A.4 no apêndice A

6.6 Lazer noturno dos jovens universitários

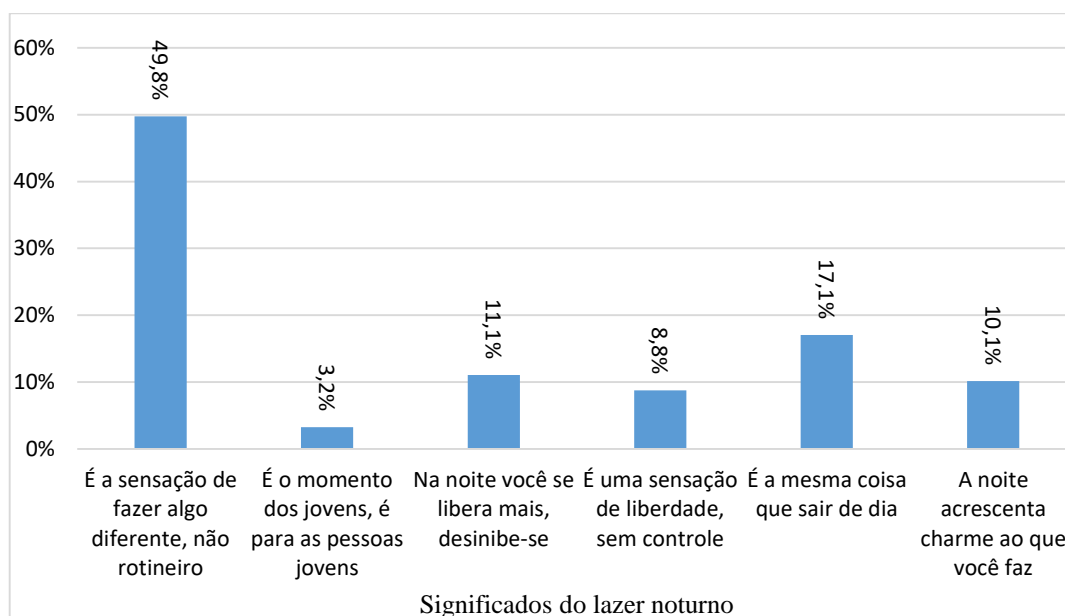
A investigação dos modos de lazer das populações jovens na noite é um dos principais pontos de análise deste estudo, pois nos permite entender as ocupações de lazer noturno através de características próprias que não giram em torno somente das temporalidades e dos espaços, mas também dos significados e usos atribuídos às experiências noturnas (LAZCANO e MADARIAGA, 2016; PALLARES e FEIXA, 2000).

O crescimento das cidades em torno das mudanças econômicas pós-industriais e da cultura de consumo refletem diretamente nos modos como experienciamos a vida na modernidade e, é justamente em torno destes moldes que emerge o lazer noturno (HOBBS et al. 2000; MEASHAM, 2004). O lazer noturno agrega uma série de oportunidades de atividades e de espaços com finalidades distintas e características próprias. É nestes contextos de lazer que temos a possibilidade de compreender a “marcha noturna²⁶” dos jovens que não se apresenta através de uma realidade homogênea, mas sim diversas, as quais, quando estudadas, possibilitam-nos observar os espaços-tempos do lazer que as juventudes constroem, paralelos ao mundo dos adultos, com seus próprios signos, ritmos, normas, grupos, culturas e modos de vivência (BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2008).

A partir das análises descritivas realizadas nesta investigação, é possível discutir que o lazer noturno apresenta potencialidades e representações heterogêneas para a população consultada (LAZCANO e MADARIAGA, 2016). Quase metade do grupo de jovens (49,8%) atribui ao lazer noturno o caráter de ruptura com a vida cotidiana, momento de quebra de rotina com mudanças de atividades e de contextos. No entanto, a segunda maior representação encontrada nesta análise apresenta 17,1% dos universitários que compreendem o lazer noturno semelhante às atividades de lazer realizadas do período do dia. Outros 8,8% apontam a sensação de liberdade e 11,1% dos jovens entendem a noite como um espaço que possibilita desinibição. Parte da população entrevistada (10,1%) considera importante o charme proporcionado pela noite em suas saídas noturnas e uma pequena parte da população (3,2%) considera o lazer noturno como um espaço-tempo pertencente às juventudes (Figura 2).

²⁶Caracteriza-se pela concentração massiva de pessoas em um determinado espaço da cidade (públicos e/ou privados) (Águila, 2003).

Figura 2. Significados atribuídos ao lazer noturno



Fonte: Autoria própria

Apesar de heterogeneidade de representações e expectativas, observamos que a partir dos intercruzamentos de diversas variáveis (como sexo, ocupação, recursos financeiros para o lazer) o lazer noturno representa, para a maioria dos jovens, um movimento diferente do dia, assume um significado distinto, com o objetivo de ruptura com as obrigações diárias. A noite faz parte da economia da diversão, é atração e desperta paixões hedonistas. São nas noites, principalmente dos fins de semana, outrora consideradas majoritariamente de ocupação de boêmios ou “marginais”, que passam a ter notoriedade e abrigar diferentes perfis²⁷ de jovens a procura de divertimento, sociabilidade e evasão.

A sociabilidade é um ponto-chave para discutir os lazeres das juventudes, pois é elemento condutor da diversão, do encontro e do prazer. A possibilidade de estar com os pares fora do alcance das restrições temporais do dia, das atribuições da rotina semanal e do controle estabelecido no mundo pelos adultos se soma às opções de atividades e espaços, de fazer algo não rotineiro. Para Hollands (1995), o caráter socializador de algumas ocupações se torna uma das principais razões para os jovens saírem nas noites. De acordo com os resultados aqui analisados, os interesses sociais noturnos, tais como, frequentar repúblicas de estudantes, bares e pubs e ir à casa de amigos estão entre as principais escolhas de lazer entre os jovens. Estes

²⁷A noite não é democrática para todas as juventudes, mas sim expõe imensas desigualdades sociais que se apresentam através de exclusões de muitos jovens à prática de lazeres ou acessos a espaços para estas finalidades (MEASHAM, 2004; MEASHAM e BRAIN, 2005; ROBINSON, 2009).

dados corroboram também com a investigação de Mayor e Isayama (2017) que destacam a preferência por atividades sociais da população nacional no ensino superior.

Os contextos de lazer noturno se tornam rapidamente espaços de identidade social e de estilos de vida entre as juventudes (MAGNANI, 2005). As práticas e espaços de lazer carregam uma grande vitrine de significados e símbolos. O fluxo da noite aponta para possibilidades abertas de encontros e desencontros. O conceito de lazer casual, de Stebbins (1997), pode nos ajudar a explorar algumas das questões que discutiremos nesta e nas próximas seções. O autor aponta em sua teoria que o lazer casual, contrário ao lazer sério, é hedonista por essência por apresentar sensações de prazer imediatas e oportunizar à conversação social pelo seu caráter de informalidade e relaxamento. A noite aparece como tempo-espaço do lazer casual pela promoção de encontros e ocupação juvenil, quando é possível ativar o lado mais hedonista da existência, integrar-se, diferenciar-se, socializar-se à procura de prazer. O lazer noturno rompe com a cadência cotidiana do dia, representa outro movimento.

A ocupação da noite pelos jovens é vista por teóricos (HOLLANDS, 1995; PARKER et al, 1998) como um reflexo das contingências das sociedades atuais através do rompimento com os pilares tradicionais da identidade juvenil. O lazer noturno assume esta esfera, distante das atividades corriqueiras, e se transforma em espaço de criação de identidade frente às várias formas de inserção no mundo e passa a representar muito mais do que um rito de passagem, mas um rito constante de socialização (DUFF, 2003; MEASHAM, BRAIN, 2005).

6.6.1 Itinerários de lazer noturno

Se a noite tem um movimento distinto para as culturas juvenis, não poderíamos continuar esta análise sem considerarmos os itinerários de lazer noturnos. Tais itinerários marcam os espaços e tempos nos quais as experiências acontecem, mas também nos dão possibilidade de investigar as divisões sociais e as exclusões também presentes nestes contextos (LAZCANO e MADARIAGA, 2016).

O lazer noturno pode apresentar a busca de experiências físicas e sensoriais das várias culturas juvenis, centralizado, por vezes, em algumas localidades das cidades como ruas de bares e pubs, em espaços públicos e privados em outros cantos da metrópole, mas também pela mobilidade juvenil na noite. Ao perguntarmos aos jovens sobre os locais e seus itinerários

noturnos, observamos as primeiras distinções²⁸. A maior parte dos jovens explora lazeres fora da cidade que reside acompanhada do grupo fixo de amigos (28,8%), enquanto outros se concentram em sua própria cidade, mas em distintas áreas (21,2%) e uma parte (18,9%) frequenta somente uma área, como um bairro, de sua própria cidade.

Um aspecto relevante aparece quando observamos as preferências nos itinerários dos jovens mais novos (18 anos) e mais velhos deste estudo (24 anos). Entre a população mais jovem, as respostas se concentram em frequentar a mesma área da cidade que vivem (30,8%), explorando outras cidades com o seu próprio grupo de amigos (20,5%) e também com outros grupos de amigos (12,8%). Já os jovens na outra ponta do espectro etário (24 anos), apresentam duas respostas predominantes, lazeres na mesma cidade que vivem, mas com mudança de área (40%) e exploram outras cidades sempre com o mesmo grupo de amigos (60%). Tais questões nos sugerem que alguns jovens apresentam mais mobilidade entre os pontos de lazer da metrópole e que mais uma vez um dos pontos-chave para o lazer está na construção da socialização (HOLLANDS, 1995; MAGNANI, 2005).

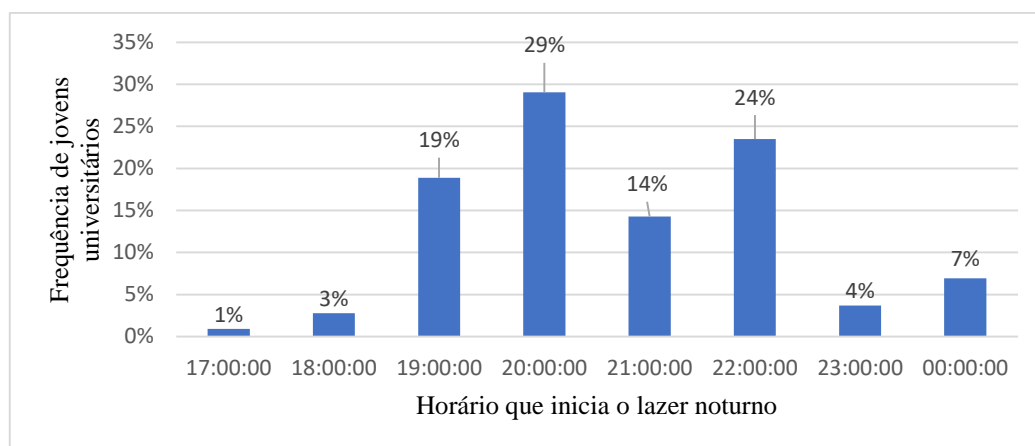
Os itinerários também se caracterizam por uma série de tempos²⁹, sejam os limites cronológicos da noite e do dia, o horário de abertura e fechamento dos estabelecimentos de lazer e/ou as estratégias de como começar e terminar uma boa noite de lazer. Estas ordenações em relação aos tempos de início e término são, todavia, também distintas entre os jovens, quer seja a hora de sair de casa para encontrar os amigos, onde ir/ficar e como/qual horário voltar para casa.

O momento de início do lazer noturno é, por vezes, organizado a partir do coletivo, ou seja, da aglomeração e concentração dos jovens em torno dos locais de lazer, mas também pode ser permeado pelas ofertas e atrações oferecidas pelos espaços de lazer como promoções, *happy hours*, pequenos shows (Ferreira, 2007). Contudo, são outros os aspectos que regulam o término de uma noite de lazer como o fechamento dos estabelecimentos, o cansaço depois das atividades diurnas, as companhias (ou a falta delas), o estado de alteração a partir do uso de substâncias lícitas e/ou ilícitas e também pela disponibilidade de transporte particular ou público para regressar à própria residência.

²⁸ Tabela A.8 no apêndice A

Em relação aos itinerários de saídas de casa para as vivências de lazer do coletivo estudado, os picos de horários de saída se apresentam entre às 19 horas e 22 horas. Observamos que o horário de volta para casa acontece, para uma parcela desses jovens, antes da meia noite (24,4%) e cabe ressaltar que a frequência aparece mais alta especialmente entre as mulheres (29%). Entretanto apontamos que a frequência de jovens que permanecem em suas vivências de lazer noturno entre meia noite e 2 horas da manhã representa 26,7%, aqueles que ficam de 2 horas até às 4 horas correspondem 24,4% e de 4 horas às 6 horas da manhã são 15,6%. Outro dado relevante diz respeito aos jovens que só regressam à casa na manhã seguinte (6%) (Ver figura 3 e 4).

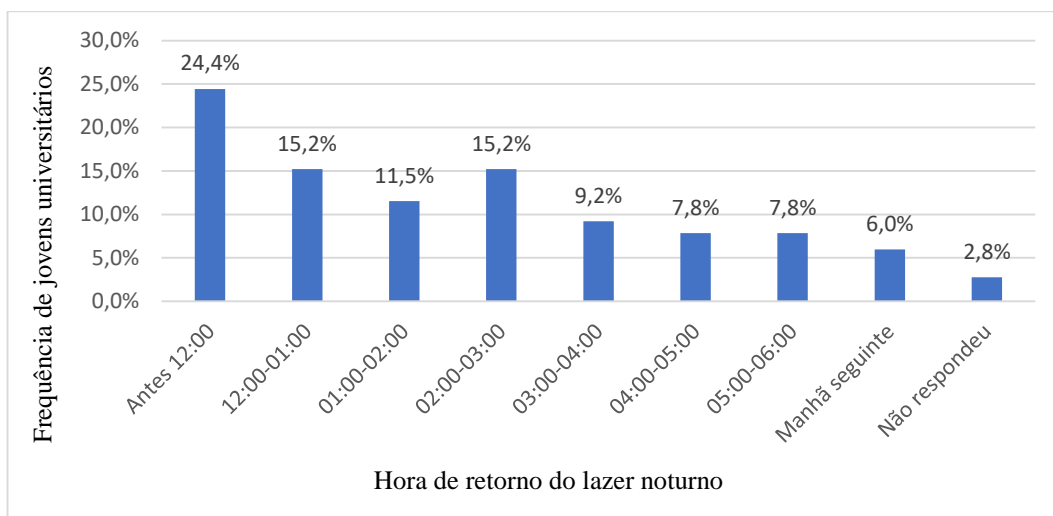
Figura 3. Frequência de participante por hora que sai para o lazer noturno



Fonte: Autoria própria

Outro dado que nos importa sobre os itinerários de lazer noturno desta juventude se apresenta a partir da análise da ocupação de vida dos jovens. Os diferentes ritmos de vida daqueles que exercem atividades acadêmicas e trabalham impactam na hora que iniciam o lazer noturno, ou seja, na gestão do tempo de lazer na sociedade atual (SAN SALVADOR, 2009). Entre esta população percebemos diferença de uma hora em relação aos jovens que somente estudam, isto é, os estudantes que trabalham apresentam mais frequência de ingresso no lazer noturno de 20:00 às 22:00 horas, enquanto o outro grupo inicia com mais frequência às 19:00 até às 20:00.

Figura 4. Frequência de participante por hora que retorna do lazer noturno



Fonte: Autoria própria

No presente estudo, o retorno para casa apresenta diferenças relevantes. O grupo que inicia o lazer noturno entre às 18:00 e 20:00 horas é o mesmo que retorna mais cedo para casa (entre meia noite e três da manhã) enquanto os jovens que iniciam seu lazer a partir das 21:00 horas são os que permanecem ao longo da madrugada com alguns deles não retornando para casa na manhã seguinte (6%). Um grupo retorna antes da meia noite (24,4%) e entre 12:00 e 1 da manhã (15,2%), o que pode indicar os horários de encerramento das linhas de transportes públicos da região metropolitana de Vitória e os horários de funcionamento de alguns estabelecimentos como restaurantes. Para outros, as obrigações do dia seguinte, seja em relação ao trabalho, estudos e a prática de atividades físicas, são aspectos importantes para considerarem a permanência no tempo-espço do lazer. Para alguns jovens (6%), no entanto, os limites da noite não representam fronteiras temporais, a temporalidade que marca o dia e a noite se interligam e se confundem e o retorno para casa é prorrogado somente para o clarear do dia seguinte.

Existem, contudo, algumas barreiras que impedem esta população de desfrutar das saídas para o lazer noturno. Os recursos financeiros não são apontados como impedimento para a prática do lazer, mas interferem na frequência com que os jovens saem nos fins de semana de um mês, ou seja, quanto menores os recursos financeiros menor é a quantidade de fins de semana em um mês que desfrutam do lazer. Outro dado que aparece da relação de gênero

observadas nas respostas à questão “Normalmente você sai na sexta e no sábado?”³⁰ apontam que as mulheres saem com menor frequência na sexta-feira e no sábado, mesmo que saiam com a mesma frequência que os homens pelo menos um dia dos fins de semana no período de um mês. Estes dados podem surgir da disparidade de tempo disponível para o lazer, uma vez que as mulheres que declaram que não ter tempo suficiente no fim de semana são as que menos saem às sexta-feira e sábado (59,3% das mulheres e 38,2% dos homens).

6.6.2 Onde vão à noite

As atividades de lazer preferidas pelos jovens são aquelas que envolvem interesses sociais (como ir a repúblicas de estudantes, ir à casa de amigos, ir a bares, cafés, pubs) e atividades artísticas como frequentar cinemas (Ver tabela 5).

Tabela 5. Atividades praticadas durante o lazer noturno em relação ao sexo

| Interesse de lazer | Homens | | Mulheres | | Total | |
|-----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | n | % | n | % | n | % |
| Ir ao cinema | 74 | 58,3% | 58 | 64,4% | 132 | 60,8% |
| Ir ao restaurante | 44 | 34,6% | 57 | 63,3% | 101 | 46,5% |
| Ir a bares e pubs | 75 | 59,1% | 50 | 55,6% | 125 | 57,6% |
| Ir a boate | - | - | - | - | - | - |
| Ir ao teatro | 52 | 40,9% | 34 | 37,8% | 86 | 39,6% |
| Ir a concertos/shows | 6 | 4,7% | 14 | 15,6% | 20 | 9,2% |
| Beber nas ruas e praças | 46 | 36,2% | 34 | 37,8% | 80 | 36,9% |
| Praticar atividades físicas | 63 | 49,6% | 39 | 43,3% | 102 | 47,0% |
| Passear | 55 | 43,3% | 22 | 24,4% | 77 | 35,5% |

³⁰ Tabela A.9. no apêndice A

| | | | | | | |
|------------------------------|----|-------|----|-------|-----|-------|
| Ir à casa de amigos | 64 | 50,4% | 58 | 64,4% | 122 | 56,2% |
| Ir a república de estudantes | 83 | 65,4% | 62 | 68,9% | 145 | 66,8% |

O lazer noturno expõe uma variação de ofertas para o público jovem. Há a ocupação de espaços privados e também de espaços públicos marcados por uma produção social de signos que moldam as percepções e as práticas nos contextos de lazer noturno (JAYNE, HOLLOWAY, VALENTINE, 2006; MEASHAM, 2004a; DEMANT, LANDOLT, 2014; 2008). A noite traz consigo um amplo espectro de ofertas e procuras, que aparecem, muitas vezes, distintos entre as próprias juventudes. Os espaços que caracterizam atividades sociais são os mais frequentados entre os jovens, mas, entre esta população se observam nuances na relação espaço-gênero.

Como primeira e segunda opção entre as mulheres, observamos que este público frequenta mais espaços privados como repúblicas de estudantes e a casa de amigos, enquanto, para público masculino, as repúblicas de estudantes aparecem primeiro e em seguida espaços como bares e pubs. Essa divergência pode remeter às discussões apresentadas nos capítulos anteriores deste trabalho que expõem as ocupações dos espaços noturnos pelas juventudes e a preocupação das mulheres com os riscos que os locais de lazer abertos e públicos podem proporcionar também o próprio trajeto entre os espaços próprios (como a casa) e os locais de lazer podem potencialmente oferecer (CARR, 2000; GREEN e SINGLETON, 2006).

6.7 Usos de drogas no lazer noturno

O consumo recreativo de drogas aparece como um dos temas abordados nos estudos sobre as populações juvenis. Para descrever os consumos associados ao lazer noturno da parcela juvenil, recorreremos a perguntas que buscavam entender os diversos usos de bebidas alcoólicas, a frequência do uso e a quantidade de doses que ingerem por ocasião, assim como, em relação ao consumo recreativo de drogas ilícitas, interessava-nos saber a frequência de jovens que fazem uso, os tipos de drogas, o padrão de consumo destas.

Embora o consumo de álcool prevaleça entre os participantes deste estudo, pode-se verificar, em menor escala, que o consumo de psicoativos de uma forma geral é uma realidade de lazer entre os universitários da nossa pesquisa. Tais resultados corroboram com levantamento nacional realizado em 27 capitais sobre o uso de álcool e outras drogas com universitários (ANDRADE et al., 2010) e também com as pesquisas entre os alunos da mesma universidade vinculada a nossa pesquisa (PORTUGAL et al., 2008; SANTOS, PEREIRA, SIQUEIRA, 2013; TEIXEIRA et al., 2010). Tal detecção contribui para a desconstrução de alguns estigmas imputados aos consumidores de substâncias psicoativas nas quais seriam pessoas apartadas da sociedade e das obrigações com trabalho e estudo. É possível verificar diferentes instâncias de usos concomitantes ao cotidiano de um jovem universitário.

Na perspectiva nacional e em outros estudos sobre o consumo desta população, estão disponíveis análises que evidenciam principalmente os padrões de uso, quantidades e frequências, além das questões que relacionam as diferenças entre os gêneros, classe social e faixa-etária frequentemente vinculando os usos aos potenciais riscos físicos, psicológicos e a apontamentos sobre medidas de saúde pública destinadas a esta população. No entanto, estes estudos também expõem um cenário de investigação ainda pouco explorado destes consumos de drogas que se relaciona as escolhas de lazer desta população (ROMERA, 2014).

As discussões apresentadas ao longo do presente estudo apontam o lazer como esfera de crescimento pessoal e social, além de integrante chave nos estilos de vida das culturas juvenis nas sociedades atuais, mas mostram também discursos ambivalentes quando atravessado pelos usos de drogas. Ao incorporamos as perspectivas sociológicas que exploram o uso de substâncias nos vários contextos de lazer, lógica que se torna relevante quando investigamos o crescimento do mercado do lazer e entretenimento em torno do uso de drogas, podemos entender estes contextos além dos olhares recortados da realidade (BERGERON, 2012; COMAS, 2009).

6.7.1 O consumo de bebidas alcólicas

Ao observamos os resultados sobre uso recreativo de bebidas alcólicas, notamos à similaridade dos dados já apresentados em outros estudos sobre os altos índices de uso entre as populações juvenis (ANDRADE et al., 2010; CARLINI ET AL., 2007; ROMERA ET AL., 2018). A tabela 7. apresenta o consumo de bebidas alcólicas e retrata o papel de destaque dos

lazer na noite, afirmados por 63,6% da população investigada. Não encontramos diferença estatística significativa entre gênero, faixa-etária, estado civil, com quem os jovens moram ou entre aqueles que se ocupam só com os estudos e aqueles que trabalham e estudam, o que pode sinalizar a prevalência entre os diversos grupos e também um movimento de naturalização dos usos recreativos entre as camadas juvenis (MEASHAM, BRAIN, 2005; MEASHAM, SHINER, 2009).

A tabela 6. auxilia também a discutir, de forma mais específica, o padrão de consumo do grupo estudado. A maior parte dos jovens universitários consome bebidas alcólicas nos fins de semana (84,1%), o que vai ao encontro do exposto por Águila (2005) e Martins (2006) que ressaltam o uso de álcool sobretudo nos finais de semana e em situações festivas com amigos e familiares. Este consumo é discutido como oportunidade de romper com a rotina da semana (BRAIN 2000; MEASHAM E BRAIN 2005; MARTINIC E MEASHAM 2008), mas também se manifesta durante os dias da semana (15,9%) e todos os dias (2,3%).

Tabela 6. Frequência de consumo de álcool em relação ao sexo

| Consumo de bebidas alcólicas | Masculino | | Feminino | | Total | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|----|----------|----|-------|-----|-------|
| | n | % | n | % | n | % | |
| Consome álcool? | Sim | 82 | 64,6% | 56 | 62,2% | 138 | 63,6% |
| | Não | 45 | 35,4% | 34 | 37,8% | 79 | 36,4% |
| Frequência de consumo na semana | Somente aos fins de semana | 74 | 84,1% | 44 | 81,5% | 118 | 83,1% |
| | Fins de semana e durante a semana | 14 | 15,9% | 10 | 18,5% | 24 | 16,9% |
| Frequência de consumo em um mês | Todos os dias | 2 | 2,3% | 0 | 0,0% | 2 | 2,3% |
| | Todos os fins de semana | 14 | 15,9% | 5 | 9,3% | 19 | 13,4% |
| | Quase todos os fins de semana | 37 | 42,0% | 27 | 50,0% | 64 | 45,1% |
| | Uma vez ao mês | 22 | 25,0% | 13 | 24,1% | 35 | 24,6% |
| | Raramente | 13 | 14,8% | 9 | 16,7% | 22 | 15,5% |

Stebbins (1993;1997) aponta o consumo de drogas psicoativas como uma prática hedonista do lazer casual, na qual se obtém gratificação imediata a partir dos efeitos da droga e da consequente facilitação da conversação social pela desinibição farmacologicamente proporcionada. Leigh e Lee (2008) reforçam este argumento quando discutem que, apesar dos

riscos físicos, o consumo de bebidas alcóolicas pode ser um facilitador tanto nos aspectos sociais, ao entrar em contato com o outro e/ou lidar com contextos frustrantes, mas também torna-se relevante nas questões identitárias do jovem levando em conta o exercício dos estilos de vida nas sociedades atuais.

Um ponto que gostaríamos de ressaltar é que nossa análise não apresentou diferença significativa quanto ao consumo em relação as questões de gênero, dados que podem indicar uma diminuição das fronteiras simbólicas da participação das mulheres nesta atividade social (MEASHAM e OSTERGAARD, 2011). Este apontamento pode convergir da maior possibilidade de rompimento das gerações jovens atuais com laços tradicionais que construíam o papel e as fronteiras delimitadas para a mulher na sociedade, além da possibilidade de aspiração de carreiras no mercado de trabalho que é uma realidade das jovens mulheres da nossa investigação. Esses processos, dentro da sociedade de consumo, contribuem para a mudança de status do consumo de álcool, antes relacionando a mulheres a transgressoras, para se integrar nas questões culturais que permeiam a sociedade atual como os estilos de vida e identidade (MEASHAM, 2001).

Em consonância com a base teórica deste estudo, apresentamos outras categorias que são relevantes para a análise dos dados sobre consumo de bebidas alcóolicas entre os jovens investigados: *binge drinking*; local de consumo e a informações dos jovens sobre o uso de bebidas alcóolicas.

6.7.2 *Binge drinking*

Outro ponto relevante aparece quando questionamos os participantes sobre a quantidade de bebidas alcóolicas que ingerem em uma ocasião no lazer noturno. Ao analisamos as frequências de jovens bebedores em relação à quantidade de uso, temos quase metade da amostra (48,9%) com padrões de beber em *binge*, percentual mais elevado que o consumo apontado por ANDRADE et al. (2010), no qual 36,7% dos jovens declaram este padrão de consumo.

Em estudo comparativo sobre o consumo de álcool entre jovens universitário brasileiros e portugueses, Romera et al. (2018) e Parente et al. (2017) discutem que entre os universitários o ato de beber em *binge* se apresenta como um padrão de consumo. A prática do *binge drinking* é problematizada principalmente a partir de dois pontos: a naturalização da presença do álcool

na vida diária da população e sobretudo nos contextos de lazer, bem como a percepção dos jovens sobre a quantidade do seu próprio consumo. Quanto ao primeiro ponto, apresentamos, no terceiro capítulo, alguns aspectos sobre fortalecimento do mercado das bebidas alcólicas e a mercantilização destes produtos como apresentação de rótulos atrativos desenhados para grupos populacionais que capturam signos de um estilo de vida desejado, o patrocínio a eventos esportivos e musicais e as ações publicitárias que ilustram momentos de gratificação pessoal, gerando com isso uma naturalização do uso das bebidas alcólicas nos momentos de lazer (MEASHAM E BRAIN, 2005).

Em relação ao segundo, estudos internacionais (MEASHAM, 2004; SZMIGIN; GRIFFIN; MISTRAL; BENGRIY-HOWELL; WEALE; HACKLEY, 2008), argumentam que os jovens, quando questionados, não caracterizam seu padrão de uso de álcool como excessivo, extremo ou em *binge*, a não ser que enfrentem consequências negativas relacionada a estes usos. O consumo dentro de uma esfera recreativa proporcionaria uma espécie de “permissividade emergente” restrita àqueles contextos, como uma licença para o consumidor transgredir às fronteiras do que é moralmente reprimido. Contextos esses em que alguns usos podem ser encobertos por não se classificarem como abusivos e ainda podem corresponder a uma nova cultura de intoxicação, centrada no uso hedônico como estilo de vida.

Leigh e Lee (2008) apontam o consumo de bebidas alcólicas em grande quantidade entre as juventudes como uma prática social democratizada, transgredindo, sobretudo, questões econômicas e de gênero. Sobre esta afirmativa, os recursos financeiros não foram estatisticamente significantes quando damos foco ao consumo de álcool em *binge* no nosso estudo. Dos participantes que declaram não ter nenhum dinheiro disponível para o lazer, 4,4% consomem álcool em grandes quantidades, assim como a população que tem de 1 a 199 reais para o lazer representa mais de 1/3 (33,77%) dos que se integram neste padrão de consumo. Entre a população que disponibiliza até 400 reais para o lazer 61,7% faz uso em *binge*. Quanto aos resultados por sexo, a prática do *binge drinking* não apresenta diferença estatística significativa, o que pode indicar, assim como nos dados sobre a frequência de uso, um encurtamento da distância cultural entre homens e mulheres em relação à quantidade de ingestão de álcool, caracterizando assim mais um indicador de consumo recreativo paritário entre esta população.

6.7.3 Local de consumo

Com o álcool aparecendo como a principal droga consumida pelo grupo pesquisado, a investigação dos espaços nos quais estes consumos se localizam pode ser significativa para compreender normas sociais e signos que regulam o padrão de uso destes jovens, bem como evidenciar possíveis desigualdades de acesso das populações juvenis a estes cenários.

Observamos que os jovens investigados frequentam locais de lazer noturno privados e públicos para o consumo de bebidas alcólicas, estes se materializando em estabelecimentos como bares e pubs (57,6%) e espaços ocupados em ruas e praças (36,9%) com a finalidade de se reunirem para beber. Os dados analisados neste estudo apresentam relações importantes sobre as dinâmicas de uso dos espaços no lazer noturno. Segundo Aresi e Pedersen (2015), em contexto de uso que se relacionam a espaços formais como bares e pubs, o padrão de uso tende a se apresentar moderado e o álcool passa a representar fator integrante na facilitação da socialização. No nosso estudo, mais da metade dos jovens frequentam espaços formais de lazer e o padrão de uso (moderado ou *binge drinking*) não apresenta diferença significativa, caracterizando que uma parte dos jovens fazem uso moderado, enquanto outra parte apresenta consumo com padrões de embriaguez.

No entanto, quando observamos os dados sobre os consumos em espaços não formais de lazer como ruas e praças, temos maior frequência³¹ de padrões de *binge drinking* com 60,6% dos jovens declarando esta modalidade de consumo. Estes aspectos se aproximam de estudo sobre o fenômeno do *botellón* na Espanha que aponta que jovens universitários apresentam maiores consumos de álcool em ambientes públicos ocupados pelas juventudes (GOMEZ-FRAGUELA et al, 2008). Como argumentamos no capítulo terceiro, uma possível interpretação para este fenômeno é a flexibilização das normas nestes espaços que apresentam menor controle regulatório. Estes locais não só proporcionam um cenário físico de encontro, mas a oportunidade de os jovens serem vistos e também de se esconderem, de criarem e compartilharem outros significados além daqueles apresentados e pré-moldados nos espaços privados e ainda possibilita a ingestão de bebidas com menores custos. Os consumos nestes contextos se dão, via de regra, por bebidas compradas em mercados e mercearias e com menor preço que nos bares e restaurantes (ROBINSON, 2009).

³¹ Tabela A.10 no Apêndice A

Mas os contextos de lazer noturno escondem exclusões entre o público universitário estudado. A disponibilidade de recursos financeiros para o lazer se mostrou um fator relevante para compreender a ocupação de espaços para beber (MEASHAM, 2004a). Os espaços privados como bares e pubs não representam neste estudo ambiente democrático, pois são frequentados por um público com mais recursos financeiros para o lazer, enquanto as ruas e praças são mais frequentadas por jovens que declaram ter menos dinheiro disponível para o lazer.

Outro ponto que podemos discutir ainda é o acesso do público feminino aos espaços formais e informais de consumo. Apesar de não termos percebido qualquer diferença estatística significativa na relação acesso x gênero, reconhecemos que os limites deste estudo podem encobrir questões culturais que problematizam a presença das mulheres em espaços de consumo de bebidas alcólicas tradicionalmente marcados como masculinos (ØSTERGAARD, 2007), pontos estes que nos dão mais pistas para futuras investigações quando analisamos as percepções de consumo entre os jovens indicadas na seção seguinte.

6.7.4 Informações sobre o uso de bebidas alcólicas

Apesar dos dados quantitativos representarem uma realidade paritária de consumo de álcool, diversos aspectos subjetivos devem ser observados quando tratamos dos modos de consumo das populações jovens. A percepção dos efeitos e dos riscos do uso e o desejo de atingir um estado de alteração de consciência através das substâncias psicoativas pode aparecer de forma distintas entre os gêneros (Ver tabela 7).

Tabela 7. Informação sobre o consumo de álcool em relação ao sexo

| Consumo de bebidas alcólicas | | Masculino | | Feminino | | total | |
|---|-----|-----------|-------|----------|--------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Possui informação suficiente sobre o consumo de álcool? | Sim | 70 | 77,8% | 51 | 91,1%* | 121 | 82,9% |
| | Não | 20 | 22,2% | 5 | 8,9% | 25 | 17,1% |

*p<0,05

Ao perguntarmos aos universitários se possuíam informações suficientes sobre o consumo de bebidas alcólicas, foi observada diferença significativa em relação ao gênero. As mulheres declararam ter mais informações sobre o consumo do que os homens. Estes dados

podem sugerir observações apontadas na revisão teórica, as quais argumentam que as mulheres podem associar o consumo de bebidas alcóolicas a situações de maior exposição ao risco e a insegurança pessoal (BROOKS, 2011). Por conseguinte, podem apresentar diferentes estratégias de consumo nestes contextos, como decisões que tangem ao cuidado com seu nível de intoxicação, escolhas sobre os espaços que frequentam para beber, principalmente quanto envolve o contato direto com o público masculino (ARMSTRONG, THUNSTROM, DAVEY, 2011; BROOKS, 2011).

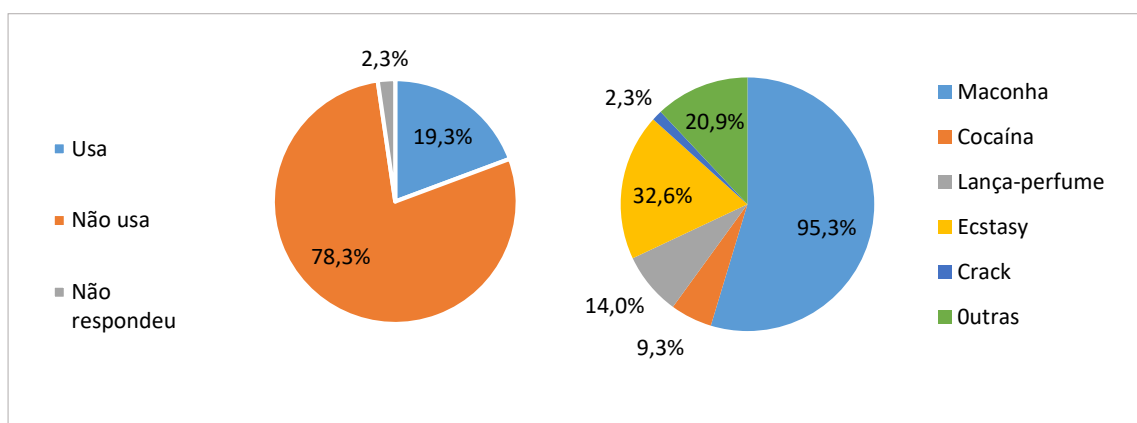
Os autores que discutem o risco dos usos de álcool problematizam que naturalização do uso nos contextos de lazer juvenis pode repercutir nos índices de acidentes automobilísticos por intoxicação e também em episódios de prática de relações sexuais desprotegidas (CALAFAT et al, 2009). Além disso, outro aspecto discutido pela literatura que surge dos contextos de uso recreativo é aceitação social de alguns comportamentos/abordagens abusivos e invasivos que podem ser intensificados pelos efeitos do álcool, os quais são recebidos com medo e possibilidade de risco pelas mulheres, mas ainda sim naturalizados no imaginário social, como abordagens e conversas indesejadas (ARMSTRONG ET AL., 2011; BROOKS, 2011).

6.7.5 Uso de drogas ilícitas

Outro ponto de convergência que os debates sobre o uso de drogas e o lazer podem explorar são as questões que concernem os usos de substâncias ilícitas. A figura 5 apresenta os resultados sobre o consumo recreativo do grupo estudado. 19,3% faz uso de substâncias ilícitas e a maconha³² é a substância mais usada representando 95% dos usos totais destes jovens, seguida do ecstasy, do lança-perfume, da cocaína e do o crack, as outras drogas relatadas são a ketamina e o haxixe. As mulheres desta pesquisa não apresentam porcentagens de uso de cocaína, solvente nem crack. Em outros estudos que tiveram lócus na Universidade Federal do Espírito Santo, a maconha só aparece como prevalente entre os alunos da psicologia (SANTOS, PEREIRA, SIQUEIRA, 2013), enquanto em outras investigações de cursos da saúde as maiores frequências se referem aos inalantes e solventes (MARDEGAN et al., 2007; PEREIRA et al., 2008; PORTUGAL et al., 2008).

³²Embora a cannabis esteja atualmente classificada como uma droga ilícita, intensificam-se as discussões no Brasil referentes à sua legalização principalmente para o uso medicinal.

Figura 5. Frequência de uso das drogas ilícitas



Fonte: Autoria própria

Dentre os usos apontados, a maioria dos jovens são consumidores recreativos de fins de semana, enquanto os demais fazem uso durante a semana e também nos fins de semana. Esta distribuição nos chama atenção principalmente quando observamos estes usos ao longo de um mês: 20,7% dos jovens usam drogas ilícitas todos os dias e entre as substâncias consumidas está a maconha (Ver tabela 8).

Tabela 8. Frequência de uso de drogas ilícitas em relação ao sexo

| Drogas ilícitas | Homens | | Mulheres | | Total | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|----|----------|---|-------|----|-------|
| | n | % | n | % | n | % | |
| Frequência de uso na semana | Somente aos fins de semana | 19 | 63,3% | 9 | 64,3% | 28 | 63,6% |
| | Fins de semana e durante a semana | 11 | 36,7% | 5 | 35,7% | 16 | 36,4% |
| Frequência de uso em um mês | Todos os dias | 6 | 20,7% | 5 | 38,5% | 11 | 26,2% |
| | Todos os fins de semana | 1 | 3,4% | 1 | 7,7% | 2 | 4,8% |
| | Quase todos os fins de semana | 8 | 27,6% | 4 | 30,8% | 12 | 28,6% |
| | Uma vez ao mês | 14 | 48,3% | 3 | 23,1% | 17 | 40,5% |
| | Raramente | - | 0,0% | 0 | 0,0% | - | 0,0% |

Gomez (2004) discute que o consumo da maconha acha espaço além dos contextos festivos e se apresenta como uso diário. Estes dados podem demonstrar uma possível

flexibilização deste uso entre os universitários, cada vez mais naturalizada no interior dos campi. O autor aponta que esta substância está em expansão e é difundida em todos os contextos, apresentando situações que seu uso é preferível ao álcool. Entre os jovens pesquisados que usam maconha no lazer noturno 7,1% se declaram abstêmios³³ do consumo de bebidas alcóolicas, o que, apesar dos limites deste estudo, pode nos trazer pistas no que se relaciona ao uso de ilícitas nos contextos recreativos. Freitas et al.(2016) discutem os efeitos negativos do álcool na prática de skate e a preferência da maconha como estímulo à conversação social.

Quanto ao repertório de uso por idade, o estudo observa que do total de jovens com 18 anos que usam drogas ilícitas, todos apresentam uso de maconha e um de ecstasy, enquanto são abstêmios em relação às outras substâncias. Os jovens entre 19 e 23 anos apresentam os maiores padrões de policonsumo da população, enquanto percebemos uma queda entre os estudantes de 24 anos. Entretanto, quando investigamos as dimensões que envolvem estes contextos recreativos, as análises sobre as frequência e prevalência se tornam incompletas por não serem suficientes para mostrar aspectos que são inerentemente sociológicos.

A percepção dos jovens em relação as diferentes drogas consideradas ilícitas podem se apresentar bem variada. A maconha aparece como uma droga que não denotaria adição e mudanças de comportamento abruptas do sujeito a ponto de causar interferência nas situações normais de vida como nas atividades acadêmicas, de trabalho e a relação com amigos e família, enquanto que consideram outras drogas ilícitas trariam consequência nestes campos (BAHORA, STERK, ELIFSON, 2009; JÄRVINEN E DEMANT, 2011). As ideias trazidas pelos autores acima mencionados, formam o ideário de *fronteiras simbólicas* investigado também por Bergeron (2012). Os dados desta investigação apontam que 66,7% dos usuários de drogas ilícitas se mostram atentos às obrigações de vida cotidiana, o que pode sugerir que compromissos previamente organizados relacionado as atividades esportivas, laborais, turísticas e artísticas podem se configurar como fatores de proteção ao uso abusivo no lazer desta população.

Podemos discutir também que os consumos nos contextos de lazer noturno podem se caracterizar pela perseguição de um estado de alteração através de uma espécie de “descontrole controlado” (MEASHAM, BRAIN, 2005), ou seja, um consumo que se materializa através de escolhas dos espaços ou de uma situação social de uso, o qual esta parcela da juventude

³³Tabela A.11. no apêndice A

considera os riscos do consumo, tem estratégias de uso e até onde pode estendê-lo para não se expor a consequências negativas na noite ou no dia seguinte. Os dados sobre o uso de ilícitas nesta pesquisa aliados aos argumentos trazidos pela literatura podem sugerir que a forma com que uso de drogas ilícitas aparece entre os grupos de jovens dentro da população estudada (em relação ao sexo, a idade, a ocupação e com quem reside) dão abertura para futuras discussões sobre o descolamento de um comportamento de consumo de ilícitas alocado por muito tempo nas margens da esfera social, ou seja, considerado próprio de uma subcultura desviante, para uma prática social no centro da cultura juvenil de uma parcela dos universitários (DUFF, 2004; PARKER et al., 1998).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte final assumimos a tarefa de sintetizar os resultados e análises levantados. Considerando o lazer dos jovens universitários como objeto de estudo desta investigação, buscamos conhecer os modos de vivência do lazer de forma mais ampla e também do lazer noturno, bem como as formas de usos de drogas entre este público, especialmente durante o lazer da noite. Notamos que o lazer representa elemento central na vida das populações juvenis universitárias, dado o repertório de vivências, gostos, tempos, os quais, como muitas das esferas sociais da realidade brasileira, não escapam às exclusões e limitações temporais, culturais e socioeconômicas.

O lazer da parcela da juventude aqui estudada se destaca por seu vínculo social, principalmente quando compartilhado com os amigos, e também se configura através de interesses físicos-esportivos, de descanso e artístico, este último sobretudo vinculado às idas ao cinema. As práticas de lazer que se relacionam aos interesses turísticos, intelectuais e artísticos (excluindo as idas ao cinema) refletem a distância em relação as vontades e a realidade de práticas desta população. Esta discrepância é problematizada principalmente por barreiras na concretização estas atividades como a falta de tempo disponível e de recursos financeiros para o lazer.

Outro ponto que se manifesta importante é a segmentações da relação de lazer entre homens e mulheres. Nas práticas esportivas, encontramos um cenário conflituoso considerando a área acadêmica que a amostra pertence. As mulheres declaram praticar mais esportes, entretanto ressaltam menor acesso aos espaços destinados a esta prática. Além disso, mais da metade dos homens diz não gostar de esportes. Os limites do instrumento não nos possibilitaram compreender de forma mais aprofundada tais questões, surgindo a possibilidade de futuros estudos sobre a temática por apresentar contraste com levantamentos nacionais sobre a temática.

No que concerne ao lazer noturno deste público, este espaço-tempo é tomado pela maioria dos jovens universitários. Constatamos que a noite se apresenta como espaço de ruptura da rotina e de socialização para boa parte da população juvenil que diverge entre itinerários e espaços ocupados, os quais se distinguem a partir de variáveis como gênero, idade, ocupação de vida.

Quando nos debruçamos sobre a terceira questão de análise deste trabalho, assumimos o desafio de incorporar as experiências consideradas desviantes como categoria central das discussões sobre o lazer, muito embora esta adjetivação perca o sentido quando pensamos a desconstrução dos consumos que a atualidade vem desenvolvendo.

O uso de drogas, assim como qualquer outra questão social, não é passível de compressão quando olhado isoladamente, mas compõe parte de um todo que é muito mais complexo que a visão simplista de desvio e delinquência. O estudo possibilitou compreender que boa parte desta população se engaja em consumo de drogas, fora das narrativas reducionistas que conduzem o imaginário social aos estigmas imputados aos sujeitos destes usos como pessoas irresponsáveis, permitindo verificar diferentes formas de uso que se manifestam de forma concomitante à vida universitária.

Sugerimos que consumos de drogas estão intrinsecamente relacionados às pautas de lazer de uma parcela da população através de uma naturalização do consumo de bebidas alcóolicas apresentando padrões parecidos ou mais altos que os estudos com a mesma faixa-etária e nível escolar nacional e a participação em contextos que giram em torno deste consumo de forma paritária.

De maneira similar, esta população apresenta usos de drogas ilícitas com a maconha entre as drogas mais consumida pelos jovens que declaram usar ilícitos. O consumo de drogas aparece aqui menos relacionado às subculturas e mais integrante central destas juventudes nos momentos de lazer e como estilos de vida, destacando-se pelo *uso recreativo* nos fins de semana.

Os questionamentos trazidos por este estudo apontam a necessidade de maiores investigações através do enfoque qualitativo. A simples apreensão das frequências e padrões de consumo de drogas se torna insuficiente para entender o universo de sentidos que as juventudes dão aos momentos de lazer, estes menos ligados as ideias de desvio e muito mais às questões de estilo de vida nas sociedades contemporâneas.

Além disso, os dados quantitativos desta investigação dão abertura também para pesquisas qualitativas sobre o maior acesso das mulheres aos cenários de uso recreativo de drogas no lazer noturno, que podem resultar em futuros desdobramentos sobre os modos de inserção das mulheres nas vivências de consumo recreativo, seus significados e expectativas.

REFERÊNCIAS

- ÁGUILA, Cornelio Soto et al. El ocio en el marco sociocultural de la posmodernidad. Una aproximación desde las prácticas de los jóvenes universitarios. **Apunts. Educación y deportes**, v.3, n. 81. 2005.
- ANDRADE, Arthur Guerra de et al. I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. **Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas**, v. 1, 2010.
- ARESI, Giovanni; PEDERSEN, Eric R. ‘That right level of intoxication’: A Grounded Theory study on young adults’ drinking in nightlife settings. **Journal of Youth Studies**, v. 19, n. 2, p. 204-220, 2016.
- ARMSTRONG, Kerry A.; THUNSTROM, Hanna; DAVEY, Jeremy D. Young women's drinking experiences in public drinking venues. **Queensland University of Technology & Foundation of Alcohol Research and Education**. 2011.
- AYRES, Tammy C.; TREADWELL, James. Bars, drugs and football thugs: Alcohol, cocaine use and violence in the night time economy among English football firms. **Criminology & Criminal Justice**, v. 12, n. 1, p. 83–100, 2012. doi:10.1177/1748895811422949.
- BABOR, Thomas et al. Alcohol: no ordinary commodity: research and public policy. **Rev Bras Psiquiatr**, v. 26, n. 4, p. 280-3, 2003.
- BAHIA, Mirleide C.; BRITO, Ronivaldo S. O lazer do brasileiro: como é vivenciado o tempo. *In* STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas. Autores Associados, 2017. p. 95-110.
- BARBOSA, Ana Luiza Neves. Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no brasil. **Mercado de Trabalho**, p. 35, 2018.
- BAHORA, Masuma; STERK, Claire E.; ELIFSON, Kirk W. Understanding recreational ecstasy use in the United States: a qualitative inquiry. **The International journal on drug policy**, v. 20, n. 1, p. 62–69, 2009. doi:10.1016/j.drugpo.2007.10.003.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Zahar, 1998.
- _____. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zadar, ed., 2001.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Editora 34, 2011.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Zahar, 2008.
- BEERLI-PALACIO, Asunción; MARTÍN-SANTANA, Josefa; DÍAZ-MENESES, Gonzalo; FERNÁNDEZ-MONROY, Margarita; GALVÁN-SÁNCHEZ, Inmaculada. A model of attitudes, beliefs, emotions and values to explain the Spanish youth street binge drinking phenomena. **International Review on Public and Nonprofit Marketing**, v. 9, n. 2, p. 181–197, 2012. doi:10.1007/s12208-012-0088-y.
- BERGERON, Henri. **Sociologia da droga**. 2011.

BERTHET, Marie-Avril; LAZCANO, Idurre; LOMBI, Linda; MADARIAGA, Aurora; RAMOS, Alfredo; RODRÍGUEZ, Elena; SANMRTÍN, Anna; JÁNOS, Szabo. **La marcha nocturna: ¿un rito exclusivamente español?**, 2016. 240-240. ISBN 9788492454334. Disponível em: http://xuventude.xunta.es/uploads/docs/Observatorio/La_marcha_nocturna._Un_rito_exclusivamente_espaol.pdf.

BLACKSHAW, Tony. **Leisure (Key Ideas)**. Taylor and Francis. Edição do Kindle, 2010.

BORSAY, Peter. **A history of leisure: The British experience since 1500**. Macmillan International Higher Education, 2006.

BRAIN, Kevin. **Youth, alcohol and the emergence of the post-modern alcohol order**. London: Institute of Alcohol Studies, 2000.

BRASIL. **I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**, 2010. Acesso em: 4 nov. 2018.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO; Pedro Paulo Martoni. **Retrato da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 175-214.

BROOKS, Oona. 'Guys! Stop Doing It!': Young Women's Adoption and Rejection of Safety Advice when Socializing in Bars, Pubs and Clubs. **British Journal of Criminology**, v. 51, n. 4, p. 635–651, 2011. doi:10.1093/bjc/azr011.

BRUNELLI, Rodrigo Trevisan; ROMERA, Liana Abrao; MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer, juventude e álcool: uma análise das promoções e eventos dirigidos ao público jovem. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/download/378/273>>.

CALAFAT, Amador et al. Risky sexual behaviour and drug use in recreational nightlife context. A gender perspective. **Psicothema**, v. 21, n. 2, p. 227-233, 2009.

CALDWELL, Linda L.; SMITH, Edward A. Leisure as a context for youth development and delinquency prevention. **Australian & New Zealand Journal of Criminology**, v. 39, n. 3, p. 398-418, 2006.

CAMARGO, L. O. de L. Os domínios da hospitalidade. *In*: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (orgs.) **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 61-71.

CAÑEDO, Montserrat; MORAL, Enrique. Risky pleasures and drugged assemblages: Young people's consumption practices of AOD in Madrid. **The International journal on drug policy**, v. 49, p. 102–108, 2017. doi:10.1016/j.drugpo.2017.08.002.

CARLINI, Elisando Araújo; GALDUROZ, José Carlos. **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

CARNEIRO, Henrique Soares. As drogas e a história da humanidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 6, n. 6, p. 13-15, 2009.

CARR, Neil. An exploratory study of young women's use of leisure spaces and times: constrained, negotiated, or unconstrained behaviour?. **World Leisure Journal**, v. 42, n. 3, p. 25-32, 2000.

CHATTERTON, Paul; HOLLANDS, Robert. **Urban nightscapes: Youth cultures, pleasure spaces and corporate power**. London, New York: Routledge, 2003. (Critical geographies, 18). Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=pAlQWhGLJQ4C&pg=PA1&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 8 out. 2018.

CLARKE, John et al. **The devil makes work: Leisure in capitalist Britain**. Macmillan, 1985.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; CSIKSZENTMIHALYI, Isabella Selega (Ed.). **Optimal experience: Psychological studies of flow in consciousness**. Cambridge university press, 1992.

CUENCA, Manuel. Ocio humanista. Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. **Documentos de Estudios de ocio**, n. 16, 2000.

_____. **Ocio valioso**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

CUENCA AMIGO, Jaime. El ocio líquido: Un nuevo paradigma de experiencia. **La experiencia de ocio: Una mirada científica desde los estudios de ocio. Documentos de Estudios de Ocio**, n. 35, p. 17-41, 2008

_____. Tiempo ejemplar: El ocio y los mundos vivenciales. In: **El tiempo del ocio: transformaciones y riesgos en la sociedad apresurada**. Universidad de Deusto; Deustuko Unibertsitatea, 2009. p. 57-74.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1991.

DEMANT, Jakob; LANDOLT, Sara. Youth Drinking in Public Places: The Production of Drinking Spaces in and Outside Nightlife Areas. **Urban Studies**, v. 51, n. 1, p. 170–184, 2014. doi:10.1177/0042098013484532.

DILKES-FRAYNE, Ella. Drugs at the campsite: Socio-spatial relations and drug use at music festivals. **The International journal on drug policy**, v. 33, p. 27–35, 2016. doi:10.1016/j.drugpo.2015.10.004.

DUFF, Cameron James. Drugs and Youth Cultures: Is Australia experiencing the 'normalization' of adolescent drug use? **Journal of Youth Studies**, v. 6, n. 4, p. 433–447, 2003.

DUFF, Cameron. “Charging” and “Blowing Out”: Patterns and Cultures of GHB Use in Melbourne, Australia. **Contemporary Drug Problems**, v. 32, n. 4, p. 605–653, 2005a. doi:10.1177/009145090503200406.

DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento Teórico do lazer**. CELAR/PUCRS, 1975.

_____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Difel, Lisboa. 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 2**. Zahar, 1993.

_____. Sobre o tempo, v. 1998.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIMES – UNODC. **Normas Internacionais Sobre a Prevenção do uso de Drogas**. Brasília, Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.unodc.org/>

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Pedro Moura. **Ir para a noite: Cultura nocturna e identidade juvenil**, 2007. 17 p.

FOLGAR, Manuel Isorna; RIVERA, Francisca Fariña; SIERRA, Juan Carlos; VALLEJO-MEDINA, Pablo. Binge drinking: conductas sexuales de riesgo y drogas facilitadoras del asalto sexual en jóvenes españoles. **Suma Psicológica**, v. 22, n. 1, p. 1–8, 2015. doi:10.1016/j.sumpsi.2015.05.001.

FREIRE, Teresa. **Ócio e tempo livre: perspectivar o lazer para o desenvolvimento**. 2000.

_____. (Ed.). **Positive leisure science: From subjective experience to social contexts**. Springer Science & Business Media, 2013.

FREITAS, Heloisa Heringer; CASSANI, Anna Carolina Martins; MACHADO, Gelsimar Jose; ROMERA, Liana Abrao. Skate Sociabilidade e Consumos no Lazer: A Percepção do Lícito e Ilícito. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 19, n. 1, p. 85–107, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/licere/article/download/1528/1095>>.

GARCIA, Carla. Cristina. O lazer urbano e as mulheres: alguns pontos de discussão. In: SOLAZZI, José Lus.; RODRIGUES, Juliana. Pedreschi. Neoliberalismo e políticas de lazer: Apontamentos críticos, 5 anos de pesquisa do Observatório de Políticas sociais de Educação Física, Esporte e Lazer do Grande ABC/GEPOSEP. Santo André, S.P: Alpharrabio, 2008, p.141-158.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Zahar, 2002

GRAHAM, Kathryn. Social Drinking and Aggression. In: MATTSON, M. P. (Org.). **Neurobiology of Aggression: Understanding and Preventing Violence**, Totowa, NJ: Humana Press, 2003. ISBN 978-1-59259-382-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-1-59259-382-8_14>. Acesso em: 19 out. 2018, p. 253–274.

GREEN, Eileen. ‘Women doing friendship’: An analysis of women's leisure as a site of identity construction, empowerment and resistance. **Leisure studies**, v. 17, n. 3, p. 171-185, 1998.

GREEN, Eileen; SINGLETON, Carrie. Risky bodies at leisure: Young women negotiating space and place. **Sociology**, v. 40, n. 5, p. 853-871, 2006.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, p. 19-40, 2002.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e ocio no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 2003.

GOMES, C M.; REJOWSKI, M. Lazer na Literatura Internacional. **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2006.

GÓMEZ-FRAGUELA, José Antonio et al. El botellón y el consumo de alcohol y otras drogas en la juventud. **Psicothema**, v. 20, n. 2, 2008.

GÓMEZ, Joan Pallarés. Drogas, consumo y culturas juveniles. **Monografías humanitas**, n. 5, p. 85-94, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HENRIQUES, Susana. Risco cultivado no consumo de novas drogas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 40, p. 63–85, 2002.

HESSE, Morten; TUTENGES, Sébastien. Music and substance preferences among festival attendants. **Drugs and Alcohol Today**, v. 12, n. 2, p. 82–88, 2012. doi:10.1108/17459261211235100.

HOBBS, Dick; LISTER, Stuart; HADFIELD, Philip; HALL, Steve. Receiving shadows: governance and liminality in the night-time economy. **British Journal of Sociology**, v. 51, n. 4, p. 701–717, 2000. doi:10.1080/00071310020015334.

HOLLANDS, Robert. **Friday night, Saturday night. Youth cultural identification in the postindustrial city"**, Department of Social Policy, University of Newcastle upon Tyne, Newcastle upon Tyne, 1995.

HUTTON, Fiona; WRIGHT, Sarah; SAUNDERS, Emma. Cultures of Intoxication: Young Women, Alcohol, and Harm Reduction. **Contemporary Drug Problems**, v. 40, n. 4, p. 451–480, 2013. doi:10.1177/009145091304000402.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção e o céu e o inferno**. Academia Lingua Asturiana, 1963.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População jovem no Brasil. Rio de Janeiro, (Estudios & pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, no. 3), 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões Metropolitanas, Aglomerações Urbanas e Regiões Integradas de Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2017. <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/analises-do-territorio/18354-regioes-metropolitanas-aglomeracoes-urbanas-e-regioes-integradas-de-desenvolvimento.html?=&t=o-que-e>

JÄRVINEN, Margaretha; DEMANT, Jakob. The normalisation of cannabis use among young people: Symbolic boundary work in focus groups. **Health, Risk & Society**, v. 13, n. 2, p. 165–182, 2011. doi:10.1080/13698575.2011.556184.

JAYNE, Mark; HOLLOWAY, Sarah L.; VALENTINE, Gill. Drunk and Disorderly: Alcohol, Urban Life and Public Space. **Progress in Human Geography**, v. 30, n. 4, p. 451–468, 2006. doi:10.1191/0309132506ph6180a.

_____. VALENTINE, Gill; HOLLOWAY, Sarah L. Geographies of alcohol, drinking and drunkenness: a review of progress. **Progress in Human Geography**, v. 32, n. 2, p. 247–263, 2008. doi:10.1177/0309132507087649.

JOE-LAIDLER, Karen; HUNT, Geoffrey; MOLONEY, Molly. 'Tuned Out or Tuned In': Spirituality and Youth Drug Use in Global Times. **Past & present**, v. 222, Suppl 9, p. 61–80, 2014. doi:10.1093/pastj/gtt029.

JONES, Peter; CHARLESWORTH, Andrew; SIMMS, Victoria; HILLIER, David; COMFORT, Daphne. The management challenges of the evening and late Night economy within town and city centres. **Management Research News**, v. 26, 10/11, p. 96–104, 2003. doi:10.1108/01409170310784096.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I.; ZALESKI, M.; CAETANO, R.; DUARTE, P.C.A.V. I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira.. Brasília: SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 76 p., 2007.

LAZCANO, Idurre; MADARIAGA, Aurora. El ocio nocturno de la juventud en España. In: **La marcha nocturna: ¿ Un rito exclusivamente español?**. Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud. Fundación de Ayuda contra la Drogadicción (FAD), 2016. p. 34-95.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2011.

LEIGH, Barbara et al. What motivates extreme drinking. In MARTINIC, Marjana; MEASHAM, Fiona. **Swimming with crocodiles: The culture of extreme drinking**, 2008, p. 53-78.

LEIVA, João.; MEIRELLES, Ricardo. **Cultura nas capitais: Como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte**. Rio de Janeiro, v. 17, 2018.

LIGHTOWLERS, Carly; ELLIOT, Mark; TRANMER, Mark. The Dynamic Risk of Heavy Episodic Drinking on Interpersonal Assault in Young Adolescence and Early Adulthood. **The British Journal of Criminology**, v. 54, n. 6, p. 1207–1227, 2014. doi:10.1093/bjc/azu055.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo**. Ed. Relógio D'Água, 2005.

_____. **La felicidad paradójica**. Barcelona: Anagrama, 2007.

LÓPEZ BARAJAS, Maria de la Paz et al. Uso do tempo e gênero. 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 173–205, 2005. doi:10.1590/S0103-20702005000200008.

MARDEGAN, Paula Silva; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 4, p. 260–266, 2007. doi:10.1590/S0047-20852007000400004.

MARGULIS, Mario. **La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Espasa Calpe, 1994.

MARTINIC, Marjana; MEASHAM, Fiona. **Swimming with crocodiles: the culture of extreme drinking**. New York: Routledge, 2008.

MARTINS, Raul. Aragão. **Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sócio-moral em adolescentes que bebem excessivamente**. 2006. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2006.

MAYOR, Sarah Teixeira. S.; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas. Autores Associados, 2017. p.19-36.

MCEWAN, Brett James; CAMPBELL, Maxine M.; SWAIN, David. **New Zealand culture of intoxication: Local and global influences**: The Editors, New Zealand Sociology, 2010. 15 p. (25). Disponível em: <https://researchcommons.waikato.ac.nz/bitstream/10289/5282/1/New%20Zealand%20Culture.pdf>.

MEASHAM, Fiona. Play space: historical and socio-cultural reflections on drugs, licensed leisure locations, commercialisation and control. **International Journal of Drug Policy**, v. 15, 5-6, p. 337–345, 2004a. doi:10.1016/j.drugpo.2004.08.002.

_____. The decline of ecstasy, the rise of ‘binge’ drinking and the persistence of pleasure. **Probation Journal**, v. 51, n. 4, p. 309–326, 2004b. doi:10.1177/0264550504048220.

_____. The new policy mix: Alcohol, harm minimisation, and determined drunkenness in contemporary society. **International Journal of Drug Policy**, v. 17, n. 4, p. 258–268, 2006. doi:10.1016/j.drugpo.2006.02.013.

_____. The turning tides of intoxication: young people's drinking in Britain in the 2000s. **Health Education**, v. 108, n. 3, p. 207–222, 2008. doi:10.1108/09654280810867088.

_____.; BRAIN, Kevin. ‘Binge’ drinking, British alcohol policy and the new culture of intoxication. **Crime, Media, Culture: An International Journal**, v. 1, n. 3, p. 262–283, 2005. doi:10.1177/1741659005057641.

_____.; MOORE, Karenza. Repertoires of distinction. **Criminology & Criminal Justice**, v. 9, n. 4, p. 437–464, 2009. doi:10.1177/1748895809343406.

_____.; ØSTERGAARD, Jeanette. The Phenomenon of Youth Drinking. *In*: SAUNDERNS, J.P.; REY, J.M. (Org.). **Young People and Alcohol**. Chichester: John Wiley. 2011. p. 1-17.

_____. ØSTERGAARD, Jeanette. The public face of binge drinking: British and Danish young women, recent trends in alcohol consumption and the European binge drinking debate. **Probation Journal**, v. 56, n. 4, p. 415–434, 2009. doi:10.1177/0264550509346526.

_____.; SHINER, Michael. The legacy of 'normalisation': the role of classical and contemporary criminological theory in understanding young people's drug use. **The International journal on drug policy**, v. 20, n. 6, p. 502–508, 2009. doi:10.1016/j.drugpo.2009.02.001.

MELO, Victor Andrade; ALVES JÚNIOR, Edmurdo. de D. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP, 2003.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Diesporte: diagnóstico nacional do esporte. **O perfil do sujeito praticante ou não de esportes e atividades físicas da população brasileira**. Brasília: Ministério do Esporte; 2016 (Caderno 2). Disponível em:http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_revista_2016.pdf

MOORE, David. Beyond disorder, danger, incompetence and ignorance: Rethinking the youthful subject of alcohol and other drug policy. **Contemporary Drug Problems**, v. 37, n. 3, p. 475-498, 2010.

MUNNÉ, Frederic. **Psicossociología del tiempo libre: un enfoque crítico**. México: Trillas, 1980.

_____.; CODINA, Nuria. Psicología Social del ocio y el tiempo libre. **Álvaro, JL; Garrido, A.; Torregrosa, JR Psicología Social Aplicada**. Madrid: McGraw-Hill, 1996.

ØSTERGAARD, Jeanette. Mind the Gender Gap!: When boys and girls get drunk at a party. **Nordic Studies on Alcohol and Drugs**, v. 24, n. 2, 2007. Acesso em: 8 jan. 2019.

PALLARÉS, Joan; FEIXA, Carles. Espacios e itinerarios para el ocio nocturno juvenil. **Revista de Estudios de Juventud**, v. 50, 2000.

PARENTE, Ezequiel Aguiar *et al.* Alcohol use among medical students: a possible risk for future doctors? Uso de Alcool entre Estudantes de Medicina: um possível risco para futuros médicos?. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 5, n. 4, p. 311-319, 2017.

PARKER, Howard J. et al. **Illegal leisure: The normalization of adolescent recreational drug use**. Psychology Press, 1998

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer:(Brasil) séculos XX e XXI–alguns apontamentos, **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 561-586, maio/ago. 2007

PÉREZ-MILENA, Alejandro; REDONDO-OLMEDILLA, Manuel de Dios; MARTÍNEZ-FERNÁNDEZ, María Luz; JIMÉNEZ-PULIDO, Idoia; MESA-GALLARDO, Inmaculada; LEAL-HELMING, Francisco Javier. Cambios en el consumo alcohólico de riesgo en población adolescente en la última década (2004-2013): una aproximación cuanti-cualitativa. **Atencion primaria**, v. 49, n. 9, p. 525–533, 2017. doi:10.1016/j.aprim.2016.11.014.

PEREIRA, Denis Soprani; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 3, p. 188–195, 2008. doi:10.1590/S0047-20852008000300006.

PORTUGAL, Flávia Batista; SOUZA, Renata Santos de; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 2, p. 127–132, 2008. doi:10.1590/S0047-20852008000200008.

PRONOVOST, Gilles. **Introdução à sociologia do lazer**. São Paulo: Senac, 2011.

PROST, Antoine et al. **Historia de la vida privada: p.: il**. Taurus, 1992.

ROBINSON, Cara. ‘Nightscapes and leisure spaces’: an ethnographic study of young people's use of free space. **Journal of youth studies**, v. 12, n. 5, p. 501-514, 2009.

RODRÍGUEZ SUÁREZ, Julio; AGULLÓ TOMÁS, Esteban; AGULLÓ TOMÁS, María Silveria. Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. **Adicciones**, v. 15, n. 5, p. 7, 2003. doi:10.20882/adicciones.451.

ROJEK, Chris. **Decentring leisure: Rethinking leisure theory**. Sage, 1995.

_____. **Leisure and culture**. Springer, 1999.

ROMERA, Liana Abrão et al. Juventude, lazer e uso abusivo de álcool. 2008.

_____. Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 22, Especial, p. 95–102, 2014. doi:10.4322/cto.2014.033.

_____; MARTINS, Raul Aragão; FREITAS, Heloisa Heringer; TINOCO, Derick dos Santos; RONDINA, Regina Cassia. TEMPO LIVRE E USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL E PORTUGAL. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 3, p. 765–776, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/81951/50393>>.

ROSA, Maria Cristina; SILVA, Marcone Rodrigues. Esfera da obrigação: em destaque a família/filhos, compromissos religiosos e compromissos políticos/sociais. STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas. Autores Associados, 2017. p.65-80.

ROOM, Robin et al. Times to drink: cross-cultural variations in drinking in the rhythm of the week. **International journal of public health**, v. 57, n. 1, p. 107-117, 2012

SAN SALVADOR, Roberto. La aceleración del tiempo y el fenómeno del ocio. **El tiempo del Ocio: transformaciones y riesgos en la sociedad apresurada (23-42)**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2009.

SANDERS, Bill. In the Club: Ecstasy Use and Supply in a London Nightclub. **Sociology**, v. 39, n. 2, p. 241–258, 2005. doi:10.1177/0038038505050537.

SANTOS, Marcos Vinícius Ferreira dos; PEREIRA, Denis Soprani; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, n. 1, p. 22–30, 2013. doi:10.1590/S0047-20852013000100004.

SCHNITZER, Susanne; BELLIS, Mark A.; ANDERSON, Zara; HUGHES, Karen; CALAFAT, Amador; JUAN, Montse; KOKKEVI, Anna. Nightlife violence: a gender-specific view on risk factors for violence in nightlife settings: a cross-sectional study in nine European countries. **Journal of interpersonal violence**, v. 25, n. 6, p. 1094–1112, 2010. doi:10.1177/0886260509340549.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, 2003.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SHINEW, Kimberly J.; PARRY, Diana C. Examining College Students' Participation in the Leisure Pursuits of Drinking and Illegal Drug Use. **Journal of Leisure Research**, v. 37, n. 3, p. 364–386, 2005. doi:10.1080/00222216.2005.11950058.

SIMMEL, Georg. **O indivíduo e a liberdade**. In. SOUZA, J.; OELZE, B. (Org.). Simmel e a modernidade. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 2005. p. 107-115.

_____. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 1987. p. 11-25.

SILVEIRA, Camila Magalhães et al. Heavy episodic drinking in the São Paulo epidemiologic catchment area study in Brazil: gender and sociodemographic correlates. **Journal of studies on alcohol and drugs**, v. 68, n. 1, p. 18-27, 2007.

SOUSA, Ioranny Raquel; MAZZOCCANTE, Raffaello Pinheiro; MELO, Gislane Ferreira de; SILVA, Junior Vagner; SAMPAIO, Tânia Vieira. A EXPERIÊNCIA DE LAZER DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DO DISTRITO FEDERAL. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 2014. doi:10.5216/rpp.v17i1.20593.

STEBBINS, Robert.A. Casual leisure: A conceptual statement. *Leisure Studies*, 16(1), 17-25, 1997 doi:10.1080/026143697375485.

_____. Serious leisure: A conceptual statement. **Pacific sociological review**, v. 25, n. 2, p. 251-272, 1982.

STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **LAZER NO BRASIL representações e concretizações das vivências cotidianas**, 2017.

SZMIGIN, Isabelle; GRIFFIN, Christine; MISTRAL, Willm; BENGRY-HOWELL, Andrew; WEALE, Louise; HACKLEY, Chris. Re-framing 'binge drinking' as calculated hedonism: empirical evidence from the UK. **The International journal on drug policy**, v. 19, n. 5, p. 359–366, 2008b. doi:10.1016/j.drugpo.2007.08.009.

TEIXEIRA, Renata Frossard; SOUZA, Renata Santos; BUAIZ, Vitor; SIQUEIRA, Marluce Miguel de. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, 2010. Acesso em: 25 dez. 2018.

THOMPSON, Edward P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. **Past & present**, n. 38, p. 56-97, 1967.

TRENO, Andrew J.; ALANIZ, Maria L.; GRUENEWALD, Paul J. The use of drinking places by gender, age and ethnic groups: an analysis of routine drinking activities. **Addiction**, v. 95, n. 4, p. 537–551, 2000. doi:10.1046/j.1360-0443.2000.9545376.x.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, Tim. Disneyization: A framework for understanding illicit drug use in bounded play spaces. **The International journal on drug policy**, v. 58, p. 37–45, 2018. doi:10.1016/j.drugpo.2018.04.018.

VAN HAVERE, Tina; VANDERPLASSCHEN, Wouter; LAMMERTYN, Jan; BROEKAERT, Eric; BELLIS, Mark. Drug use and nightlife: more than just dance music. **Substance abuse treatment, prevention, and policy**, v. 6, p. 18, 2011. doi:10.1186/1747-597X-6-18.

VEBLER, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

WERNECK, C. L. G. **A constituição do lazer como um campo de estudos científicos no Brasil: implicações do discurso sobre a cientificidade e autonomia deste campo**. In:

ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, 2000, Balneário Camboriú. Coletânea... Balneário Camboriú: Roca/Universidade do Vale do Itajaí, 2000. p. 77-88.

WILLIAMS, D. J. Deviant Leisure: Rethinking “The Good, the Bad, and the Ugly”. **Leisure Sciences**, v. 31, n. 2, p. 207–213, 2009. doi:10.1080/01490400802686110.

APÊNDICE A –TABELAS ANEXAS DE ANÁLISE DOS DADOS

Tabela A.1. Tempo disponível para o lazer em relação ao sexo

| | | Ocupação do jovem universitário | | | | | | | | | | | |
|---|-----|---------------------------------|-------|----------|-------|-------------------------|-------|----------|-------|---------------|------|----------|--------|
| | | Estudando | | | | Estudando e trabalhando | | | | Não respondeu | | | |
| | | Homens | | Mulheres | | Homens | | Mulheres | | Homens | | Mulheres | |
| | | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % | n | % |
| Tem tempo suficiente para o lazer na semana | Sim | 31 | 50,0% | 16 | 44,4% | 14 | 21,5% | 4 | 7,5% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% |
| | Não | 31 | 50,0% | 20 | 55,6% | 51 | 78,5% | 49 | 92,5% | 0 | 0,0% | 1 | 100,0% |

Tabela A.2. Interesses físicos-esportivos de lazer em relação ao sexo

| Interesses físicos-esportivos | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|---|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Praticar esportes* | Não resposta | 2 | 1,6% | 3 | 3,3% | 5 | 2,3% |
| | Gosto | 21 | 16,5% | 10 | 11,1% | 31 | 14,3% |
| | Pratico | 18 | 14,2% | 18 | 20,0% | 36 | 16,6% |
| | Gostaria de praticar | 5 | 3,9% | 15 | 16,7% | 20 | 9,2% |
| | Não gosto | 71 | 55,9% | 34 | 37,8% | 105 | 48,4% |
| | Gosto/pratico | 10 | 7,9% | 9 | 10,0% | 19 | 8,8% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | 1 | 1,1% | 1 | 0,5% |
| Assistir a competições esportivas* | Não resposta | 2 | 1,6% | - | - | 2 | 0,9% |
| | Gosto | 22 | 17,3% | 27 | 30,0% | 49 | 22,6% |
| | Pratico | 20 | 15,7% | 7 | 7,8% | 27 | 12,4% |
| | Gostaria de praticar | 6 | 4,7% | 13 | 14,4% | 19 | 8,8% |
| | Não gosto | 71 | 55,9% | 38 | 42,2% | 109 | 50,2% |
| | Gosto/pratico | 6 | 4,7% | 4 | 4,4% | 10 | 4,6% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | 1 | 1,1% | 1 | 0,5% |

*p<0,05

Tabela A.3. Interesses sociais de lazer em relação ao sexo

| Interesses sociais de lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|-------------------------------------|----------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Beber/sair para beber | Gosto | 19 | 15,1% | 6 | 6,7% | 25 | 11,6% |
| | Pratico | 17 | 13,5% | 12 | 13,3% | 29 | 13,4% |
| | Gostaria de praticar | 4 | 3,2% | 3 | 3,3% | 7 | 3,2% |
| | Não gosto | 82 | 65,1% | 68 | 75,6% | 150 | 69,4% |
| | Gosto/pratico | 4 | 3,2% | 1 | 1,1% | 5 | 2,3% |
| ir a boates | Gosto | 12 | 9,4% | 11 | 12,2% | 23 | 10,6% |
| | Pratico | 12 | 9,4% | 7 | 7,8% | 19 | 8,8% |
| | Gostaria de praticar | 15 | 11,8% | 10 | 11,1% | 25 | 11,5% |
| | Não gosto | 84 | 66,1% | 56 | 62,2% | 140 | 64,5% |
| | Gosto/pratico | 4 | 3,1% | 6 | 6,7% | 10 | 4,6% |
| Sair/reuniu-se com os amigos | Gosto | 27 | 21,4% | 11 | 12,2% | 38 | 17,6% |
| | Pratico | 24 | 19,0% | 24 | 26,7% | 48 | 22,2% |
| | Gostaria de praticar | 7 | 5,6% | 5 | 5,6% | 12 | 5,6% |
| | Não gosto | 64 | 50,8% | 47 | 52,2% | 111 | 51,4% |
| | Gosto/pratico | 4 | 3,2% | 3 | 3,3% | 7 | 3,2% |
| Ir à república de estudantes | Gosto | 4 | 3,1% | 3 | 3,3% | 7 | 3,2% |
| | Pratico | 7 | 5,5% | 6 | 6,7% | 13 | 6,0% |
| | Gostaria de praticar | 26 | 20,5% | 10 | 11,1% | 36 | 16,6% |
| | Não gosto | 88 | 69,3% | 69 | 76,7% | 157 | 72,4% |
| | Gosto/pratico | 2 | 1,6% | 2 | 2,2% | 4 | 1,8% |

Tabela A.4. Interesses intelectuais de lazer em relação ao sexo

| Interesses intelectuais de lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Assistir a conferências/colóquios | Não resposta | - | - | - | - | - | - |
| | Gosto | 3 | 2,4% | 5 | 5,6% | 8 | 3,7% |
| | Pratico | 5 | 3,9% | 3 | 3,3% | 8 | 3,7% |
| | Gostaria de praticar | 33 | 26,0% | 27 | 30,0% | 60 | 27,6% |
| | Não gosto | 81 | 63,8% | 53 | 58,9% | 134 | 61,8% |
| | Gosto/pratico | 5 | 3,9% | 2 | 2,2% | 7 | 3,2% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | - | - | - | - |
| Ler livros | Não resposta | 1 | 0,8% | - | - | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 15 | 11,8% | 16 | 17,8% | 31 | 14,3% |
| | Pratico | 17 | 13,4% | 12 | 13,3% | 29 | 13,4% |
| | Gostaria de praticar | 27 | 21,3% | 20 | 22,2% | 47 | 21,7% |
| | Não gosto | 57 | 44,9% | 34 | 37,8% | 91 | 41,9% |
| | Gosto/pratico | 10 | 7,9% | 6 | 6,7% | 16 | 7,4% |

| | | | | | | | |
|---------------------|----------------------------|----|-------|----|-------|-----|-------|
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | 2 | 2,2% | 2 | 0,9% |
| Ler jornal | Não resposta | 1 | 0,8% | - | - | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 22 | 17,3% | 13 | 14,4% | 35 | 16,1% |
| | Pratico | 13 | 10,2% | 11 | 12,2% | 24 | 11,1% |
| | Gostaria de praticar | 19 | 15,0% | 19 | 21,1% | 38 | 17,5% |
| | Não gosto | 67 | 52,8% | 45 | 37,8% | 112 | 51,6% |
| | Gosto/pratico | 5 | 3,9% | 2 | 2,2% | 7 | 3,2% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | - | - | - | - |
| Ler revistas | Não resposta | - | - | - | - | - | - |
| | Gosto | 15 | 11,8% | 13 | 14,4% | 28 | 12,9% |
| | Pratico | 6 | 4,7% | 6 | 6,7% | 12 | 5,5% |
| | Gostaria de praticar | 23 | 18,1% | 22 | 24,4% | 45 | 20,7% |
| | Não gosto | 80 | 63,0% | 49 | 11,1% | 129 | 59,4% |
| | Gosto/pratico | 3 | 2,4% | - | - | 3 | 1,4% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | - | - | - | - |

Tabela A.5. Interesses artísticos/culturais de lazer em relação ao sexo

| Interesses artísticos de lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--------------------------------|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Ir ao cinema | Não resposta | 3 | 2,4% | - | 0,0% | 3 | 1,4% |
| | Gosto | 31 | 24,4% | 23 | 25,6% | 54 | 24,9% |
| | Pratico | 12 | 9,4% | 20 | 22,2% | 32 | 14,7% |
| | Gostaria de praticar | 12 | 9,4% | 9 | 10,0% | 21 | 9,7% |
| | Não gosto | 59 | 46,5% | 34 | 37,8% | 93 | 42,9% |
| | Gosto/pratico | 10 | 7,9% | 4 | 4,4% | 14 | 6,5% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | - | 0,0% | 0 | 0,0% |
| Ir a teatro | Não resposta | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 16 | 12,6% | 14 | 15,6% | 30 | 13,8% |
| | Pratico | 2 | 1,6% | 4 | 4,4% | 6 | 2,8% |
| | Gostaria de praticar | 45 | 35,4% | 40 | 44,4% | 85 | 39,2% |
| | Não gosto | 45 | 35,4% | 22 | 24,4% | 67 | 30,9% |
| | Gosto/pratico | 17 | 13,4% | 10 | 11,1% | 27 | 12,4% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| Ir a concertos/shows | Não resposta | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 18 | 14,2% | 16 | 17,8% | 34 | 15,7% |

| | | | | | | | |
|--------------------------------|----------------------------|----|-------|----|-------|-----|-------|
| | Pratico | 11 | 8,7% | 9 | 10,0% | 20 | 9,2% |
| | Gostaria de praticar | 31 | 24,4% | 36 | 40,0% | 67 | 30,9% |
| | Não gosto | 51 | 40,2% | 22 | 24,4% | 73 | 33,6% |
| | Gosto/pratico | 15 | 11,8% | 7 | 7,8% | 22 | 10,1% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |
| Ouvir músicas | Não resposta | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 20 | 15,7% | 12 | 13,3% | 32 | 14,7% |
| | Pratico | 25 | 19,7% | 27 | 30,0% | 52 | 24,0% |
| | Gostaria de praticar | 1 | 0,8% | 1 | 1,1% | 2 | 0,9% |
| | Não gosto | 79 | 62,2% | 49 | 54,4% | 128 | 59,0% |
| | Gosto/pratico | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | 1 | 1,1% | 1 | 0,5% |
| Ir a museus/exposições* | Não resposta | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |
| | Gosto | 9 | 7,1% | 12 | 13,3% | 21 | 9,7% |
| | Pratico | 3 | 2,4% | 2 | 2,2% | 5 | 2,3% |
| | Gostaria de praticar | 38 | 29,9% | 41 | 45,6% | 79 | 36,4% |
| | Não gosto | 60 | 47,2% | 28 | 31,1% | 88 | 40,6% |
| | Gosto/pratico | 17 | 13,4% | 7 | 7,8% | 24 | 11,1% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |
| Assistir televisão | Não resposta | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| | Gosto | 22 | 17,3% | 20 | 22,2% | 42 | 19,4% |
| | Pratico | 21 | 16,5% | 16 | 17,8% | 37 | 17,1% |
| | Gostaria de praticar | 6 | 4,7% | 4 | 4,4% | 10 | 4,6% |
| | Não gosto | 75 | 59,1% | 49 | 54,4% | 124 | 57,1% |
| | Gosto/pratico | 1 | 0,8% | 1 | 1,1% | 2 | 0,9% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,5% |
| Ouvir rádio | Não resposta | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |
| | Gosto | 17 | 13,4% | 15 | 16,7% | 32 | 14,7% |
| | Pratico | 13 | 10,2% | 9 | 10,0% | 22 | 10,1% |
| | Gostaria de praticar | 13 | 10,2% | 4 | 4,4% | 17 | 7,8% |
| | Não gosto | 83 | 65,4% | 61 | 67,8% | 144 | 66,4% |
| | Gosto/pratico | - | 0,0% | 1 | 1,1% | 1 | 0,5% |

| | | | | | | | |
|--|----------------------------|---|------|---|------|---|------|
| | Gosto/Gostaria de praticar | 1 | 0,8% | 0 | 0,0% | 1 | 0,5% |
|--|----------------------------|---|------|---|------|---|------|

*p<0,05

Tabela A.6. Interesses turísticos de lazer em relação ao sexo

| Interesses turísticos de lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--------------------------------|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Viajar | Não resposta | | | | | | |
| | Gosto | 31 | 24,4% | 19 | 21,1% | 50 | 23,0% |
| | Pratico | 7 | 5,5% | 9 | 10,0% | 16 | 7,8% |
| | Gostaria de praticar | 35 | 27,6% | 30 | 33,3% | 65 | 33,3% |
| | Não gosto | 29 | 22,8% | 19 | 21,1% | 48 | 22,1% |
| | Gosto/pratico | 25 | 19,7% | 13 | 14,4% | 38 | 17,1% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | - | - | - | - |
| Participar de excursões | Não resposta | - | - | - | - | - | - |
| | Gosto | 20 | 15,7% | 13 | 14,4% | 33 | 15,2% |
| | Pratico | 6 | 4,7% | 2 | 2,2% | 8 | 3,5% |
| | Gostaria de praticar | 41 | 32,3% | 37 | 41,1% | 78 | 36,7% |
| | Não gosto | 46 | 36,2% | 25 | 27,8% | 71 | 32,0% |
| | Gosto/pratico | 14 | 11,0% | 13 | 14,4% | 27 | 12,7% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | - | - | - | - |

Tabela A.7. Interesses virtuais de lazer em relação ao sexo

| Interesses virtuais de lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|------------------------------|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Usar mídia social | Não resposta | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |
| | Gosto | 23 | 18,1% | 8 | 8,9% | 31 | 14,3% |
| | Pratico | 23 | 18,1% | 28 | 31,1% | 51 | 23,5% |
| | Gostaria de praticar | 1 | 0,8% | - | 0,0% | 1 | 0,4% |
| | Não gosto | 79 | 62,2% | 51 | 56,7% | 130 | 59,9% |
| | Gosto/pratico | 1 | 0,8% | 1 | 1,1% | 2 | 0,9% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | 2 | 2,2% | 2 | 0,9% |
| Jogar videogames | Não resposta | 1 | 0,8% | 1 | 1,1% | 2 | 0,9% |
| | Gosto | 22 | 17,3% | 12 | 13,3% | 34 | 15,7% |
| | Pratico | 13 | 10,2% | 9 | 10,0% | 22 | 10,1% |
| | Gostaria de praticar | 16 | 12,6% | 10 | 11,1% | 26 | 12,0% |
| | Não gosto | 71 | 55,9% | 54 | 60,0% | 125 | 57,6% |

| | | | | | | | |
|--|----------------------------|---|------|---|------|---|------|
| | Gosto/pratico | 4 | 3,1% | 4 | 4,4% | 8 | 3,7% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | 0,0% | - | 0,0% | - | 0,0% |

Tabela A.8. Interesses de descanso/fazer nada em relação ao sexo

| Interesse de descanso no lazer | | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--------------------------------|----------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | | n | % | n | % | n | % |
| Descansar/fazer nada | Não resposta | 1 | 0,8% | 2 | 2,2% | 3 | 1,4% |
| | Gosto | 22 | 17,3% | 11 | 12,2% | 33 | 15,2% |
| | Pratico | 15 | 11,8% | 19 | 21,1% | 34 | 15,7% |
| | Gostaria de praticar | 17 | 13,4% | 9 | 10,0% | 26 | 12,0% |
| | Não gosto | 64 | 50,4% | 40 | 44,4% | 104 | 47,9% |
| | Gosto/pratico | 8 | 6,3% | 8 | 8,9% | 16 | 7,4% |
| | Gosto/Gostaria de praticar | - | - | 1 | 1,1% | 1 | 0,5% |

Tabela. A.9. Itinerários noturnos de lazer em relação ao sexo

| Itinerários de lazer noturno | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | n | % | n | % | n | % |
| Somente no meu bairro | 11 | 8,7% | 5 | 5,6% | 16 | 7,4% |
| Sempre para a mesma área da cidade (que não é no meu bairro) | 24 | 18,9% | 17 | 18,9% | 41 | 18,9% |
| Sempre na minha cidade, mas mudo de área | 24 | 18,9% | 22 | 24,4% | 46 | 21,2% |
| Normalmente na minha cidade, mas alguns dias do fim de semana vou a outras cidades com meu grupo de amigos | 40 | 31,5% | 21 | 23,3% | 61 | 28,1% |

| | | | | | | |
|---|----|-------|----|-------|----|-------|
| Normalmente na minha cidade, mas alguns dias vou a outras cidades me encontrar com outros amigos (não do meu grupo) | 15 | 11,8% | 11 | 12,2% | 26 | 12,0% |
| Sempre ou quase sempre estou fora da minha cidade | 8 | 6,3% | 11 | 12,2% | 19 | 8,8% |
| Não respondeu | 5 | 3,9% | 3 | 3,3% | 8 | 3,7% |

Tabela A.10. Saídas dos fins de semana em relação ao sexo

| Você sai sexta-feira e sábado? | Homens | | Mulheres | | Total | |
|--------------------------------|--------|-------|----------|-------|-------|-------|
| | n | % | n | % | n | % |
| Sim | 72 | 56,7% | 36 | 40,0% | 108 | 49,8% |
| Não | 55 | 43,3% | 54 | 60,0% | 109 | 50,2% |

*p<0,05

Tabela A.11. Padrão de uso em *binge drinking* em relação aos espaços de lazer noturno

| Espaços de lazer noturno | Ir a bares e pubs | | Beber em ruas e praças | |
|--------------------------|-------------------|-------|------------------------|-------|
| | n | % | n | % |
| 1 a 4 doses | 54 | 49,5% | 26 | 39,4% |
| 5 ou mais | 55 | 50,5% | 40 | 60,6% |

*p<0,05

Tabela A.12 Policonsumo de drogas entre a população universitária

| | | Usa drogas ilícitas? | | | |
|-----------------------------------|-----|----------------------|-------|-----|-------|
| | | Sim | | Não | |
| | | n | % | n | % |
| Consumo de bebidas alcoólicas? | Sim | 39 | 92,9% | 98 | 57,6% |
| | Não | 3 | 7,1% | 72 | 42,4% |

APÊNDICE B - ORGANIZAÇÃO DO BANCO DE DADOS

B.1 Interesses culturais de lazer

Alguns esclarecimentos devem ser feitos em relação ao tratamento de dados sobre os interesses de lazer da população pesquisada. Para entender essas escolhas da nossa amostra, apresentamos uma lista de 22 opções de atividades que permitiam 3 respostas “Gosto”, “Pratico”, “Gostaria de praticar”

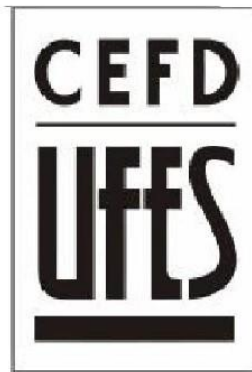
- Alguns participantes assinalaram as três opções “gosto”, “pratico”, “gostaria de praticar” para a mesma atividade. Percebendo a impossibilidade destas três opções se apresentarem justas, invalidamos tais respostas as apresentando como *não resposta*.
- As respostas vazias, ou seja, que não apresentavam a marcação de qualquer uma das opções, atribuímos como “não gosto”. Esta decisão foi tomada pela pesquisadora ao iniciar a fase de coletas de dados, já que não apareceram previamente na fase de piloto da pesquisa para o refinamento do questionário.
- Alguns participantes expuseram atividades que não foram indicadas nas questões sobre ocupação de lazer anteriores. Desta forma optamos por mostrar estes dados como 0 que indica uma não resposta, diferente das células em branco ou vazias, as quais não foi preenchida com nenhuma informação.

ANEXO1 - QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO

ESTUDO DA REALIDADE DE LAZER DAS JUVENTUDES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Este questionário, anônimo e confidencial, pretende conhecer a realidade social e pessoal de lazer das juventudes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. A sua colaboração é importante para o desenvolvimento deste trabalho, por isso pedimos alguns minutos do seu tempo e que você responda com sinceridade a todas as perguntas.

* Required



ANDALUZ

DADOS GERAIS

1. 1. Sexo: *

2. 2. Idade *

3. 3. Qual cidade vive?

4. 4. Com quem mora?

Mark only one oval.

- Moro com meus pais
- Compartilho domicílio com outras pessoas
- Moro sozinho(a)
- Outros

5. 5. Estado civil

Mark only one oval.

- Solteiro(a)
- Namorando
- Casado(a)
- Vivendo com parceiro(a)
- Viúvo(a)
- Divorciado(a)/Separado(a)

6. 6. Qual a sua situação atual?

Mark only one oval.

- Estou estudando
- Estudo e trabalho

7. 7. Quanto dinheiro você tem disponível para seu lazer por mês?

TEMPO LIVRE DISPONÍVEL PARA O LAZER

8. 1. No total, quantas horas livres você tem para seu lazer ou diversão nos dias da semana? (segunda-feira a sexta-feira)

9. 2. Este tempo é suficiente?

Mark only one oval.

- Sim
- Não

10. 3. No total, quantas horas livres você tem para seu lazer ou diversão durante os fins de semana?

11. 4. Este tempo é suficiente?

Mark only one oval.

- Sim
- Não

PREFERÊNCIAS E ESPAÇOS DE LAZER

12. 1. Das atividades de lazer listadas, aponte quais você gosta, se as pratica e se não, nos diga se gostaria de praticar

Check all that apply.

| | Gosto | Pratico | Gostaria de praticar |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Beber/sair para beber | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir a boates | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Sair ou se reunir com amigos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Viajar | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir ao cinema | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir ao teatro | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir a concertos/shows | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Escutar música | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir a museus, exposições | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Assistir a conferências, colóquios | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ler livros | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ler jornais | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ler revistas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Praticar esportes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Assistir competições esportivas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Participar de excursões | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Assistir televisão | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ouvir radio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Descansar, não fazer nada | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ir a república de estudantes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Usar o computador e celular (Youtube, redes sociais...) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Jogar videogames, jogar no computador, etc. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

13. 2. Das atividades que marcou que pratica na questão anterior, escreva a que mais gosta:

14. 3. Com quem geralmente pratica esta atividade?

Mark only one oval.

- Amigos
- Família
- Parceiro(a)
- Sozinho(a)
- outros

15. 4. Se assinalou mais de uma atividade que gostaria de praticar, escolha e escreva somente uma delas:

16. 5. Por qual motivo não pratica? (Escolha somente uma alternativa)

Mark only one oval.

- Falta de tempo
- Falta de dinheiro
- Não tenho como praticar
- Não há lugar para praticar
- Falta de decisão, preguiça
- Não sou autorizado à praticar
- Horários incompatíveis
- Dificuldade de transporte

17. 6. Com que frequência compartilha seu tempo de lazer com as seguintes companhias? *

Mark only one oval per row.

| | Diariamente | Varias vezes por semana | Uma vez por semana | Uma vez ao mês | Raramente | Nunca |
|-----------|-----------------------|-------------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Família | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Amigos | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Parceiros | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Outros | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

ESPAÇOS QUE FREQUENTA

Nos diga qual dos seguintes espaços você utiliza durante suas atividades de lazer. (MARCAR QUANTOS DESEJAR)

18. Espaços ao ar livre

Check all that apply.

- Parques
- Praias
- Espaços para beber nas ruas e praças
- Espaços esportivos ao ar livre
- Não frequento nenhum dos espaços citados
- Outros

19. Espaços públicos fechados

Check all that apply.

- Teatros
- Museus
- Salas de exposições
- Complexos poliesportivos
- Não frequento nenhum dos espaços citados
- Outros

20. Espaços privados

Check all that apply.

- Centros Comerciais (Shopping Centers)
- Cinemas
- Galerias de arte
- Bares
- Boates
- Não frequento nenhum dos espaços citados
- Outros

21. Espaços particulares

Check all that apply.

- Repúblicas de estudantes
- Local próprio
- Casa de amigos
- Não frequento nenhum dos espaços citados
- Outros

22. Você utiliza algum outro espaço? Qual/Quais?

LAZER NOTURNO

23. 1. Agora vamos falar de lazer noturno. Gostaríamos de saber o que você espera deste lazer. (Escolha somente uma opção) *

Mark only one oval.

- É sensação de fazer algo diferente, não rotineiro.
- É o momento dos jovens, é para as pessoas jovens.
- Na noite você se libera mais, desinibe-se.
- É uma sensação de liberdade, sem controle.
- É a mesma coisa que sair de dia.
- A noite acrescenta charme ao que você faz.

24. 2. Com que frequência sai à noite nos fins de semana em um mês normal? (Excluir período de férias)

Mark only one oval.

- Um fim de semana
- Dois fins de semana
- Três fins de semana
- Todos os fins de semana

25. 3. Normalmente você sai na sexta e no sábado?

Mark only one oval.

Sim

Não

26. 4. Que horas sai à noite normalmente?

Example: 8:30 AM

27. 4. E que horas geralmente volta para casa?

Mark only one oval.

Antes de 12h (meia noite)

Entre 12h e 1h da manhã

Entre 1h e 2h da manhã

Entre 2h e 3h da manhã

Entre 3h e 4h da manhã

Entre 4h e 5h da manhã

Entre 5h e 6h da manhã

Não volto até a manhã seguinte

28. 6. Atividades durante o lazer noturno

Check all that apply.

| | Faço/Pratico |
|--|--------------------------|
| Ir ao cinema | <input type="checkbox"/> |
| Ir a restaurantes | <input type="checkbox"/> |
| Ir a bares, cafeterias, pubs | <input type="checkbox"/> |
| Ir a boates | <input type="checkbox"/> |
| Ir ao teatro | <input type="checkbox"/> |
| Ir a concertos/shows | <input type="checkbox"/> |
| Sair para beber na rua | <input type="checkbox"/> |
| Praticar algum esporte/ realizar alguma atividade física | <input type="checkbox"/> |
| Passear | <input type="checkbox"/> |
| Ir à casa de algum amigo | <input type="checkbox"/> |
| Ir a repúblicas de estudantes | <input type="checkbox"/> |

29. 7. Se não realiza nenhuma destas atividades, o que você geralmente faz?

30. **8. Onde você sai normalmente com seu grupo de amigos?**

Mark only one oval.

- Somente no meu bairro.
- Sempre para a mesma área da cidade (que não é no meu bairro).
- Sempre na minha cidade, mas mudo de área.
- Normalmente na minha cidade, mas alguns dias do fim de semana vou a outras cidades com meu grupo de amigos.
- Normalmente na minha cidade, mas alguns dias vou a outras cidades e me encontro com amigos que não são do meu grupo fixo de amigos.
- Sempre ou quase sempre estou fora da minha cidade.

31. **9. Quanto dinheiro em média você gasta durante suas saídas nas noites da semana? (Segunda - Quinta) ***

32. **10. Quanto dinheiro em média você gasta durante suas saídas nas noites do fim semana? (Sexta - Domingo) ***

CONSUMOS NO LAZER NOTURNO

33. **1. Você normalmente consome bebidas alcóolicas durante suas saídas à noite?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não (pular para o item 6)

34. **2. Com que frequência consome bebidas alcóolicas?**

Mark only one oval.

- Somente aos fins de semana
- Fins de semana e durante a semana

35. **3. Ainda em relação à pergunta anterior, mais especificamente com que frequência consome bebidas alcóolicas?**

Mark only one oval.

- Todos os dias
- Todos os fins de semana
- Quase todos os fins de semana
- Uma vez ao mês
- Raramente

36. **4. Quando bebe, quantas bebidas contendo álcool consome num dia normal? (Um copo/ uma dose corresponde à 1 bebida)**

Mark only one oval.

- 1 ou 2
- 3 ou 4
- 5 ou 6
- de 7 a 9
- 10 ou mais

37. **5. Você acha que tem informação suficiente sobre os efeitos do consumo de álcool?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não

38. **6. Você consome substâncias ilegais?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não (pular para a próxima seção)

39. **7. Pode nos falar qual/quais substância(s)?**

Check all that apply.

- Maconha
- Cocaína
- Lança Perfume
- Ecstasy (MDMA)/Anfetaminas (SPEED)
- Crack
- Outras

40. **8. Se assinalou "outras" na pergunta anterior, escreva quais:**

41. **9. Com que frequência você consome estas(s) substância(s)?**

Mark only one oval.

- Somente aos fins de semana
- Fins de semana e durante a semana

42. **10. Ainda em relação à pergunta anterior, mais especificamente com que frequência consome esta(s) substância(s)?**

Mark only one oval.

- Todos os dias
- Todos os fins de semana
- Quase todos os fins de semana
- Uma vez ao mês

43. **12. Você acha que tem informação suficiente sobre os efeitos do consumo desta(s) substância(s)?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não

ALTERNATIVAS AO LAZER NOTURNO

44. **1. Você estaria disposto a substituir ou encurtar seu lazer noturno se tivesse uma programação que você gostasse na manhã seguinte ?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não

45. **2. Em caso afirmativo, qual seria está atividade, que tipo de atividade?**

46. **3. Você acha que as ocasiões de lazer noturno dos jovens causam transtornos à comunidade?**

Mark only one oval.

- Sim
- Não

47. **4. Em caso afirmativo, você teria alguma solução?**

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Espírito Santo Centro de Educação Física e Desportos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prof^a. Dra Liana Romera
Heloisa Heringer Freitas

O Sr/ Sr^a está sendo convidado a fazer parte da Pesquisa intitulada “**Vivências do lazer noturno juvenil da Grande Vitória**”. Sua participação é voluntária, sendo realizada por meio de questionário. Esta pesquisa, coordenada pela Dra Liana Abrão Romera e a Mestranda Heloisa Heringer Freitas, tem por objetivo conhecer as vivências e ocupações de lazer noturno dos jovens graduandos em Educação Física na Universidade do Espírito Santo

O participante deste estudo não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração podendo buscar, a qualquer momento, junto ao Pesquisador Responsável, esclarecimentos quanto ao objetivo da pesquisa e/ou relativos ao método e/ou quaisquer outras dúvidas que surgirem durante as entrevistas. Eventuais gastos necessários para viabilizar a participação, sejam eles de transporte ou outros quaisquer, serão ressarcidos pelos coordenadores.

Os dados serão coletados por meio de questionário, registrados e posteriormente citados no corpo do trabalho científico, guardando-se total anonimato dos participantes. A aplicação do questionário ocorrerá em uma sala de aula do Centro de Educação Física/UFES, com a duração máxima de 1 horas. Nenhuma informação será gravada, para que se minimize as possibilidades de haver algum tipo de constrangimento dentro do grupo.

Caso concorde em participar do estudo a identidade e os dados coletados serão mantidos em sigilo, sendo os mesmos utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados serão utilizados apenas para fins científicos mantendo-se a confiabilidade e a privacidade dos participantes.

Os participantes da pesquisa poderão, caso seja de sua vontade, se desligar do estudo em qualquer de suas fases. Embora mínimos, os riscos podem ser perspectivados como a possibilidade de uma avaliação e/ou exposição negativa das informações prestadas pelo informante, constrangimento por se tratar de um tema ainda considerado tabu em nossa sociedade, e, fadiga, pela duração do período de preenchimento do questionário. Para evitar os danos que tais riscos podem causar, possibilitaremos intervalos para água e acesso aos banheiros durante o preenchimento do questionário, garantiremos o anonimato dos participantes, bem como compartilharemos e validaremos todos os dados e análises com os participantes da pesquisa antes de publicá-los. Essas medidas visam minimizar o cansaço e garantem que o participante tenha clareza de que não serão realizadas exposições negativas das suas informações. Todavia, explicitamos a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, conforme Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde. Já os benefícios relacionados com a

sua participação estão relacionados à possibilidade da ampliação da produção teórica com possíveis reflexões no campo acadêmico, do lazer da saúde pública no que tange as vivências do lazer noturno entre os juvenis. Em caso de denúncias e/ ou intercorrências na pesquisa o participante poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone: (27) 3145-9820, pelo e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Os dados desta pesquisa poderão beneficiar os participantes de forma indireta, uma vez que os resultados alcançados poderão fornecer dados para a implementação ou aprimoramento de futuras ações no campo do lazer e da saúde pública. Este documento será impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador, sendo que cada um receberá uma via. O participante poderá entrar em contato com os coordenadores da pesquisa quando houver qualquer dúvida ou julgar necessário algum esclarecimento.

Prof. Dra. Liana A Romera - Fone contato: (27) 99953-5334

Heloisa Heringer Freitas - Fone contato: (27) 98116-2320

Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Educação Física e Desportos –Grupo de Pesquisa Andaluz. Av. Fernando Ferrari, 514 Campus Universitário Goiabeiras Vitória – ES. Cep: 29075-810 Tel: / (27) 4009 2636

Pesquisador Responsável: Heloisa Heringer Freitas

Local e data: Vitória,

Assinatura:.....

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo “Vivências do lazer noturno juvenil da Grande Vitória”, declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Assinatura

Local e data

Obrigada pela sua atenção.